

ANGELA MARIA, A NOVA "RAINHA DO RADIO"!

(Reportagem nas págs. 16-17)

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA
CR$ 4,00
N.º 960
27-2-1954



Adote, agora, a tonificante

"Massagem de Beleza"



com a ação medicinal do **Leite de Colonia**



Agora você não precisa mais disfarçar a flacidês ou as imperfeições de sua pele com o "maquillage" excessivo. Sim... será fácil para você conservar a suavidade natural... o encanto natural de sua cútis! Comece, ainda hoje, a fazer, em sua pele, a revitalizante "massagem de beleza" com a ação medicinal do Leite de Colonia removendo, assim, as manchas, espinhas, e tantas outras erupções. A "massagem de beleza" com o Leite de Colonia fará nascer em sua epiderme um novo e sedutor encanto natural!



INSISTA COM *Leite de Colonia*

— *é preparado pelo médico Dr. Arthur Studart*

I 102



Carioca

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

EMPRÊSA A NOITE
PRAÇA MAUÁ N.º 7
ANO XIX — N.º 960

Ouve, Pierrot!

De BONA FIDE



DESAFIVELA a máscara, Pierrot... Sonha! Sonha de olhos abertos. A realidade é que é mentira.

Eu sei que Colombina te espera. E se ela, às vezes, te engana, é por isso — a máscara...

Ha-de encontrá-la por aí, nos bailes do Municipal ou em outra qualquer parte. E se for tua, então é verdade. Só não se mente no sonho.

Que importa se, depois, nem te conheça? Passe por ti indiferentemente. E' assim mesmo a realidade: ajustam-se conveniências, dissimula-se, engana-se aos outros e a si próprio.

E' da tua máscara, Pierrot, que Arlequim se aproveita. Se não velasses o rosto, se não a colocasses nunca, nada aconteceria...

Não és, também, de máscara, sincero, Pierrot! Confessa...

Os teus pensamentos, os teus anseios recalcados, todo êsse conflito entre o teu consciente e o sub-consciente...

Que virtude, que sinceridade existem na realidade — essa eterna mentira?

Lembra-te do velho Eça, no "Mandarim", daquele homem que era como tu és quando estás mascarado? Não apertou ele o botão misterioso, às escondidas, a salvo das possiveis consequências, para matar o chinês no velho Oriente?

Ninguém viu...

Não crimines Colombina. A culpa é tua, Pierrot!

Continue, Pierrot, a face descoberta, apaixonadamente, mas, humano, homem como és, feito dessa mesma argila, "em ti tão rude" e tão bela em Colombina.

E a tua amada é mulher, antes de tudo...

O amor, Pierrot, é triste, na verdade, porque tentas prendê-lo quando êle tem asas. Deixa-o que gorgeie como os pássaros soltos para que o seu canto não seja um queixume. Asa liberta não foge do ninho. E quando foge, é inutil esperar que volte...

Não tentes ver o amor. Basta senti-lo. Crê para entender, como fazia Santo Agostinho com o impenetrável mistério da Santissima Trindade.

Só o sonho é verdade, Pierrot!

Colombina nas profundezas do ser, é sempre romântica. Ela não sabe, mas pressente a mentira da realidade. E é na realidade que se nega, que te engana, nos seus pensamentos, nos anseios recalcados, em todo êsse conflito do consciente e do sub-consciente...

Ela te ama como te imagina. Não creias que te quer como diz, com a máscara. E não é mistica. Não quer um deus, quer o homem.

Não compreendeste o drama de Picasso? "Estava cansado de carregar nos ombros um monumento nacional"...

Não, Pierrot!

Desafivela para sempre a máscara para seres feliz...

Que te importa se Colombina corra a fazer na quarta-feira de cinzas a cruz de cinza na fronte pequenina, emoldurado pelos seus cabelos dourados como o ouro velho ou tão negros como as noites cheias de estrelas, onde brilham os seus olhos úmidos e langues?

O carnaval voltará todos os anos. E ela também...

COISAS QUE NÃO SE ENTENDEM...

"Estrelas" que vencem pela plástica e só pela plástica se tornam famosas

De CARLOS FERNANDO



"Pin-up", ou "estrêla" dramatica? O futuro resolverá.



Enquanto a fama não vem, Eilleen vai aparecendo como pode.



Ela tem suas razões para confiar no futuro.



Eilleen Christy, um nome no caminho da fama.

NO cinema há de tudo. Coisas boas, coisas ruins, "alimento" para o espírito e para os olhos... Quanto a esta última espécie, basta darmos uma voltinha pelos concursos de beleza, ou mesmo pelas praias, para nos sentirmos, desde logo, bastante satisfeitos. Sabendo disso, os produtores procuram reunir o maior número possivel de "girls", que, com sua plástica, enfeitam a maioria das revistas musicais.

Naturalmente que nesse conjunto de linhas sinuosas reside uma das maiores atrações para as platéias e, por conseguinte, também uma grande fonte de renda para os estúdios. Vejamos, por exemplo, o caso de Eilleen Christy.

Essa garota, ainda um tanto desconhecida, não conseguiu até agora uma "chance" que a elevasse aos píncaros da fama, como "estrêla" dramática na acepção do têrmo. Queremos com isso dizer que, dos seus papéis até agora interpretados, nenhum foi suficientemente forte para lhe exigir maior empenho interpretativo.

O que descobriram em sua linda figurinha foi que ela é possuidora de uma plástica apreciável. Por conseguinte, tôda publicidade a seu respeito gira em tôrno das curvas, a única maneira que encontraram de fazê-la aparecer nas páginas dos magazines ilustrados.

Resta, porém, a possibilidade de Eilleen Christy se firmar no mesmo plano das mais famosas "pin-up girls", tais como Marilyn Monroe, Jane Russell, Betty Grable e outras cuja fama se alicerça ùnicamene na plástica.

(Conclui na página 60)

ELZA LARANJEIRA

NUMA roda de samba, numa "boite" granfina, ou numa pôse sofisticada, Elza Laranjeira é sempre "a cantora". Acima de tudo o mais, cantora.

Nasceu em Baurú, a terra que deu o nome a uns sanduíches gigantescos que há em tôda a parte, em São Paulo. E Baurú orgulha-se dessa menina Elza. Canta muito. Canta no rádio (Record), canta na televisão (Canal 7) e canta, ainda, na melhor "boite" de São Paulo. Perguntámos a Elza se também cantava em filmes. Ela olhou para nós daquele jeito que vocês estão vendo na fotografia (sem chapéu) e perguntou: "E cadê o tempo?" O que é, convenhamos, uma grande resposta. Porque a vida de Elza, é uma luta constante com o tempo. Gosta de dançar, mas não tem tempo. Gosta de futebol (é do Corinthians), mas também não tem tempo para ir ver os jogos. Gosta de namorar (ela diz "flirtar"), mas nem tempo para isso tem. Só para cantar.

Ao começar esta entrevistinha, pensamos que Elza era sofisticada, mas logo verificámos que não. Era só aparência, porque Elza gosta de tôda a gente, de tôdas as cidades, (adora o Rio), de todos os gêneros de música, de tôdas as bebidas e de tôdas as maneiras de cozinhar. E gosta, mas gosta mesmo muito de cantar, seja para que público fôr. É um amor.



Elza e seu chapeuzinho sifisticado.



Um sorriso gracioso.



Elza Laranjeira em plena roda de samba

A CULPA ERA DE CARLOS

Conto de V. E. THIESSEN

FOI numa quinta-feira à tarde que Gregório decidiu que Carlos teria de desaparecer de sua vida. Projetara passar algumas horas agradáveis vendo a televisão, e eis que Carlos lhe pusera por terra os planos...

— Maria! — chamou desorientado a espôsa, que geralmente sabia fazer face a essas emergências. — Maria, a televisão não funciona. Por acaso, sabe o que houve?

Maria refletiu um instante e logo sacudiu a cabeça.

— Não. Até ontem funcionava perfeitamente. Com certeza Carlos andou por aqui novamente. Vou telefonar à Companhia, para que mandem alguém.

— Carlos! — bradou rGegório, cerrando os punhos: Carlos!

O interessante no caso era que Carlos não passava de um ser imaginário, uma espécie de fantasma, de duende familiar, criado por Maria. Quando qualquer coisa não corria bem em casa, geralmente era atribuída a culpa a Carlos.

Naquele instante o porteiro tocou e entregou a Gregório uma carta. Era um aviso de que os impostos estavam atrasados.

— Lê isto, Maria! Era o que me faltava! Um aviso, de que terei de pagar em dôbro a multa porque novamente deixei expirar o praso... Que fizeste do cheque que te dei outro dia para fazeres êsse pagamento? Será que não aprenderás nunca a prestar atenção às coisas? Caramba, nunca te peço nada e no dia em que o faço... Não sei onde tens a cabeça!...

Maria não disse uma palavra. Observando-a, Gregório viu-a morder os lábios e por um momento lamentou terlhe falado com tanta aspereza. Logo, porém, notou que seus olhos se iluminavam e um sorriso lhe aflorava aos lábios, como se de súbito houvesse lembrado algo alentador em relação ao cheque não remetido.

— Esqueceste de pôr no correio o cheque, não? — perguntou, senho franzido. Mas vendo que seus olhos refletiam surpresa, sua indignação cresceu:

— Não te faças de tonta, Maria, por favor!

Ela aproximou-se e pôs a mão em seu ombro.

— Não, Gregório. É que, acredita, não me lembrava que esqueci de remetê-lo. Ia sair para pô-lo no correio quando alguém chegou e me distraí. Deve ter sido Carlos. Sim, sem dúvida foi êle... Olha — prosseguiu num tom persuasivo — por que não vais ouvir em casa de um vizinho êsse programa que tanto te interessa? Prometo que agora mesmo vou providenciar o consêrto do nosso aparêlho.

O homem estendeu o braço para apanhar o chapeu que estava na mesinha do "hall" e, voltando-se, exclamou num tom irritado:

— Agora, Maria, presta bem atenção ao que te vou dizer. Estou cansado, estou farto dessa história de atribuires a Carlos todos teus descuidos, teu desleixo, tua falta de atenção. Chega disto, ouviste? Chega! Estás-te portando como uma criança e o pior é que estás dando um mau exemplo ao nosso filho. E com êle a coisa muda de figura. Sim, porque não vou admitir que atribua suas faltas um ser imaginário. Terá que assumir a responsabilidade dos seus atos, que é o que também tu devias fazer. Portanto, chega! Basta! Esquece uma vez por tôdas a existência dêsse Carlos. Pára co misto!

E ia sair, quando se lembrou de algo e, voltando-se, chamou o filho que estava no andar de cima.

— Joãozinho, acompanha tua mãe hoje à tarde quando ela fôr fazer compras. E guia tu o carro. Sabes como ela dirige, que é uma lástima!... E muito cuidado, tu também!

Enfiou o chapéu na cabeça com tanta fôrça que quase o enterra até às orelhas e saiu batendo a porta com tanta violência que as paredes estremeceram.

Horas mais tarde, ao regressar à casa, estava ainda mais mal humorado. Os filhos do vizinho, com seus gritos e brinquedos, não lhe haviam permitido desfrutar sossegadamente seu programa favorito. E foi precisamente quando reparou numa nogueira que ficava próxima à garage de sua casa.

Deteve-se incrédulo. Alguém ou algo dera um golpe tremendo na árvorre. Possuido de súbita suspeita, atravessou a rua e dirigiu-se ao local onde estava estacionado seu carro. Tal como suspeitara a parte trazeira do acrro estava completamente amassada. Com irritação crescente, pensou:

— Joãozinho não pode ter sido o autor disto!

Decidido, dirigiu-se para casa, subiu os degraus da entrada e, encontrando a porta trancada, pôs-se a revolver os bolsos à procura da chave. No fundo de um dêles, precisamente no de um da capa, deu com algo diferente. Com o senho franzido, procurou ver o que era. Uma carta endereçada à instituição a cujo encargo estava a cobrança de impostos atrasados. Logo, como envolta em brumas, lhe ocorreu a idéia de que havia um cheque dentro... Sacudiu a cabeça. Fôra êle e não Maria quem esquecera...

Entrou. Maria veio ao seu encontro, beijou-a e tomou-lhe o chapéu e a capa. Sentindo-se tão pequeno quanto uma formiga, êle mostrou-se a carta que tinha na mão.

— Fui eu quem esqueceu de pôr o

(Conclui na página 58)



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
— Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

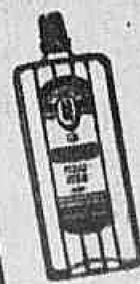
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

INDISPENSAVEIS!



á Vida, Beleza e Vigor dos cabelos

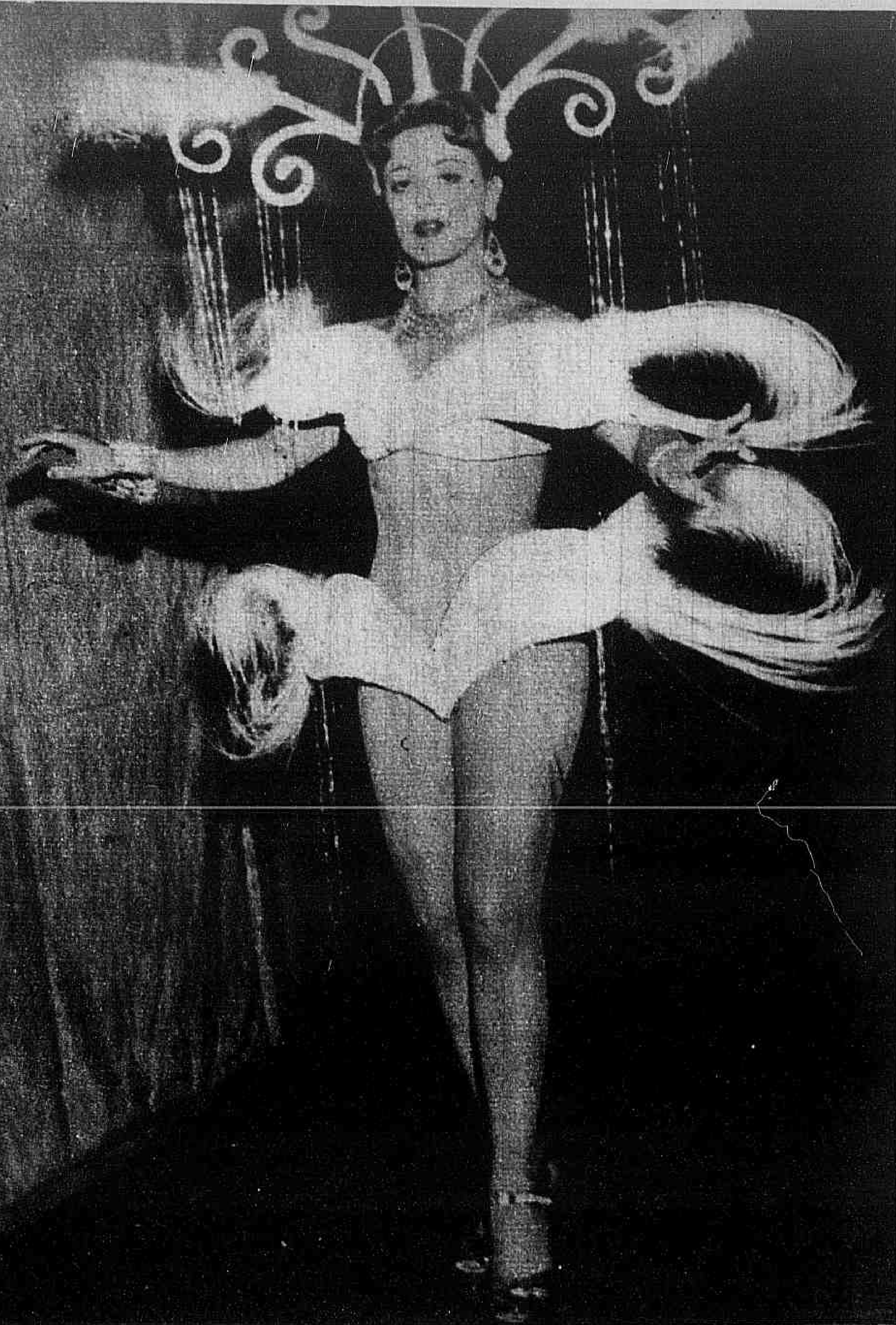
PRODUTOS
PHENOMENO
TARRÉ


LOÇÃO fortifica

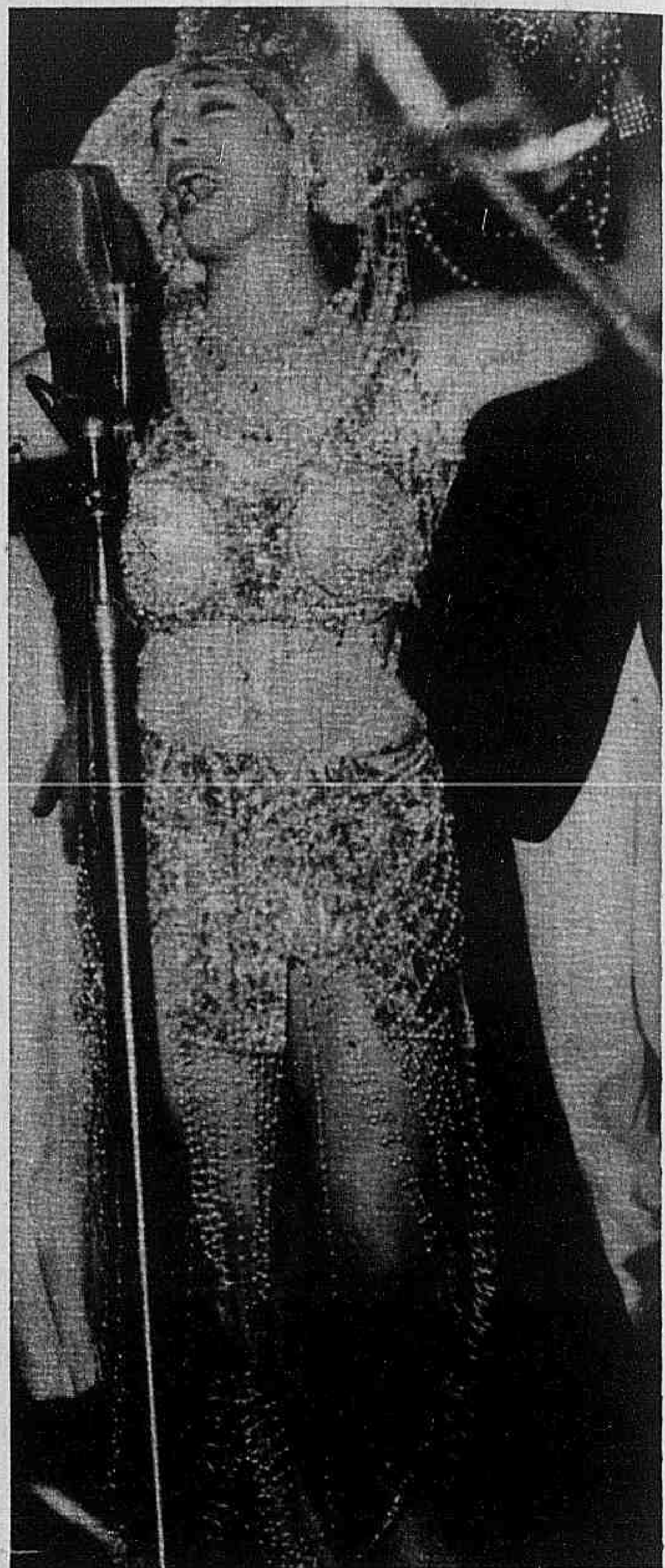

ÓLEO ondula


BRILHANTINA fixa

QUAIS SERÃO OS



Virginia Lane com o «Zé Corneteiro» obtem um dos grandes sucessos do Carnaval de 1954.



Marlene tem três músicas muito boas, «Patinete no Morro», «Funga-Funga» e «Marcha do Tambor».



Jorge Goulart com o «Abre Alas» e «Aquêle gato» já se sagrou como um dos vitoriosos do Carnaval de 54. Ao seu lado a encantadora Marion, que particpa também da batalha do Carnaval com duas músicas gravadas.



Risadinha diz: O que eu quero é rebolar.

VENCEDORES E VENCEDORAS DO CARNAVAL DE 1954?

QUAIS SERÃO OS VENCEDORES E VENCEDORAS DO CARNAVAL DE 1954? MUITOS RESPONDEM, DESDE JÁ, A ESSAS PERGUNTAS, INDICANDO OS NOMES DE FULANO E SICRANO E TAIS E QUAIS MÚSICAS. REALMENTE ALGUNS DOS VENCEDORES E VENCEDORAS JÁ «APONTAM» NITIDAMENTE. MAS O MELHOR É SEMPRE ESPERAR PELO FINAL DA PELEJA, EM QUE O POVO DIRÁ A PALAVRA DEFINITIVA E IRRECORRIVEL.



Jorge Veiga já está seguro com dois sambas e a «História da Maçã». Ao seu lado Ruth Amaral, que defende «Pulga na Camisola» com muito sucesso.



Linda Batista é a criadora, êste ano, de um grande samba, «Graças a Deus».



Chocolate não falta nunca em nenhum Carnaval e sempre arranja um jeito de fazer sucesso.



Gilberto Milfont é o cantor de classe que todos conhecem. E êle aparece sempre, bem em forma, na hora oportuna.



Grupo tirado na Mayrink Veiga, por ocasião da homenagem prestada a Joana D'Arc, por motivo de seu aniversário, vendo-se, além de "estrêla", as cantoras Ruth Amaral, Marly Sorel e Saluquia Rentini, Tais Beline e o animador do programa, Silveira Lima

NA RÁDIO MAYRINK VEIGA

O Programa Silveira Lima, sempre atraente e cheio de novidades — Homenagem a Joana D'Arc por motivo de seu aniversário — Astros e estrelas cantam ali as suas músicas de Carnaval

Reportagem de José Luiz

Especial para CARIOCA

Silveira Lima tem, hoje, um dos programas mais ouvidos da cidade. Já nos temos referido aqui a êsse programa, que vai ao ar todos os domingos, das 12 às 15,30 horas, no auditório da Mayrink Veiga. E' uma apresentação sempre variada. Sorteios. Coisas engraçadas. Elementos novos que se revelam. Calouros que aparecem. E ao lado de tudo isso, o concurso de grandes cartazes do rádio, não só da PRE-9, como da Nacional e mesmo de outras estações. Silveira Lima, jovem e simpático, é um espírito empreendedor, um homem que conhece o que se deve fazer para agradar o público e conquistar ouvintes. Ele é, sem dúvida, um dos vitoriosos do nosso "broadcasting".

*

Esta semana ultima o programa Silveira Lima esteve em festas. E' que fazia anos a "estrêla" oJana D'Arc, tão querida e admirada dos frequentadores e ouvintes daquele programa. Joana D'Arc, festejada "vedette" de teatro, alcança no rádio os mesmos sucessos que a consagraram na revista. Já possui uma legião de fãs e já entra em cena ouvindo de suas admiradoras o clássico

estribilho: "E' a maior!...". Significativa homenagem foi prestada a Joana D'rc no auditório da Mayrink Veiga, associando-se à mesma destacados elementos do rádio brasileiro, que cantaram em honra à aniversariante.

*

Por fim, queremos registrar o concurso de Silveira Lima ao Carnaval de 1954. Seu programa tem estado aberto aos cantores e cantoras, sem distinção de emissoras, que desejam apresentar alí as suas músicas. Assim, os ouvintes de Silveira Lima e os frequentadores do auditório têm podido ouvir e ver os cartazes todos do Carnaval de 54 e as marchas e sambas que já vão tomando conta da cidade.

Acontece, porém, que a fase carnavalesca está no fim, e Silveira Lima promete muitas novidades e muita coisa interessante nos dias que se seguirão.



Flagrante colhido no auditório da Mayrink Veiga, durante o programa de Silveira Lima

Ao microfoue da Mayrink, as duas "estrêlas": Marly Sorel e Joana D'Arc, e o locutor Silveira Lima





Olivinha Carvalho, futura senhora Afrânio Rodrigues.



Um sorriso da graciosa «estrelinha», numa foto de Halfeld

OLIVINHA CARVALHO VAI SE CASAR

A estrelinha da Nacional encontrou o seu "príncipe encantado" — Não abandonará o rádio — É fan de Nelson Gonçalves e Isaurinha Garcia — Carioca da gema

Reportagem de ROBERTO LUZ • Fotos de ZACARIAS

OLIVINHA Carvalho é uma jovem encantadora, com uma vozinha deliciosa, que a torna uma de nossas mais queridas cantoras. Olivinha, que na vida real se assina Olívia Carvalho, iniciou muito cêdo sua carreira artística, para ser mais preciso, aos cinco anos de idade, apresentando-se na antiga Rádio Cajuti no programa de Eraldo Português. Mas, não perderemos tempo traçando o roteiro da vida de Olivinha, uma vez que os fãs já o conhecem. Falaremos da Olivinha Carvalho atual, verificando seu modo de pensar e sua opinião sôbre assuntos diversos, que sejam naturalmente de interêsse para os leitores. Para isso, nada melhor que um «bate-papo» com a artista que, com seus 23 anos, ainda permanece solteira. Não foi difícil encontrá-la e iniciamos nossa palestra indagando da estrelinha:



Duas graciosas estrelinhas da música brasileira: Olivinha Carvalho e Aracy Costa.

— Então, já encontrou o seu «príncipe encantado»?

— Já.

O repórter, sabedor de que Olivinha Carvalho era um dos partidos mais cobiçados do rádio, e que ainda não havia se decidido a casar, ficou um pouco surprêso ante a resposta, procurando saber imediatamente o nome do felizardo.

— Afrânio Rodrigues — informou-nos ela —. Estamos noivos e possivelmente ainda êste ano nos casaremos. Êle é meu «príncipe encantado», pois nêle encontrei

as qualidades que julgo essenciais para um bom espôso.

Se bem que existissem comentários de um romance entre Olivinha e Afrânio, até o momento nada havia de positivo. Ante, porém, uma afirmação tão categórica, não restava a menor dúvida de que a coisa é pra valer. Foi então que procuramos saber se Olivnha era ou não favorável ao divórcio. Sua resposta não se fez esperar:

— O assunto é um pouco delicado, em virtude de sua complexidade. Entretanto, em certos pontos, sou favorável, em outros, não. Enfim, isto é algo que compete aos legisladores para os quais a minha opinião valerá muito pouco.

— Quais são os seus passa-tempos favoritos?

— Raramente possuo tempo para passa-tempos, pois minha atividade no rádio e em «shows» é intensa. Todavia, quando existe uma folga, vou à praia, ao cinema, ao teatro e, mais comumente, dedico alguns minutos à leitura.

Outra coisa que certamente interessaria aos leitores, mas que nos passara despercebido até então, era saber se Olivinha deixaria a vida artistica após o casamento. Ela nos esclareceu logo:

— Não vejo motivo para tal. O fato de estar casada não me impede de permanecer no rádio, ainda mais que meu futuro espôso também é de rádio e trabalha na mesma emissora. No entanto não poderei afirmar que sim ou que não, porque o futuro a Deus pertence.

E nossa palestra prosseguiu, agradável, cheia de interêsse, pois a cada momento Olivinha nos revelava coisas novas. Soubemos, por exemplo, que, no rádio, seus preferidos são Nelson Gonçalves e Isaurinha Garcia, que seu primeiro ordenado foi de 600 mil reis mensais, isto quando trabalhava na antiga Rádio Guanabara, na rua 1º de Março, e que hoje ganha 10 vezes mais, ou seja exatamente 6 mil cruzeiros, fora suas gravações, excursões e «shows» em que toma parte. E, para finalizar, Olivinha disse-nos:

(Conclui na página 60)



Os fãs não a deixam. Aqui ela concede uma entrevista.



Olivinha já foi candidata à «Rainha do Rádio». Não se elegeu, mas mesmo assim ficou feliz. Aqui a vemos durante uma apuração, ao lado de Manoel Barcelos e Aracy Costa.



No programa Cesar de Alencar, a sua «estrelíssima» Emilinha Borba, recebe várias faixas, enquanto a assistência se prepara para ouví-la em seu grande sucesso do momento: «Renunciei».

A última semana da batalha do Carnaval



Black-Out já se pode considerar um dos vencedores do Carnaval de 54 com «Piada de Salão» e «Ai, meu senhor». Black-Out é o homem, como diz Nestor de Holanda, que nunca deixou passar em branco um Carnaval.

A batalha do Carnaval caminha para o seu desfêcho. A luta continua com o mesmo entusiasmo dos primeiros sica. Todos confiam e esperam a outro na defesa de sua música. odos confiam e esperam. Se de fato algumas marchas e alguns sambas se destacam, desde agora, sôbre os demais, isso não implica em perda de ardor combativo por parte dos outros que continuam sustentando suas interpretações. O Carnaval é muito grande e comporta muitos sucessos. A verdade é que tivemos, êste ano, uma floração de músicas magníficas e essas foram cantadas pelos seus intérpretes com o máximo de animação e de entusiasmo. Esperemos agora o desfêcho da luta nos bailes pre-carnavelscos e nos bailes de Carnaval propriamente ditos. Esperemos também o veredicto do povo, expresso no que se cantará e dançará pelas ruas da cidade.

A dupla vitoriosa Zé e Zilda.





Cesar de Alencar gravou com grande sucesso «A Marcha do Abdala» e está sendo em seu programa o general de uma das frentes de batalha mais animadas do Carnaval brasileiro.



Outro vitorioso é Jorge Veiga, que já está com uma música «abafando» e outras «pintando» na mesma trilha do sucêsso.

ANGELA MARIA, A NOVA "RAINHA DO RADIO"!

QUASE UM MILHÃO E MEIO DE VOTOS ALCANÇOU A VENCEDORA

Fotos de NELSON SANTOS



Rogeria conquistou a terceira colocação. Não ficou triste, como se vê.

Encerrou-se, finalmente, o sensacional concurso para eleição da "Rainha do Rádio" de 1954. Os fãs e os meios radiofônicos por muito tempo estiveram em suspenso, ante a expectativa criada pela corrida dos votos, que não deixava antever sequer um esbôço dos resultados finais. Na tarde do dia 18, a emoção chegou ao máximo, quando a comissão apuradora se reuniu nos salões da Associação Brasileira de Rádio, sob a presidência de Manoel Barcelos, para a verificação das últimas urnas. E, ante uma geral tensão nervosa, foi proclamada a vencedora: Angela Maria! Assim, o trono do Rádio tem uma nova ocupante, na pessoa da aplaudida artista da Nacional, uma das maiores revelações surgidas ultimamente nas hertzianas. A coroação oficial de Angela Maria será levada a efeito por ocasião do 7.º Baile do Rádio, no Teatro João Caetano.

Para conhecimento dos fãs, damos a seguir a colocação das candidatas e o número de votos conquistado:

1.º	— Angela Maria	1.464.996
2.º	— Vera Lucia	901.004
3.º	— Rogeria	440.002
4.º	— Marlene Matos	192.718
5.º	— Carmen Déa	188.146
6.º	— Marion	175.961
7.º	— Lana Bittencourt	175.000
8.º	— Iris Del Mar	30.950
9.º	— Irene Macedo	29.596
10.º	— Gilda de Barros	26.818



Proclamada a vitória de Angela, os fãs deliraram.



A mesa apuradora em plena atividade. Um trabalho meticuloso e estafante.

Manoel Barcelos, presidente da A. B. R., coloca a corôa na cabeça da nova "Rainha do Rádio".



Carmen Déa (5.º lugar), Belinha Silva (11.º) e Vera Lucia (2.º)

PATRICIA MUNSEL

ADERE AO CINEMA

DO PALCO DO METROPOLITAN OPERA PARA A TELA — SUAS AMBIÇÕES ABRANGEM TAMBÉM A TELEVISÃO E O RÁDIO

De J. CUNHA SOARES



Na sua caracterização de "Melba" sua estréia no cinema

Ela é cem por cento esportiva e aí está fazendo exercícios na piscina

AO contrário de muitas novatas de Hollywood, que surgem da noite para o dia sem que antes alguém houvesse lido ou ouvido qualquer referência ao seu nome nos meios artísticos, Patrice Munsel inicia a sua carreira no cinema depois de haver conseguido fama no Metropolitan Opera House, de Nova Iorque, como uma das mais promissoras cantoras líricas da nova geração. E não foi só nos meios operísticos que o seu nome se tornou conhecido e admirado por todos. Também no mundo dos discos: porque ela fizera várias gravações de trechos líricos, "pot-pourri" de árias favoritas do público. Igualmente, na televisão, Patrice Munsel já havia atuado, para maior gáudio dos fãs.

Agora, Patrice é atraída pelo cinema e verdadeiramente se vê tentada a fazer um filme como principal protagonista. Êsse papel, por sinal, tem muita afinidade com sua formação artística, pois se trata de reviver na tela a esplendorosa vida de um soprano que marcou época, aparecendo em espetáculos líricos e que se chamou Nellie Melba, cuja vida amorosa a tornou mais conhecida, ou tão



Fazendo umas gravações de estúdio ao lado do cantor Tony Martin



Patrice Munsel, a jovem cantora lírica que acaba de aderir ao cinema

conhecida quanto à vida artística. Lembram-se dela?

Patrice Munsel nasceu em Spokane, Estado de Washington, e começou muito cedo a aprimorar a sua vocação. Aos 14 anos de idade, cantou uma área para apreciação do conhecido maestro Vladimir Bakaleinikoff, que, depois de a ouvir, confessou que, realmente, para a sua idade, era admirável a voz que a menina possuia. A partir dessa data, os pais de Patrice se interessaram em que ela estudasse canto. Aí começa a sua peregrinação pelo reino da arte lírica. Enquanto aprendia vocalização, com professôres de Spokane, cantava no côro de várias igrejas locais e da redondeza. Aos 15 anos, foi para Nova Iorque com sua mãe, a fim de intensificar e aperfeiçoar os seus estudos vocais durante dois anos.

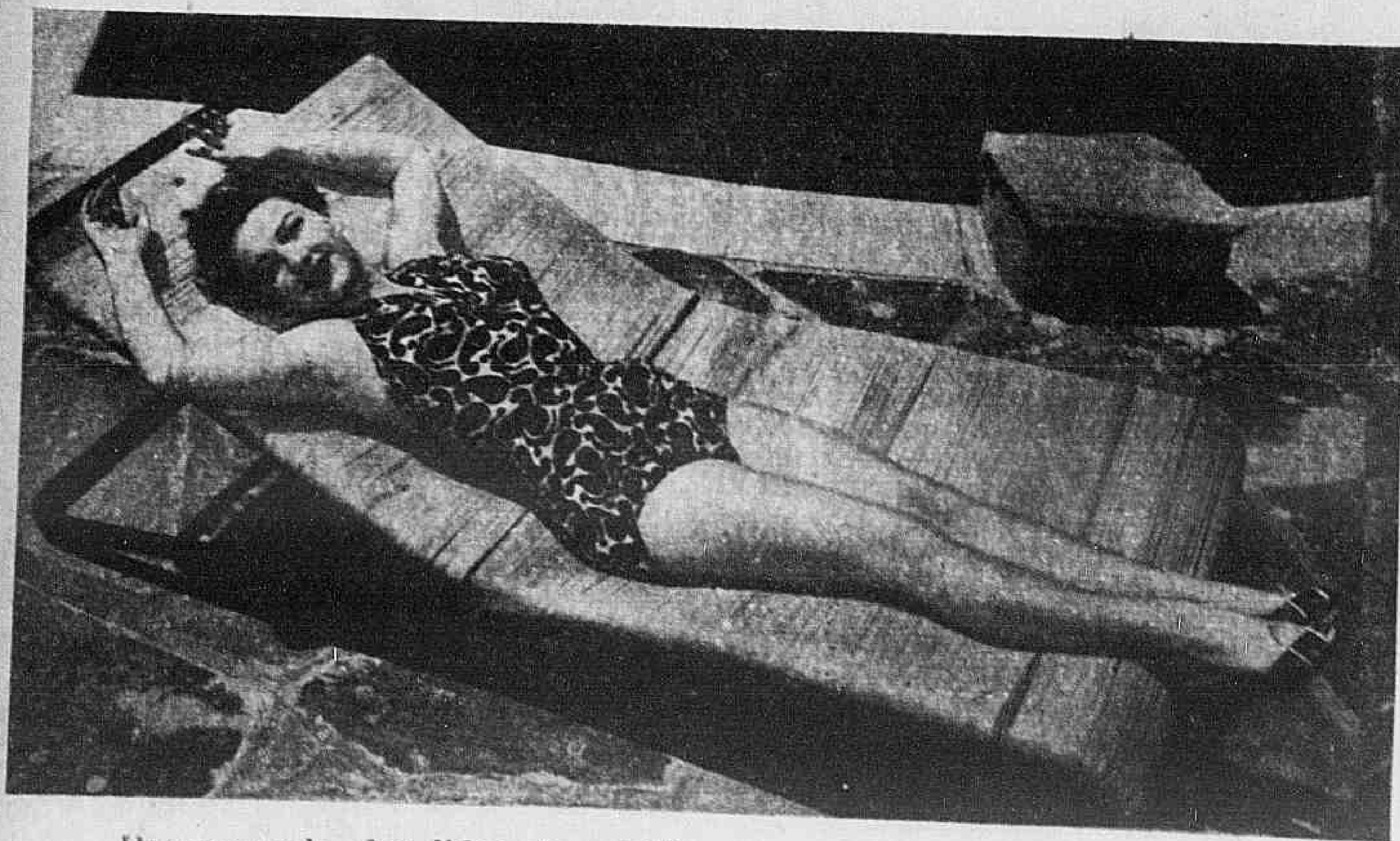
Aos 17 anos, Patrice venceu um concurso aberto pelo Metropolitan Opera que era uma espécie de programa de calouros, mas calouros líricos que possuissem já uma certa educação musical e cênica. Ela cantou nessa ocasião a ária da cena da loucura, da ópera "Lucia di Lammermoor", de Donizetti, ária que, por sinal, cantará no seu filme de estréia. Como vencedora do concurso, obteve um contrato-prêmio, que lhe deu a oportunidade de fazer a sua estréia no Metropolitan, cantando na ópera "Mignon", no papel da personagem "Philine". Logo depois, colheria os louros da sua primeira grande vitória, quando desempenhou um papel de maior destaque, em "Die Fledermaus" (O Morcego), de Richard Strauss.

Aí está a jovem Patrice Munsel, com o nome já feito no mundo da arte lírica, já conhecida pelos espectadores de "shows" de televisão e possuidores de discotecas, e que agora vai fazer a sua estréia no cinema. Não é novidade o fato de se ver uma cantora ou cantor do Metropolitan Opera House atraido pelo cinema. Os exemplos se multiplicam. Podemos citar Nelson Eddy, Lauritz Melchior, Ezio Pinza, Mario Lanza, Jeanette MacDonald, Jan Kiepura e tantos outros.

Patrice Munsel casou-se recentemente com o produtor de espetáculos de televisão e diretor Roberto Schuler. O casal foi passar a lua de mel na Inglaterra, onde Patrice atuará no seu filme de estréia, que se intitulará "Melba" e será rodado na velha Albion.



«O Grande Espetáculo» («Carnival Story»), é seu primeiro filme para as telas panorâmicas.



Descansando das lides do estúdio, numa bela manhã ensolarada.

A ex-morena "bate um papo" com a gente da imprensa...

Por Charles Saints

HOLLYWOOD — Fevereiro de 54 — Anne Baxter, após breve ausência de Hollywood, acaba de regressar da Europa onde esteve trabalhando no elenco de «O Grande Espetáculo» («Carnival Story»). Passou duas semanas em Munique, antes que Hollywood se resolvesse a chamá-la para lhe entregar novos papéis.

Durante a entrevista que concedeu a alguns jornalistas, Miss Baxter teve

ENCONTRO COM ANNE BAXTER

oportunidade de confirmar o conceito em que é tida relativamente ao trato com o próximo. De fato, Anne é uma das «estrêlas» mais justamente admiradas pela imprensa cinematográfica, em virtude de sua fina educação, suas maneiras elegantes e distintas. Assim se expressou com respeito a suas horas de folga:

— Descanso sòmente quando estou lendo alguma coisa que me interessa, tal como o roteiro de meu próximo filme... ou quando estou dormindo o necessário para enfrentar o «batente» do dia seguinte. Sou essencialmente caseira. Nos dias de folga, quase nunca saio de casa, mesmo a pretexto de distração.

— «E a que você atribui êsse apêgo ao lar? — indagou, curioso, um dos repórteres.

— «Não sei. Meu pai, Kenneth Stuart Baxter, é igualmente um homem do meu feitio: não faz outra coisa senão ir de casa para o trabalho e vice-versa, assim como também minha mãe raramente sai de casa».

— «Mas essas suas últimas viagens não vêm desmentir o que acaba de nos afirmar? — perguntou uma voz lá do fundo da sala.

— «Por estranho que pareça — disse Anne Baxter, sorrindo — a obrigação do meu contrato me levou a conhecer metade da Europa, sem que nada pudesse interferir para evitá-lo».

— E tem viajado pelos Estados Unidos?

— Sim, por quase todo o país. E visitei, também, alguns lugares do México... tal como a capital e Acapulco, onde tenho passado algumas das minhas férias».

— «Você fala castelhano?» — perguntaram em seguida.

— «Sim, um pouco».

Indagada a respeito dos seus próxi-

(Conclui na página 60)



Anne Baxter vale por um espetáculo.



Os fãs apreciarão uma Ane Baxter, loura, atuando com Steve Cochran, «astro» do futuro.



Com lyle Bettger, Anne brilha no ambiente circense de «O Grande Espetáculo».

NOVIDADES, BOATOS E MEXERICOS DE HOLLYWOOD

Por MARIA GERTRUDES

HOLLYWOOD inteiro se alarmou com o boato de que a Metro-Goldwyn-Mayer fecharia suas portas no próximo mês de março. A notícia ainda mais tomou "ares de verdade", quando se soube que os diretores do grande e importante estúdúio haviam determinado a suspensão da filmagem nesse mês. A história tôda se esclareceu, porém, com a declaração de Dore Sehary, em nome daquela emprêsa, de que a M-G-M pretendia realizar um extenso programa de filmagem e distribuição no corrente ano, e acrescentou: — No mês de março, os palcos serão reconstruidos e alguns dos nossos musicais entrarão em ensaios. Não haverá, na verdade, filmagem durante êsse mês, mas isto não significa de modo algum que vamos fechar as portas. Nunca tivemos uma programação mais extensa.



Quatro belezas ao sol: Claudette Thornton, Mary Castle, Lori Nelson e Kathleen Hughes



Uma graciosa atitude de Ruth Roman, a linda "estrêla" de tantos filme de grande êxito

—*—

Apesar de não ter comentado até agora o caso, Betty Grable deve sentir "alguma coisa" ao ver o seu nome abaixo do de Marilyn Monroe, na produção da 20th Century-Fox — "How To Marry A Millionaire". Betty foi durante muitos anos a rainha incontestada daquele estúdio, mas como agora não está mais sob contrato com a 20th, e Marilyn é, atualmente, a estrêla do momento, seu nome tem a primazia no cartaz...

—*—

Johnny Weismuller, o famoso Tarzan da nossa juventude, volta ao cinema no principal papel, ou melhor no único papel masculino importante do próximo filme de



Eilleen Christy e Lucille Norman, a dupla feminina de "A Canção Que Não Morreu"

Sam Katzman. O enredo do filme é baseado nas reais aventuras que, no momento, atravessa um grupo de moças americanas que se encontra nas selvas da Africa.

—*—

Audrey Hepburn desmente, categoricamente, o seu propalado romance com Gregory Peck durante a filmagem de "Roman Holiday". A infeliz separação de Greg e Greta nada tem que ver com a sua pessoa, afirma a talentosa estrêla. A naturalidade e o sentimento que deram às suas cenas de amor foi o que motivou a aparência dos boatos, declara Hepburn.

—*—

Os fãs de Tony Curtis não ficaram nada satisfeitos com o corte de cabelo, quase raspado, com que o ator aparece em "All-American". Desde que o filme começou a ser exibido, que o estúdio tem sido bombardeado pelas cartas dos fãs que exigem que o seu ator favorito deixe o cabelo crescer...

E falando em cabelos, o pobre Scott Brady teve que pintar os seus de preto, e, ainda por cima, fazer uma ondulação permanente, devido às exigências do seu papel ao lado de Joan Crawford em "Johnny Guitar".

—*—

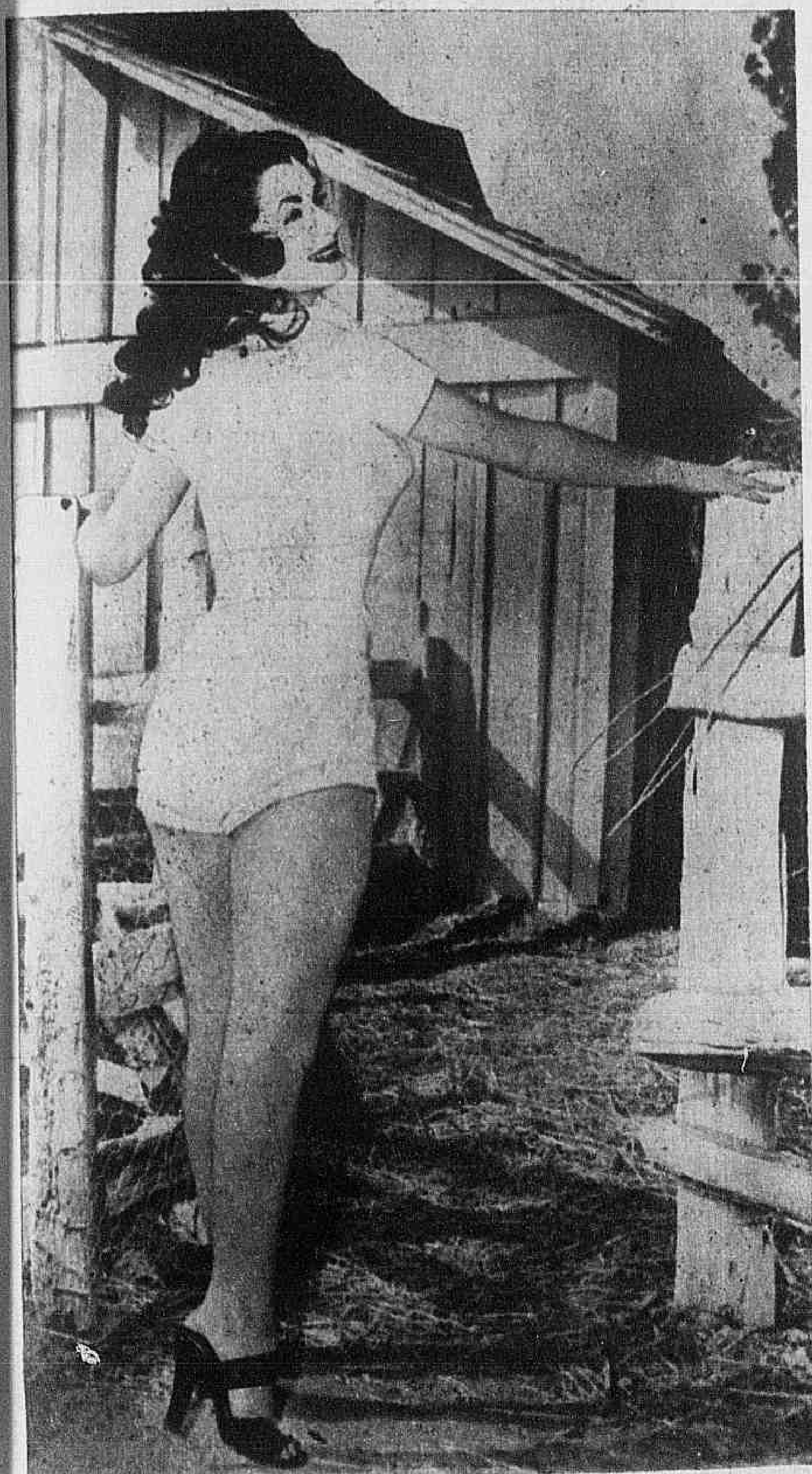
Dick Haymes parece não ser o único ator que se encontra em dificuldades para satisfazer os seus compromissos financeiros; a vida do nosso conhecido Mickey Rooney não é atualmente nenhum mar de rosas. Sua ex-espôsa Martha Vickers, requereu a prisão do ator alegando a falta de pagamento da pensão alimentar. Mickey deve, ainda, vultosas quantias de impostos atrasados, além de alimoni de suas outras espôsas... Talvez a dificuldade dêsses atores sirva pelo menos de aviso a êsses cavalheiros e essas moças que encaram o divórcio, como coisa banal e corriqueira.

—*—

Uma das coisas mais interessantes, acontecida durante a sensacional premiere de "The Robe", foi ver-se a fisionomia da maior parte das famosas estrêlas presentes quando o "speaker", que anunciava a chegada dos convidados, assinalou a presença de Joan Crawford como "a maior estrêla de Hollywood"...

—*—

(Conclui na página 58)



A "new-face" Ruth Hampton será lançada no tecnicolor "Law and Order" ("Duelo de morte")



Marilyn Maxwell e Richard Basehart formam o novo casal cinematográfico de sucesso

MARATONA DO PUBLICO PARA ACOMPANHAR

O I FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DO BRASIL

Quase impossivel seguir à risca o programa — Como transcorreu o primeiro dia do festival — Mervin Le Roy, o diretor de "Quo Vadis?", afirma que o cinema norte-americano não está em crise — Von Stroheim, um exemplo digno de ser imitado — As delegações presentes — Um filme lusitano baseado num conto de Eça de Queiroz

Texto: ADÃO CARRAZZONI
Fotos: UBALDO TERRA



Mitiyo Aratma e Fubuki Koshidi, duas «estrêlas» orientais que estão emprestando um colorido bizarro ao certame cinematográfico de S. Paulo.



Mervin Le Roy, o diretor de «Quo Vadis», concedeu uma entrevista cheia de bom humor e, inclusive, não acredita na propalada crise do cinema norte-americano.



Dinah Mezzomo também está presente ao festival cinematográfico de S. Paulo. Ei-la quando falava ao microfone da Rádio Continental, entrevistada por Manoel Jorge.



Erich Von Stroheim, o magistral intérprete de «Cinco Covas no Egito», prestigiou o Festival do Cinema e aqui aparece em companhia de sua jovem espôsa.



France Roche, cronista francesa, está acompanhando o programa com muito interêsse, embora tenha que fazer uma verdadeira maratona para cumpri-lo.

Difícil, senão quase impossível, se torna acompanhar o programa do I Festival Internacional de Cinema do Brasil, realizando-se em S. Paulo como parte integrante dos festejos do quarto centenário da capital bandeirante. Isso porque a programação, às vezes, tem horários quase coincidentes em lugares diversos e, também, por terem surgido alguns embaraços entre a Comissão Executiva e vários repórteres e fotógrafos. Muita animação, entretanto, nota-se no desenrolar do Festival que atraiu representações da Itália, França, Espanha, Japão, Inglaterra, Argentina, Uruguai, Peru, Paraguai, Chile e outros países. Muitos artistas, cineastas e críticos ainda estão por chegar a S. Paulo, esperando-se grande contingente dos Estados Unidos, com Tyrone Power, Edward G. Robson, Irenne Dunne, Greer Garson, Joan Fontaine, Ronda Fleming, Fred Mac Murray e outros nomes consagrados do cinema norte-americano.

O DESENROLAR DO PROGRAMA

No Museu de Arte Moderna, em «Grandes Momentos do Cinema», foi projetada «Cabiria», uma produção italiana que impresionou muito bem o público, enquanto no «Cine Marrocos», — agora batizada de «Palácio do Cinema», — se inaugurou a «Retrospectiva Erich Von Stroheim», com a exibição de «La Grande Ilusion», de Jean Renoir. «Limite»,

(Conclui na página 56)



Ruth de Souza e Marisa Prado, duas r epresentantes do cinema brasileiro, dão ao microfone suas impres sões sôbre o Festival.

À MERCÊ DO DESTINO

Conto de Ernest Castany

A picada abre-se entre cercas e plantações.

Do sul, um ventinho ameno que balouça os trigais, ao débil sol da tarde, rubro qual chaga aberta.

E' um crepúsculo triste que avança ameaçador, carregado o céu de nuvens pesadas, presságio de tormenta. Gregório franze o cenho ao perceber além, na curva do horizonte, a linha sangrenta.

— Azar meu — pensa —se o tempo vira...

Chicoteia a besta e por instantes o trotar do animal ressoa na estrada como um toque de tambor. Ao alcançar uma cancela o céu fizera-se já de todo negro.

Do alto de um tronco, uma coruja fita-o sinistramente com seus olhos redondos e o rapaz sente um calafrio cruel percorrer-lhe a espinha.

Estremecendo, desvia o olhar para o lado das casas. Da varanda alguém lhe faz sinais para que se aproxime. Ele o faz, lentamente. Dois cães lhe vêm ao encontro, espantando com seus ladridos a velha besta. Um grito é bastante para fazê-los calar. Gregório saúda:

— Boas tardes...

— Boas tardes — responde o outro com voz arrastada. Por um instante continua compondo a cilha de um arrêio, mas ao ver o homem ainda montado: — Por que não apeia?...



Gregório desmonta e com o olhar atento observa silencioso a tarefa do outro. E' êste um velho de mãos calosas e hábeis. Olhos miúdos, de olhar firme, assomam-lhe no rosto de linhas duras, rugoso, como talhado a canivete.

Com um gesto o velho lhe indica o banco de madeira. Permanecem ambos silenciosos quando de repente desaba o temporal. Gregório vai recolher o animal sob o alpendre. O outro, concluída sua tarefa, contempla agora o cair da chuva. Por fim, encarando o desconhecido:

— Vai ter de pousar esta noite em algum rancho...

O moço contempla a chuva, e pensativo:

— Tudo indica que sim. E voltando-se: — Se o senhor permitisse?...

O velho dá de ombros:

— Pode ficar.

Mais uma vez ficam silenciosos, contemplando a tristeza da água. O ancião indaga sem olhá-lo:

— Sem destino?

— Assim é. À cata de trabalho.

— Maneiro?

— Como não? Fui criado na roça, em sítio de pobre...

— Isso é bom, vê? Aprende-se de um tudo, desde semear até criar galinhas. Gregório assente com um gesto.

— Com efeito. E depois de curto silêncio, interroga com ansiedade mal contida: — Será que não há nada por aqui?

O velho alça de novo os ombros.

— Conforme o que você queira...

— Por isto não se briga. Não custa experimentar... Se serve, serve, se não... E apontando o caminho, vagamente: — Aí está como sempre a estrada...

O rosto do velho enruga-se ainda mais num sorriso.

— Muito bem, moço! — exclama, e pondo-se de pé, indaga: Como se chama?

— Gregório. Gregório Reis.

— Esteja sem cuidado se vamos tratar agora de jantar. A chuva já passou...

Gregório caiu nas graças de todos da casa. E' calado, um tanto esquisito, mas feito para o trabalho. Não é "como a maioria dêsses que andam por aí", segundo o dizer de D. Eulália, a mulher do velho.

Antes de fazer quinze dias que ali chegara ninguém imaginaria que o tempo na roça pudesse passar tão ligeiro. E era de ver o velho quando queria ir à cidade... Uma graça observá-lo. Dava voltas e mais em tôrno de Gregório, como se êste que fôsse o patrão. O rapaz divertia-se intimamente e procurava satisfazer o outro.

— "Seu" Cosme, por que não me dá um pulinho na cidade? D. Eulália disse que está precisando de algumas coisas. E nós também...

O homem rejubilava, mas se fazia rogar.

— Mas, rapaz, você não vê que eu não posso sair?... E punha-se a enumerar não sei quantas coisas iniciadas e eternamente por terminar. Como o consêrto da

(Conclui na página 58)

ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

DESENHO ARQUITETÔNICO
DESENHO MECANICO e
DESENHO ARTISTICO
inclusive *desenho comercial e publicitário*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de técnicos em contabilidade e direção administrativa. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

CORTE E COSTURA
Tricô e Bordado

Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rapido e eficiente Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRÁ V. S A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

PORTUGUÊS
INGLÊS
AUXILIAR E CAIXA
CORRESPONDENTE
SECRETÁRIO
ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

... EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES ...



Quero agradecer-lhes pelo curso de "Correspondência". Já estou trabalhando numa firma comercial, ganhando num só mês mais do dôbro que paguei ao Instituto

Sinichi Takano
PEREIRA BARRETO
Est. de São Paulo



Sou feliz porque encontrei em seu Instituto o meu ideal na vida. Tenho costurado muito para meus filhos e meu espôso. Faço vestidos para fora e tôdas gostam das minhas costuras e assim já estou ganhando dinheiro.

Alayde A. Chiavasolli
PETRÓPOLIS - Est do Rio



Quero participar lhes que estou muito contente e satisfeita com minha nova profissão. Já estou costurando para fora, tenho muita freguesia e estou ganhando muito dinheiro. Também vos faço saber que o primeiro vestido que fiz foi um lindo vestido de noiva.

Ernestina Lorecchio
SÃO PAULO



Graças a êste Curso me sinto satisfeito e orgulhoso de minha tão rendosa profissão de desenhista do Exército.

Erni Dreher
SANTA MARIA
Est. do R. G. do Sul

Desenho de aluno nosso, Sr. ULYSSES J. MARTINHO, Jundiaí - Est. de S. Paulo: →





Já estou apta a desempenhar a minha profissão, pois venho fazendo, além das costuras de minha família, outras que me têm dado rendimento.

Aparecida de Paula
SANTA ADÉLIA
Est. de São Paulo



E com grande alegria afirmo-vos que já recuperei, em um mês, o dôbro do dinheiro empregado em meus estudos.

Manoel Batista Ferreira
JUAZEIRO DO NORTE
Est. do Ceará



Graças ao Instituto Universal Brasileiro estou bem colocado com ótimo ordenado.

João Hilário Corrêa
CAMPOS GERAIS Est. Minas



A sábia e perfeita orientação que os senhores me ministraram no decorrer do Curso de Corte e Costura me vem assegurando um futuro melhor e me permite dar uma contribuição maior aos que me são caros e ao meu lar.

Maria José R. Pereira
RIO DE JANEIRO



Agradeço também pelo bom método de ensino, graças ao qual, em minha própria residência, apenas nas horas de folgo, ganho Cr$ 500.00 (quinhentos cruzeiros) mensais, lecionando o que aprendi durante meus estudos nesse Estabelecimento.

Raymundo N. dos Santos
SÃO GABRIEL R. G. do Sul



Venho agradecer o meu Curso realizado nesse Instituto, por ser tão prático e fácil. Já consegui emprègo com boas condições.

Ulidor Karsten
BLUMENAU
Est. de Sta. Catarina



Hoje costuro para todos de casa; aprendi a fazer as roupas do meu espôso, como camisa, pijama, etc.; agora, quando vejo um vestido, só de olhar sei onde está o defeito. Tudo isso consegui com o ensino dêsse Instituto.

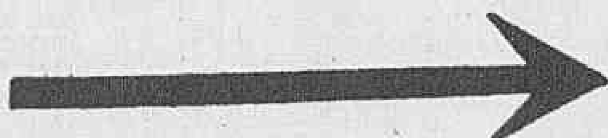
Ligia Paes Corrêa
BELÉM
Est. do Pará



O dinheiro que eu gastei com a escola, já recuperei. Tenho confeccionado vestidos de noiva, que foram do agrado de todos.

Luzia Brastoli
ARARAS Est. de S. Paulo

não perca tempo
e mande-nos
HOJE
o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 1687

CAIXA POSTAL **5058** — SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

o curso de.. por correspondência
(indicar o curso desejado)

NOME..

RUA.. N..............

CIDADE..

ESTADO..

"ELE É MUITO VIVO"

LUCIO FIUZA

ARISTON, como é conhecido nos meios teatrais, ou Ariston de Almeida, seu nome por extenso, é um carioca dos mais inteligentes e aplicados dos que conhecemos. Com vinte anos, apenas, já é um artista bem conceituado e por isso mesmo, procuradíssimo, além de ser um interessante pintor. E' quase por assim dizer, um menino. E um menino muito vivo...

Quem frequenta os teatros de Copacabana não pode deixar de conhecer e até de apreciar muito a arte de Ariston. Forte, bela figura onde se destacam traços romanos, Ariston é de uma sensibilidade artística a tôda prova. Uma coisa apenas é dominante no jovem: a instabilidade. Talvez, das pessoas que conhecemos nenhuma outra é tão irrequieta como Ariston e essa volubilidade ou inconstância parece que lhe atinge até a alma. Ariston está sempre pegando em alguma coisa que esteja ao alcance de suas mãos, fazendo girar uma xícara, enrolando uma folha de papel; por outro lado, numa ligeira análise de seu psique, confirmamos nosso ponto de vista, uma vez que o «cômico excêntrico» se apaixona com muita facilidade, mas muda de amores num abrir e fechar de olhos...

Na linha de seu carater, há que se fazer referências no que diz respeito ao amor filial. Caseiro, respeitador e solícito para seus pais, cavalheiro, expansivo e divertido para todos os que dêle se aproximam, sejam velhos ou crianças. Consideremos nesta crônica um pouco da vida artística de Ariston:

Entrou para o teatro, por acaso. Êle e um seu primo meteram na cabeça que deveriam fazer teste para extras de filmes de cinema. Não conseguiram nada.



«Buck Dione» é um detetive bem interpretado por Ariston, no filme «Carnaval em Caxias».

Ariston aproveitou a «embalagem» e recorreu ao Serviço Nacional do Teatro, mas, na mesma ocasião, Carlos Brand, o dinâmico empresário de «Os Artistas Unidos», lembrou-lhe a Escola de Teatro da Prefeitura, naquela época, dirigida pelo saudoso Renato Viana. Isso se passou no ano de 48.

Dedicou-se aos ensinamentos do mestre e, ao cabo de algum tempo, Renato Viana o mencionava como um dos alunos dedicados e disciplinados na técnica teatral. Ariston tinha idéias apenas de dirigir. Achava que a «contra-regra» no teatro era coisa muito séria e que daria fama e dinheiro a quem se propusesse fazer «maravilhas». As virtudes do pintor falavam mais alto, nesta ocasião. E assim, Ariston, embora louvado como estudante de teatro, não foi apresentado ao público pela Escola da Prefeitura.

Em 1949 foi convidado por Paschoal Carlos Magno para tomar parte no «Festival Shakespeare», vindo à cena em «Romeu e Julieta» e em «Sonho de uma noite de verão». E coisa interessante, na primeira peça, seu trabalho não ia alm de um segurador de uma lança. Não era coisa alguma para um artista, mas Ariston, elegantemente, segurou a lança e considerou-se estreiado. Já em «Sonho de uma noite de verão» destacou-se em um papel que mereceu elogio da crítica especializada. Foi sua primeira vitória. Ariston passara a ser artista de fato.

Pascoal foi para a Grécia e Ariston teve um convite para interpretar um papel no Teatro da Carochinha, na peça «A revolta dos brinquedos» — foi o «Ursinho» que entusiasmou a criançada. Reconheceu que precisava realmente estudar arte dramática e não titubeou, matriculou-se no curso do Serviço Nacional do Teatro. Assistiu às aulas notáveis



Com Doris Monteiro, Ariston se apresenta mesmo como um galã...



E ainda com a artista francesa, Josete Bertal, é o mesmo galã.

de dona Ester Leão, ao mesmo tempo que ia fazendo algumas «pontas» na Companhia de Bibi Ferreira e Vicente Celestino. Fazia o que era preciso: dançava, cantava e representava.

Afinal, percebeu que estava sendo apresentado ao público, por ocasião de fazer o «Corisco», da peça «A menina das nuvens», de Lúcia Benedetti. Reconheceu que era um artista em potencial e que, se trabalhasse com afinco, chegaria a um ponto ótimo. E os convites choveram (sem fazer blague com o «corisco»). Teve papel de destaque na Escola de Teatro de Arte de Maria Jacinta, na peça «Alegres canções das montanhas», sendo, logo em seguida, convidado para excursionar com Milton Carneiro, numa temporada vitoriosa em Belo Horizonte. Nessa ocasião, teve que interromper suas atividades artísticas, uma vez que deveria fazer exames finais de curso ginasial. Era. o fim do ano de 1951.

Logo surgiu nova oportunidade: fazer teatro de revista. Tornou-se contratado de David Conde, estreiando no gênero fantasia e julgando achar o seu verdadeiro gênero de representar — cançonetista — e isso o fez imensamente feliz. Mas não era bem isso que estava programado para o irrequieto Ariston.

O Exército não permitiu a continuidade das atividades de Ariston; todavia, no próprio quartel — 8º G.S.M., fundou o jornal «A Espoleta», cuja finalidade era mais artística, do que militar. Angariando simpatia no Exército, conseguiu permissão para trabalhar no Teatro Jardel, tomando parte na peça «Você é que é feliz, primo».

Novamente, integrado ao teatro, participou do interessante teatro de Silveira Sampaio, representando em «Deu Freud contra» e «Flagrantes do Rio n.º 2». Concomitantemente, teve a sua estréia em «boite» e no «Monte Carlo», viveu o seu memorável papel no «show» «Um americano em Recife». Nunca um papel o emocionou tanto como aquêle, vivido no «Teatro da Madrugada», e então chegou à conclusão que seu verdadeiro gênero era o de cômico excêntrico.

Já em 53, foi contratado de Zilco Ribeiro, fazendo no «Teatro Follies» diversos personagens na revista de bolso «Tout va très bien», onde marcava com mais precisão os papéis nos números escritos pelo próprio entrevistado, ou seja pelo próprio Ariston. Com isso ficamos sabedores que Ariston, entre outras coisas, é um ótimo autor.

Finalmente, 1953 caminhava para o fim e já Ariston era convidado para fazer especial trabalho no filme «Carnaval em Caxias». Nessa película, que deverá estar nos cinemas por ocasião de ser publicada esta crônica, nosso «cômico excêntrico» fará nada menos que cinco papéis, ou seja cinco irmãos de temperamentos diversos — Os irmãos Dione: salientando-se quatro tipos característicos e um galã.

Eis aí um relato da vida pregressa no setor da arte de Ariston. Mas, ainda há muito o que se dizer do jovem ator carioca.

Ariston confessa que está quase agarrado pelo coração e desta vez, diz êle:
— «E' bem possivel que eu me case com a dona dos olhos verdes...».

(Conclui na página 60)



Ariston num tipo — um artista boêmio.



ESTHER DE ABREU E SEUS SUCESSOS PARA O CARNAVAL

A "MARCHA DO CARNEIRINHO", NA INTERPRETAÇÃO DA CONSAGRADA "ESTRELA" DA RÁDIO NACIONAL

Reportagem de Altair Moreira
Fotos de Diler

"Como é que o carneirinho faz? Mé... Mé... Mé... Mé..."

Entre os maiores êxitos da música popular do Carnaval dêste ano, figura, sem dúvida, a "Marcha do Carneirinho", de Dias da Cruz e Ciro Monteiro; na interpretação magistral da cantora Esther de Abreu. Pode dizer-se mesmo que é o "carro-chefe" dos sucessos da "estrêla" da Rádio Nacional. Esther de Abreu, cuja popularidade na radiofônia brasileira atingiu o auge, gravou, não só a "Marcha do Carneirinho", como também "Cau-Cau", de Wilson Batista e J. Batista. Ambas as gravações na linda voz da cantora luso-brasileira, alcançou neste momento tal êxito que se estão tornando a "coqueluche" da Cidade. Aliás no Carnaval do ano findo, Esther de Abreu marcou também grandes sucessos, com "Cabral no Carnaval", de Black-Out", "Ou vai ou racha", de Luiz Antonio, bem como outras músicas de Heitor dos Prazeres e Dante Santoro. A festejada cantora da P.R.E. 8 conquistou, assim, um lugar de relêvo entre os intérpretes da nossa música popular, singularizando-se pela graça tôda pessoal com que se faz ouvir, sobretudo, na "Marcha do Carneirinho". No formidável "show" aquático organizado pelo Departamento de Turismo da Prefeitura, recebeu os mais calorosos aplausos da multidão que acorreu à Quinta da Boa Vista para assistir à bela festa.

Esther de Abreu, com as suas admirável criações, é, inegàvelmente, uma das "estrêlas" que mais brilham, êste ano, no firmamento da música popular destinada à consagração da maior festa carioca.



"À procura de um amor
Que não traga dissabor"





"Carneiro não sabe falar
Como é que vai fazer, como é, Mé... Mé... Mé... Mé..."

"Console-se comigo, carneirinho,
Também vivo sem carinho, à procura de um amor"





«Mas se Deus quizer eu juro
Que virá o que eu procuro"
Terminando a minha dôr

"Cubana eu queria saber
O que é Mani Picáu
Se não fôr um periquito, deve ser um picapau."

"FLASHS" DO I FESTIVAL INTERNACIONAL D

(Suite das páginas 24/25 – Fotos de UBALDO TERRA – Legendas de A





SEUS nomes, Mityio Aratoma e Fubuki Koshidi, nada significam para o público brasileiro e, mesmo no Japão, elas aparecem como caras novas do cinema nipônico. Rostos belos, vestindo exóticos quimonos, elas, entretanto, estão atraindo muitas atenções e insistentemente são solicitadas ao microfone.

MUITO "parola", muita gente e apenas um palminho de rosto estranho e belo é o que se vê na numerosa representação italiana: Eleonora Ruffo. Olhos grandes de azeitona, nariz helênico e lábios carnudos, Eleonora constituiu-se, desde logo, numa das atrações do Festival de São Paulo.



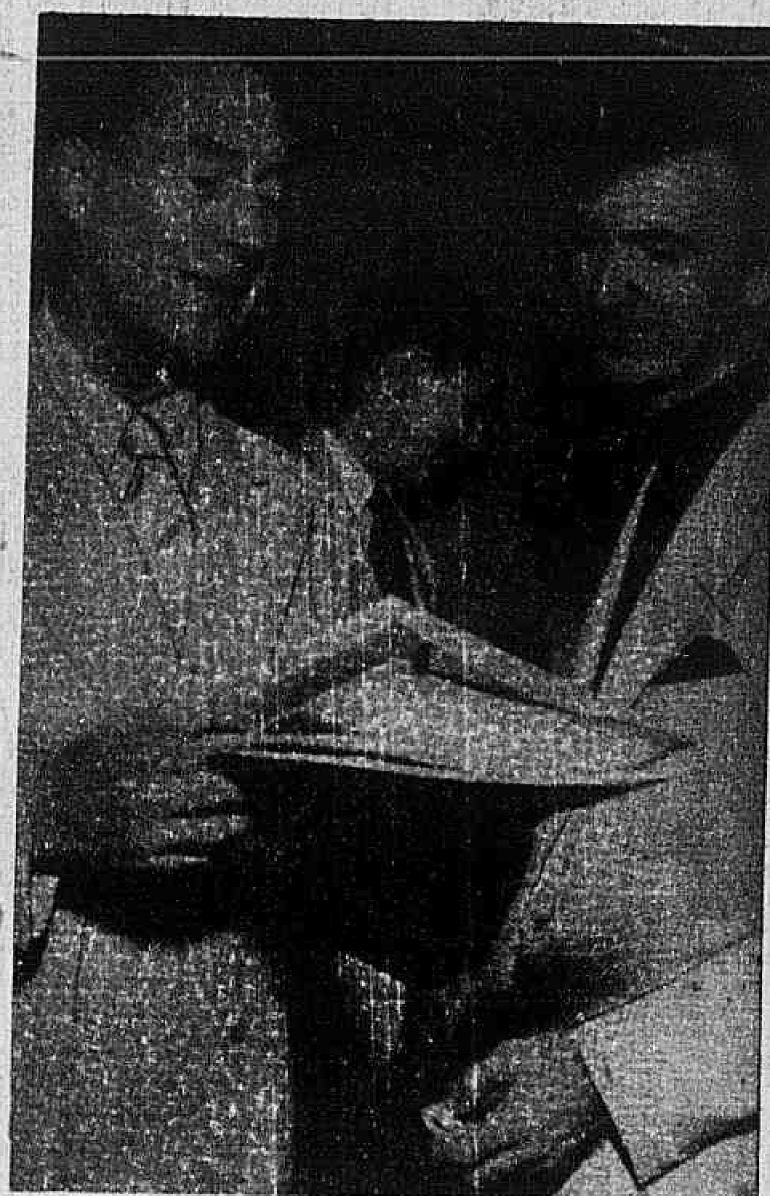
...DE CINEMA DO BRASIL

(...s de ADÃO CARRAZZONI)



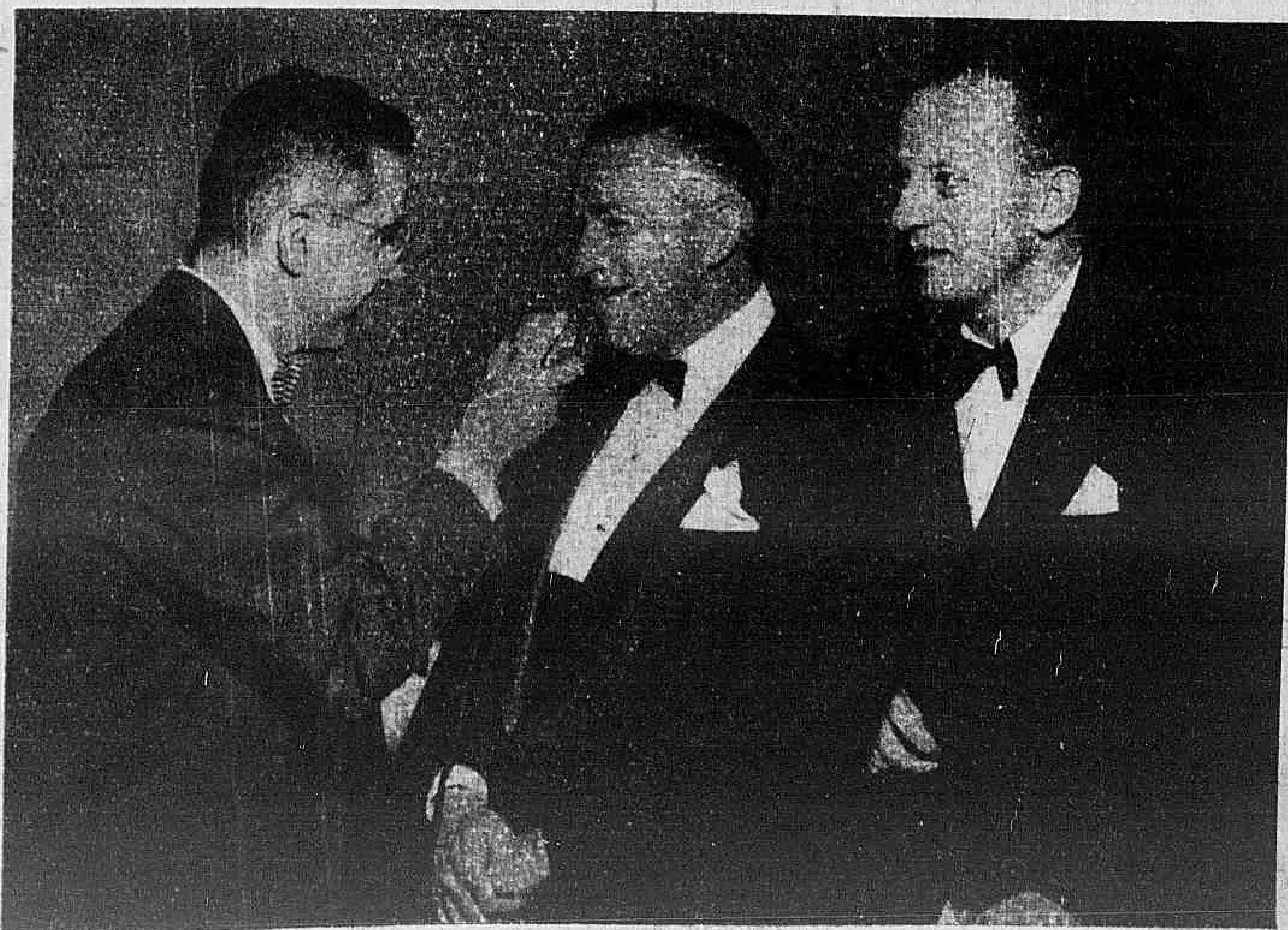


VERA NUNES, artista brasileira de belo sorriso, de plástica perfeita e de alegria contagiante, apareceu no Festival dando impressões e cativando o público. Em beleza e elegância, aliás, nossos artistas nada ficaram a dever aos representantes estrangeiros.



NORMAM MCLAREN, o de cabelos revoltos na testa, apresentou sua produção, "Begone Dull Care", um desenho animado fotografando o som, que se constituiu num dos maiores êxitos do I Festival Internacional de Cinema do Brasil.

NUMEROSA e bem organizada se apresentou a delegação portuguêsa, onde sobressairam Leitão de Barros e Bárbara Virgínia. Entre as produções trazidas pelos lusitanos, impressionou agradàvelmente "O Carro dos Enforcados", filme baseado num conto de Eça de Queiroz.



MERVIN LE ROY, o discutido diretor de "Quo Vadis", parece que veio ao Brasil apenas se divertir, tendo uma resposta gaiata para tôdas as perguntas. Mas não gostou quando Luiz Alípio de Barros quis saber a razão por que êle vinha fazendo filmes tão medíocres...



Gilda Valença, a vitoriosa criadora de «Uma Casa Portuguesa», um dos maiores sucessos do ano.

UMA ARTISTA DE TALENTO — ,SEM SER DE RÁDIO, CONQUISTOU OS RÁDIO-OUVINTES COM UMA ÚNICA GRAVAÇÃO — DE PERITO CONTADOR A ARTISTA DE TEATRO, "VEDETTE", CANTORA E... POETISA

De FERNANDO SALGADO

Especial para CARIOCA

GILDA VALENÇA,

A vida artística da graciosa «vedette» portuguesa — Gilda Valença, criadora da popular canção «Uma casa portuguesa», é, sem dúvida, um caso «sui-generis» na vida artística. Lançada por Walter Pinto, no Brasil, como artista de teatro, alcançou sucesso sensacional como cantora e, com um único disco gravado, conquistou os rádio-ouvintes, sem cantar no rádio.

Mas a fascinante «chansonière» ainda não deu tudo. Tivemos ocasião de apreciar, (que delícia!) uma demonstração de suas magníficas qualidades de «vedette», estilo malicioso e brejeiro, com canto e dança e... (por que não dizê-lo) com reboleios «à la Carmem Miranda».

A «Lisboetinha» é um espetáculo! A sua graciosidade, em palco ou através da televisão ,será, sem dúvida, muito apreciada. Estamos certos de vê-la, muito breve, galgando os «píncaros da fama».

CRIADORA DE «UMA CASA PORTUGUESA»

Face a controversias quanto à prioridade a quem cabia o lançamento do grande sucesso popular, procuramos ou-



A CRIADORA DE "UMA CASA PORTUGUESA"

vir da linda Gilda a verdadeira história da «Casa Portuguesa».

Diz-nos que preferiria não tocar no assunto, já que todo mundo sabe que a música foi trazida por Walter Pinto, de Portugal, e lançada, por ela, no Teatro Recreio. Se outros a gravaram primeiro, foi uma questão de gôsto e sorte... Acha que todos os artistas são bons e dignos de gravar qualquer música.

De sua parte, sente-se feliz, muito feliz com os aplausos e incentivos que o público lhe tem dado, e é com o coração chorando de alegria que retribui essa grande simpatia, com um «obrigada, muito obrigada».

Já são 6 horas da manhã, e a graciosa «estrêla» continua com bom humor, risonha e faladeira...

Fala-nos de sua carreira artistica! Emoções, vibrações e uma vontade férrea do estrelato.

PRENDADA, EMOTIVA, TALENTOSA E CARITATIVA

— Gilda fala com emoção e fàcilmen-

(Conclui na página 58)



Duas cenas do filme brasileiro em que Gilda aparecerá brevemente para repetir no cinema o mesmo êxito que obteve no teatro, lançando «Uma Casa Portugu esa».



"Estrelas" que

mas vivem ainda na

Reportagem de



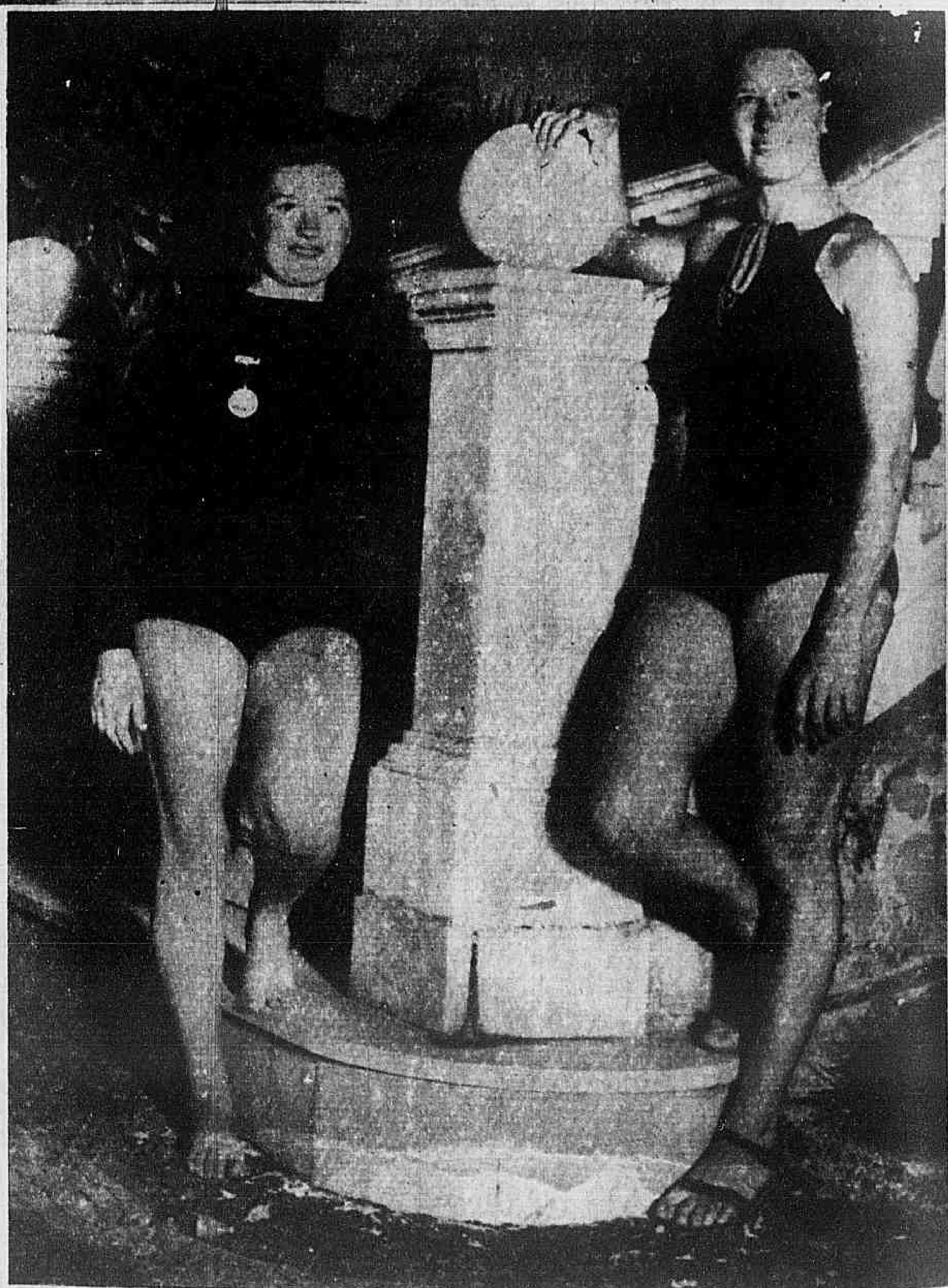
Nessa época, 1935, Piedade Coutinho era, apenas, a "Filhinha" de nossas piscinas.

Quem lançar um olhar retrospectivo sôbre os fatos da natação terá presente na memória os feitos de um punhado de "estrêlas" que deram brilho e esplendor às competições regionais, nacionais e internacionais.

Muitos nomes ficaram gravados na retina das "fans", que ainda lembram as glórias conquistadas para a aquática brasileira, nas águas mansas dos tanques natatórios de vários países.

O feito maior, extra-fronteiras, pertence, incontestavelmente, às irmãs Lenk. Foram elas as heroínas de uma jornada gloriosa, que jamais os brasileiros olvidaram, pela sua extraordinária significação.

Aconteceu no Chile, em um Campeonato Sul-Americano, quando a representação feminina brasileira foi entregue às duas irmãs Lenk. Na piscina de Viña del Mar, Maria e Sieglinda Lenk assombraram os chilenos e os representantes de outros países, pela "performance"



Sieglinda e Maria Lenk, que praticaram a maior façanha da natação nacional extra-fronteiras.

se apagaram
memoria de todos

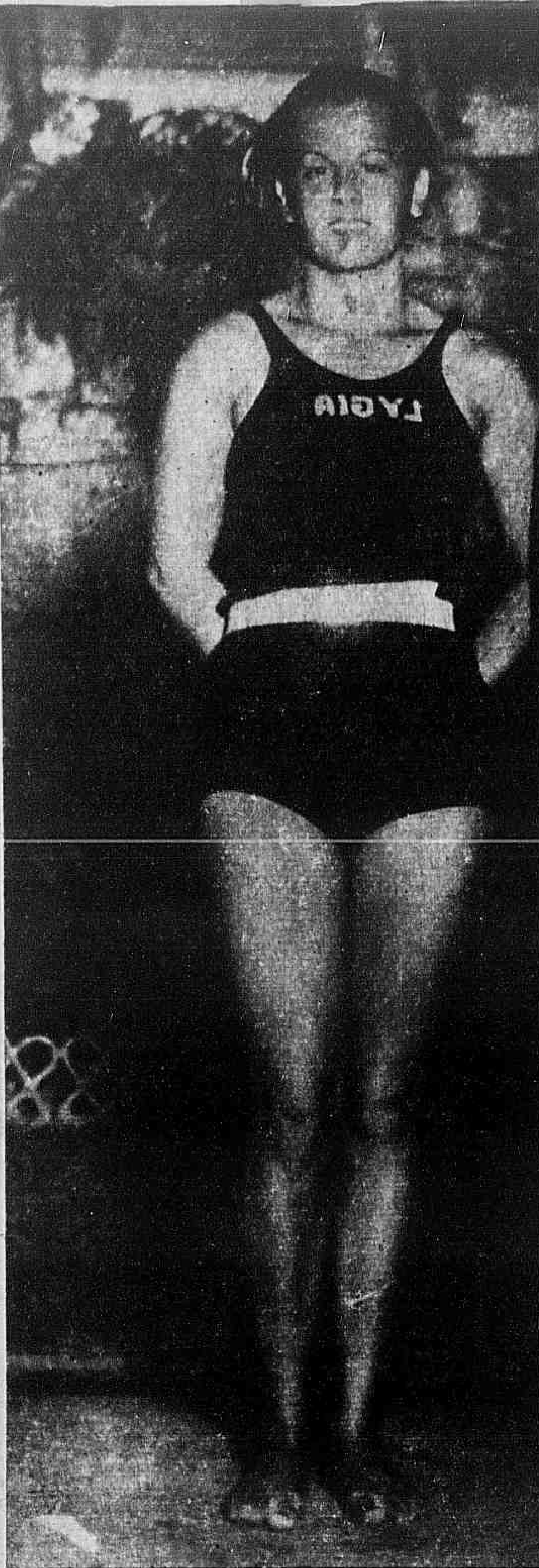
REGINA COELHO

que cumpriram. Ambas regressaram invictas, tendo derrotado, nas provas que disputaram, as mais credenciadas nadadoras sul-americanas, conquistando para o Brasil troféus os mais significativos.

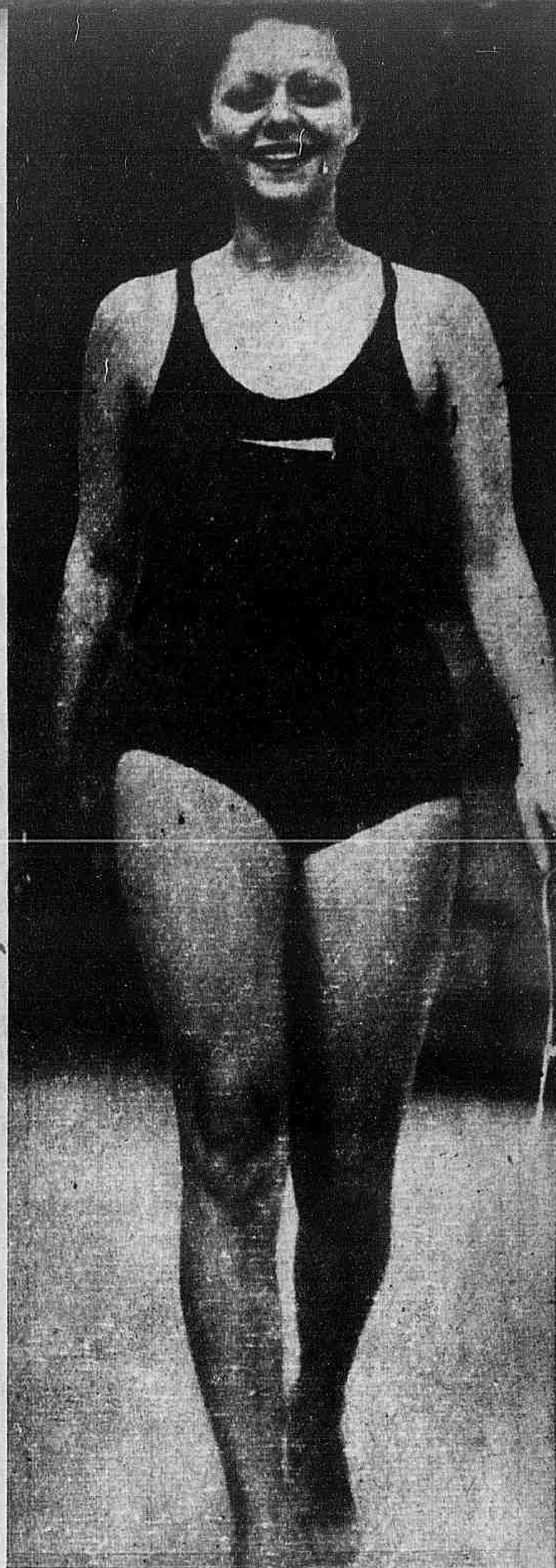
Sieglinda, mais jovem, reuniu, ainda, em seu acêrvo de glórias outros e grandes triunfos, enquanto Maria se agigantava a ponto de ser considerada uma das maiores nadadoras do mundo no estilo "borboleta".



Scyla Venancio, campeã paulista, que depois se transferiu para o Rio



Lygia Cordovil, consagrada velocista e integrante da famosa turma de 4x100



Hilda Dias, nadadora do Flamengo e estilista de nado de peito.

Piedade Coutinho, cujo poder de resistência e perseverança desafiou o tempo, foi outro nome de relêvo de então. A "Filhinha" daquela época, ainda criança, teve a honra de representar o Brasil nas Olimpíadas de Berlim, ascendendo, depois, ao estrelato, para chegar a ser a "campioníssima" da atualidade.

Outras grandes "estrêlas" da natação podem ser lembradas neste rápido e despretensioso retrospecto, entre elas devendo ser destacadas a paulista Scyla Venancio, que, depois, no Rio, formou na famosa turma feminina de 4x100, então recordita sul-americana; Lygia Cordovil, a velocista do Flamengo, várias vêzes campeã; Hilda Dias, campeã carioca do nado de peito, e Cecília Heilborn, outra grande campeã, defensora do Fluminense.

O brilho dessas "estrêlas", excetuando Piedade Coutinho, deixou de existir, apenas, nas competições, porque os seus feitos vivem, ainda, na lembrança de todos.

VARIEDADES MUSICAIS

Por DANIEL TAYLOR — N.º 242

BIOGRAFANDO

CARMELIA ALVES

A "Rainha do Baião" nasceu em Bangu, no Distrito Federal, a 14 de fevereiro. Em 1941, mocinha ainda, sua admiração por cantores de rádio, aliada a uma voz que todos reconheciam ser regular, fêz com que seu irmão a inscrevesse no programa de calouros da Rádio Tupi, comandado por Ary Barroso. Ela compareceu, como nos declarou, "de farra", sem pensar em sair vencedora. Mas venceu, logrando a nota máxima, o que a encorajou a tentar o "Picolino", programa animado por Barbosa Junior. Sua atuação foi tão boa que Barbosa a convidou para trabalhar ali, "a cachet". Carmélia aceitou, ingressando logo após no "cast" da Rádio Mayrink Veiga, de onde se transferiu para a Nacional. Note-se, porém, que sua projeção no rádio só se deu em 1949, depois de seu casamento com Jimmy Lester.

De volta de uma temporada em São Paulo, gravou o esu primeiro baião: "Diga que sim". Sua "chance", porém, estava no segundo, a ser levado à cena: "Me leva", de Humberto Teixeira e Hervê Cordovil. Atuando na Nacional e em "boite", "Carmelita" caminhou em direção à fama internacional de que desfruta, com prestígio firmado em Portugal, na França, Espanha, Argentina e Uruguai.

Casada com José Andrade Vilela Nascimento, ou simplesmente Jimmy Lester, Carmelia Alves não tem filhos. Sua maior satisfação teve-a no dia em que cantou no seu primeiro programa de calouros e não foi "gongada". Sua maior decepção, disse-nos, propiciou-lhe, com atitudes pouco cavalheirescas, certo radialista, por ocasião do concurso para a eleição da "Rainha do Rádio de 1952"... E seus planos para o futuro se cingem a uma vida tranquila e confortável ao lado do esposo. Isso depois de excursionar pela Europa, aonde irá com companhia do acordeonita Sivuca e de um bateria. E de Jimmy Lester, naturalmente.

RETROSPECTO

CARIOCA nº. 816 (de 24-5-51) — "If you were only mine", "Ai Mouraria", Cuesta abajo", Mentira" e "Just an old love of mine"; nº. 817 (de 31-5-51) — "The tunnel of love", "Oh, them dudes", "Why fight the feeling", "Can't stop talking" e "The Hyacinth"; nº. 818 (de 7-6-51) — "Fancy pants", "Home cookin'", "Baby, obey me", "I'll always love you", "Solamente una vez", "Pingo dágua e tinhorão" e "Rio de Janeiro"; nº. 819 (de 14-6-51) — "Life is so peculiar", "Accidents will happen", "Wouldn't it funny", "High on the list", "Milady", "And you'll be home" e "Wasn't I there?"; nº. 820 (de 21-6-51) — "Shoo, shoo baby", "Ouve esta canção", You belong to my heart", "Olhos verdes", "Envidia", "Sin ti", "Una lagrima tuya' e "Final". (Continua no próximo número).

HIT PARADE

Segundo as estatísticas, aqui vão as dez melodias classificadas no mês de fevereiro:

1º.) "Saca-rôlha" — Zé & Zilda
2º.) "Vaya con Dios" — L. Paul & M. Ford.
3º.) "Eu quero rebolar" — Risadinha
4º.) "S. Paulo quatrocentão" — Garôto
5º.) "I believe" — D. Haymes
6º.) "O menino de Braçanã" — R. Paiva
7º.) "Marcha portuguêsa" — F. Matos
8º.) "My heart belongs to daddy" — P. Lee
9º.) "Pegando fogo" — D. Lopes
10º.) "Marcha do carneirinho" — E. Abreu

LETRAS SELECIONADAS

Damos, em absoluta primeira mão para todo o Brasil, a letra da canção de Vernon Duke e Sammy Cahn, "Give me your lips", apresentada no filme "Paris em abril", com Ray Bolger e Doris Day:

When I'm aflame as I am
I implore you, madame,
Give me your lips
Don't whisper:
"Please, give me time",
Keep your reasons, your rhyme.
Give me your lips
Darling (Lady), somewhere
a phantom island
Can be reached in phantom ships.
We can reach it if you
give me hope you'll be mine,
Give me all that's divine,
Give me your lipsê

*

Para os foliões cantarem no Carnaval, eis a letra do samba de Waldemar Gomes e José Rosas, "Você sorriu", gravado pelo conjunto "Os Namorados":

Você sorriu
Quando me viu penando
Zombou, gargalhou
Mas depois acabou chorando.

Um dia atrás do outro
É a coisa melhor que se pode ter
Você não esperava
Que um dia viesse sofrer.

*

Anotem agora a letra da comovente canção de Sigmund Romberg, Otto Harbach e Oscar Hammerstein II, "One alone" (Solo tu), cantada por Gordon Mac



Nat "King" Cole continua agradando aos "fans" da música popular norte-americana, com a sua gravação de "Blue gardenia".



Eis Monica Lewis, que vem de gravar o disco "Don't say goodbye". E quem é que está pensando em lhe dizer adeus?...

Rae no filme da Warner Bros, "A canção do sheik"

Lonely as a desert breeze,
I may wander where I please,
Yet I keep on longing,
Just to rest a while.
Where a sweethearts tender eyes
Takes the place of sand and skies,
All the world forgotten
In one woman's smile.

Refrain

One alone to be my own,
I alone to know her caresses;
One to be eternally
The one my worshipping soul possesses,
At her call I'd give my all,
All my life and all my love endurring;
This would be a magic world to me,
If she were mine alone.

*

Ainda para o Carnaval de 54, eis a letra do samba de Wilson Batista e Brazinha, "Bastião", gravado por Roberto Paiva:

Bastião
Valente na picareta
É um covarde
Quando pega na caneta
Que tempo enorme
Êle consome
Quando tem
Que assinar o nome.
Bastião
Foi criado na calçada
Não viu cartilha
Nem tabuada
Bastião
Sempre toma o bonde errado
Não sabe ler
Nem bilhete premiado.

RITMOS GRAVADOS
Na Copacabana

O ritmo do baião, que hoje domina de norte a sul do país, foi utilizado mais uma vez, desta feita para dar nova e expressiva versão ao bonito fado de Reinaldo Ferreira, Vasco Mattos Sequeira e Artur Fonseca, "É uma casa portuguêsa", inegàvelmente, um dos grandes "hits" do ano passado Os autores da notável proeza musical foram Aloysio e seu conjunto, que, na face oposta do seu mais recente disco, gravaram "Beija flor", um baião de Aloysio e Nelson Figueiredo, cuja linha melódica é das mais bonitas que já ouvimos.

*

Prestando significativa homenagem ao Clube de Regatas Flamengo, indiscutìvelmente, o mais querido clube de futebol, o "caricaturista do samba" — Jorge Veiga — gravou o chôro "Sou Flamengo", de autoria de Carlos Renato e Pedro Caetano. Na outra face, encontra-se um baião muito interessante, assinado pelo não menos interessante huumorista Gordurinha, que o batisou de "Quero me casar".

*

Prestigiando a sua querida "estrelinha", Adelaide Chiozzo, a fábrica em epígrafe gravou as músicas que ela interpreta no filme nacional, "O petróleo é nosso". Assim, teremos Adelaide interpretando, com a graça e brejeirice que lhe são peculiares, a bonita toada de Carlos Mattos e A. Amaral, "Meu sabiá", e a não menos bonita rancheira de Mário Zan e Sereno, "Tempinho bom".

Na Odeon

Novidades em música portenha, lançadas em Santiago do Chile: Com Francisco Canaro e sua Orquestra Típica — os tangos "Aqui parado en la esquina" e "Con poca plata"; com Alfredo De Angelis e sua Orquestra Típica — a valsa "Como la Margarita" e o tango "Verdad que no"; com Alberto Castillo e sua Orquestra Típica — a valsa "Amigos e mujeres" e o tango "Inocência"; e com Rodolfo A. Biagi e sua Orquestra Típica — os tangos "La copa del olvido" e "El recodo".

(Conclui na página 59)



Apresentamos aos "habitués" desta seção esta nova e encantadora cantora, que se chama Gisele MacKenzie. Sua recente gravação de "Le Fiacre", interessante música francesa, vem alcançando retumbante sucesso nos Estados Unidos.

"Leito Nupcial"

(The four poster) — Columbia Pictures — Direção de Irving Reis — Lançado na linha do Pathé

Com «Leito Nupcial» mais uma vez o produtor Stanley Kramer comprova a sua intenção de fazer cinema como obra de arte depurada dos interêsses imediatos. Baseado num sucesso teatral de Jan de Hartog, o "script" de Allan Scott segue a peça fielmente, como um cão de caça seguiria sua prêsa. A audácia do jovem produtor Kramer, responsável por alguns dos mais representativos sucessos do cinema (basta lembrar "A morte do caixeiro viajante"), é tamanha que nessa fita apenas dois artistas figuram o tempo integral de projeção. Apenas de uma época para outra são vistos desenhos inteligentíssimos que ligam fatos, pessoas, e conduzem a história no tempo. Os dois artistas são o casal na vida real, o correto inglês Rex Harrison e a esplêndida austríaca Lili Palmer. E' curioso notar que a censura nos Estados Unidos só permite que essa história seja vivida no palco ou na tela por uma dupla que seja igualmente na vida real. Assim foi que, na Broadway, seus intérpretes foram a não menos notável Jessica Tendy e seu espôso Hume Cronyn. Entre nós, entretanto, não foi exigida essa obrigação, pôsto ser êste o novo cartaz do T. B. C., e seus intérpretes são Cacilda Becker e Jardel Filho, que, em verdade, são casados, mas com outras pessoas. A direção de Irving Reis procura atenuar o que existe de "teatral" no plano cinematográfico. Merecem atenção especial os desenhos animados de John Hubley, que teve a colaboração dos animadores Paul Julian, Art Babbit e Lew Keller. Pena que não fossem em tecnicolor. Mesmo em preto e branco, admiráveis. A fotografia de Hal Mohr, que usou lentes Garutso, tem grandes instantes plásticos. A música de Demitri Tiomkim, como de sempre, boa. "Leito Nupcial" constitui, a nosso ver, um grande e definitivo passo de Hollywood, sôbre o «tabu» de certos temas.



"A vida é uma canção"

(The farmer take a wife) — 20th Century Fox — Direção de Henry Levin — Tecnicolor — Lançado na linha do Vitória

Esta apelidade comédia musical e simplesmente uma barbaridade em tec-



Rex Harrison e Lili Palmer



Mazzaropi, em «Candinho», da Vera Cruz, direção de Abilio Pereira de Almeida

nicolor e tudo. E' o pior musical de todos os tempos e a mais absurda fita no gênero que a Fox (tão senhora de si nestes últimos tempos no gênero) apresentou. Baseada numa peça de Frank B. Elser e Marc Connelly que, por sua vez foi extraida à fôrça da novela «Rome Haul", de Walter D. Edmonds e sôbre isso tudo foi o "script" por Walter Bullock, Sally Benson e Joseph Fields. Nem mesmo a música do inspirado compositor Harold Arlen se salva de todo. A coreografia do notável Jack Cole é irreconhecivel. Betty Grable comparece lourissima e também o resto. Dale Robertson está inocente. Thelma Ritter pouco tem a fazer. John Carroll continua desinteressante. Eddie Foy Jr., Charlotte Austin e outros completam o elenco. A direção de Henry Levin é sem direção. " A vida é uma canção" não podia ser pior.

"Somos todos assassinos"

(Nous sommes tous des assassins) — França Filmes — Direção de André Cayatte — Lançado na linha do Copacabana

"Somos todos assassinos" é uma arrojada crítica ao sistema judiciário francês. Fita de tese, como é do costume de André Cayatte, que teve o seu melhor instante de realizador com o seu "Direito de matar" (Justice est faite). Desta feita o drama se desenvolve em tôda a sua crueza. Retomando velha tese sôbre a sociedade e seus meios punitivos, Cayatte põe a nu, em impressionantes sequências, um dos problemas mais cruciantes da civilização. E com a liberdade no tratamento dos temas que caracteriza o cinema francês, êle o fez sem meios termos. E o que assistimos deixa-nos apreensivos que na capital da inteligência ainda exista um processo judiciário daqueles. E, não satisfeito, Cayatte mostra uma persistência por dentro com as suas tremendas cenas. E sentimos que o homem, apesar de tôda a grandeza do seu espírito, se esquece do seu semelhante quando êsse erra. Deixando-o sem solução humana, entregue ao seu próprio destino. E Cayatte vai compondo documento, sociologia, arte, e realiza uma monografia autêntica sôbre o assunto. Sua mensagem serve para despertar o homem do seu torpor esteril, fazendo-o enfrentar o problema de frente. Com uma equipe de excelentes atores, Cayatte, orienta todos com sua mão de mestre. Marcel Moulondji (Le Guen), Amadeo Nazzari, Georges Poujonly (o garoto de "Brinquedo proibido"), Louis Seigner, Yvonne Sanson, Claude Layder, Raymond Pellegrin.

(Conclui na página 56)

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL



Inesita Barroso e Colé, em "Mulher de verdade", da Kino Filmes, direção de Alberto Cavalcanti



Carlos Alberto e Eva Wilma, em "O craque", da Multifilmes, direção de Carlos Burle



RESPOSTAS ÀS LEITORAS

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a **MARION. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7-3º.**

Queiram juntar aos pedidos de modelos a data completa do nascimento para o horóscopo.

ADELI BARROS. Curitiba — Vestido com pregas batidas na frente da saia. Abas de fustão branco guarnecendo a blusa. Horóscopo: Você é esforçada e perseverante. Dificuldade para vencer na vida motivada talvez por sua certa timidez. Não é também muito ambiciosa e muitas vezes abandona uma boa idéia por falta de otimismo. E' fria aparentemente, mas sincera e fiel às pessoas que estima. Com fôrça de vontade e constância vencerá os obstáculos que impedem o seu progresso. Tenha muito critério na escolha de seu marido. E' necessário que os caracteres se combinem perfeitamente. Melhoria de situação na maturidade. Bom êxito em emprêsas agrícolas. A vida campestre si lhe fará bem. Harmoniza-se com s pessoas nascidas entre 23 de agosto e 22 de setembro, 21 de abril e 20 de maio, 20 de fevereiro e 20 de março.

JALOUSIE. Rio — Esse vestido de organza com decote sem alças tem uma gola-pelerina com barra trabalhada em nervuras. O mesmo motivo se repete no cinto. Seu estudo: Bom raciocínio. Espírito prático. Firmeza de vontade. Você aprecia a ordem, a higiene e a beleza. Suas paixões são moderadas. Às vezes persiste num sentimento mais por teimosia. Sua fortuna depende de suas ações antes dos 35 anos. Deixa-se levar pelo magnetismo dos outros. Pode espiritualizar-se mais tarde, embora tenha repentes de materialismo. Muitas viagens em perspectiva. Algumas fora do país. Várias mudanças de residência. Será mais feliz longe do lugar em que nasceu. Harmoniza-se com as pessoas nascidas em 22 de abril e 20 de maio, 22 de dezembro e 20 de janeiro, 21 de junho e 21 de julho, 23 de outubro e 21 de novembro.

● ● ●

MARIA SOUZA. Curitiba — Eis uma vestido para ser feito em tule ou organza, tendo a blusa uma aplicação de renda. Horóscopo: Você não é muito expansiva. Muitas vezes prefere isolar-se e fazer seus planos, seus castelos no ar. Deve vencer o gênio taciturno e procurar o convívio de pessoas alegres, tomando parte em reuniões sociais, etc. E' sensível a elogios. Sua fortuna melhorará na maturidade ou depois do casamento. Poderá exercer mais de uma profissão ao mesmo tempo. Contará com bons amigos e proteção de pessoas de prestígio. Mudança de vida de 15 em 15 anos. Seu temperamento mudará também com o correr dos anos. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 20 de fevereiro e 20 de março, 23 de agosto e 22 de setembro, 22 de dezembro e 20 de janeiro.



TANIA MARIA. Divinópolis — A gola dêsse vestido forma uma espécie de bolero que dá muita graça ao modêlo. Horóscopo: Carater firme e empreendedor. E» perseverante, ambiciosa e generosa. Naturêza simpática. Terá uma afeição ardente. Amor à independência. Aprecia as honrarias e gosta de aparentar, de exibir «toilettes», de reuniões mundanas, enfim de aparecer bem no ambiente que frequenta. Sabe ser amável atrair amizades. Por uma causa fortuita poderá elevar-se. Confia demais nos outros e como tal pode sofrer sérias decepções. Por seus próprios esforços terá progressos. Melhoria de situação na idade madura. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de março e 20 de abril, 22 de novembro e 21 de dezembro, 21 de maio e 20 de junho, 23 de setembro e 22 de outubro.

ZILDA FERREIRA. 13 de Maio. Santa Catarina — Vestido guarnecido com «rouleautés» do mesmo tecido. Na frente da blusa uma fita de gorgurão branco com botão fantasia. Estudo: Você deve cultivar a bondade e o senso de justiça se quiser ser feliz. Continue estudando porque é inteligente e dotada de boa intuição. Terá mudança de vida de 8 em 8 anos, de melhor para pior ou vice-versa. Cultive as boas amizades porque os bons amigos saberão ajudá-la nos momentos difíceis. Muito cuidado com ferimentos nas mãos e nos pés. Uma vida muito trabalhosa ou agitada prejudicará a sua saúde. Não seja imprudente, portanto. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 24 de julho e 23 de agosto, 22 de maio e 21 de junho, 23 de novembro e 21 de dezembro.

ELISA COHEN. Rio — Que me diz dêsse costume de casaco solto guarnecido com o xadrez que serve para a confecção do colete? E' um conjunto gracioso que ficará bem numa jovem como você, magra e alta. Estudo: Você possui sensibilidade e inteligência. Aproveite essas qualidades estudando. E' inconstante. Dificilmente terminará uma coisa sem ter começado outra. Pouca firmeza também em assuntos amorosos. E' possível que se apaixone. Convém evitar êsse estado dalma para não sofrer. Mudança de vida de 10 em 10 anos. Conseguirá uma situação financeira boa se fôr perseverante. Mas sujeita a mudanças. Elevação ou progresso devido a bons serviços de pessoas amigas ou parentes. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 24 de julho e 23 de agosto, 22 de março e 21 de abril, 23 de setembro e 22 de outubro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro.



DISCOTECA



ARACY FALOU EM SÃO PAULO

O prestigioso matutino bandeirante, «O Tempo», em sua edição de 31-1-1954, página 5, insere entrevista da cantora **Aracy de Almeida**, sob o título: «Saotados no Rio, Discos de Cantores Paulistas». Eis, na verdade, um pronunciamento apressado e inverídico. Através da citação de fatos concretos, mostraremos a leviandade da intérprete de Noel, certamente desejosa de angariar a simpatia dos paulistas. Que o fizesse, entretanto, de maneira elegante e sem injustiçar as hertzianas cariocas, a que deve sua carreira, ou falseando a realidade, quando diz que os editores (notadamente Vitale) não fazem propaganda das músicas de autores de São Paulo. Inicialmente, devemos lembrar que composições como «Cuco», de **Paschoal Melillo**, «Tristonho» e «Quatrocentos Anos», também do mesmo autor, mereceram grande difusão através das emissoras e orquestras da Capital da República. Poucos editores têm uma organização tão eficiente. «Pé de Manacá», antiga página de **Hervê Cordovil**, constituiu sucesso absoluto no Rio, assim como tôdas as demais melodias do talentoso orquestrador e autor. Quando a música é boa e agrada, o êxito é imediato, quer no rádio ou em disco. A divulgação levada a efeito pela firma «Irmãos Vitale», tem sido perfeita nos clubes aristocráticos, «dancings», ou «cabarets», e da mesma forma nas emissoras. Todavia, certas composições abaixo da crítica, com melodia fraquíssima e letra ainda pior, não podem fazer sucesso em parte alguma, nem o editor consegue milagres! Como é possível querer que músicas como «Exemplo de Cachorro», possam assinalar êxito no seio do público? No entanto, atualmente, estão agradando as seguintes composições de autores paulistas: «Ali-Babá» (marcha) de



Aracy de Almeida

Maada Santos e José Saccomani, gravação de Leny Eversong; «Botão de Rosa», outra marcha, de Denis Brean e Oswaldo Guilherme, gravação de **João Dias**; «Vagalume» (marcha) de Victor Simon e Fernando Martins, levada à cêra por **Violeta Cavalcante** e o conjunto **Anjos** do Inferno; «Eu Tenho Uma Nega» (marcha) de Gomes Cardim-David Raw-Manézinho Araújo, gravação de **Jorge Veiga**; «Em cada coração um pecado», um bonito samba de F. Neto-J. Rosemberg-O. Silva, gravado por **Risadinha**. Em tôdas as épocas, especialmente no Carnaval, após lançados os discos, as emissoras cariocas sempre adotaram o critério justo da seleção. Isto, independentemente das fábricas interessadas, dos autores e editores, «peneirando» (conforme a giria) o que havia de melhor para as suas programações dêsse gênero. A nosso ver, pois, Aracy cometeu inúmeros êrros em suas declarações. Admitamos, como cita a artista, que 70% dos direitos arrecadados, provêm de São Paulo. Mas, indagaremos: êstes 70% reunem apenas músicas de autores bandeirantes, ou de cantores da Paulicéia? Não. Quem dita sucessos da música popular e internacional para todo o Brasil é o Rio de Janeiro. Sempre foi assim. Quando surge um sucesso em São Paulo, logo será fácil verificar nada menos de cinco, na «Cidade Maravilhosa», quer sejam as músicas de autores paulistas ou de cariocas! Por outro lado, as emissoras do Rio, não recusam as composições de quaisquer proveniências: elas selecionam, elevando o nível artístico dos seus programas e nada mais justo para com os ouvintes. Em número e qualidade, jamais São Paulo suplantou o Rio, em questão de bons autores e intérpretes. Hervê Cordovil, Paschoal Melillo, Júlio Nagib, Denis Brean, Sylvio Mazzuca, Victor Simon, Davi Raw, Juracy Rago, Mário Gennari Filho, são nomes respeitáveis da música popular brasileira em São Paulo. No entanto, se fôssemos mencionar os cariocas, ou de outros Estados, as duas páginas das quais dispomos seriam insuficientes em espaço a fim de enumerá-los! Temos ouvido, diariamente, as composições de Carnaval e meio de ano de autores paulistas, através das emissoras, testemunhando a inverdade das declarações de **Aracy de Almeida**. Sua entrevista visou, naturalmente, fazer «onda» e nada mais ...

CLARIBALTE PASSOS



Vanja Orico

DISC JOCKEY "CARIOCA"

★ «RCA Victor» (vocal) sêlo prêto, n.º 80-1245, gravações de 78 rpm apresentando a cantora **Vanja Orico**, interpretando duas interessantes páginas do nosso folclore regional. Na face A: «Yayá Vancê Qué Morrê», um elo lundu, de Xisto Bahia. Realçando sua vocalização, Vanja se eleva, no plano artístico, oferecendo timbre gradável e eivado de uma maravilhosa ternura. Trata-se de criação eficiente e condigna. Música e letra possuem méritos incontestes. Na face B, temos: «Maria Cacambra» (do gênero popular brasileiro) assinada por Baby de Oliveira e Oradia P. de Oliveira. Aqui, também, encontramos Vanja Orico reeditando o êxito da face anterior. Sabe dizer com graça, espontaneidade, destacando a ótima dição e escorreita pronúncia. Em ambas as gravações, gostamos dos arranjos, assim como, da eficiente colaboração da orquestra. Tècnicamente, constatamos excelente fidelidade de som, com ausência de criado, em qualquer das gravações acima mencionadas. Seria justo, a nosso entender, que a RCA levasse a efeito o lançamento imediato de um long-playing dessa magnífica cantora. Certamente, brindaria os fãs e discófilos com um régio presente, além de assinalar uma indiscutível contribuição ao prestígio da nossa música popular. Cotação: Ótimo. — C. P.


José Menezes

NOTÍCIAS DA "MOCAMBO"

★ A gravadora pernambucana «Mocambo», orientada pelos Irmãos Rozenblit, deverá lançar um jovem e talentoso intérprete após o Carnaval. Trata-se de **Jaime Barbosa** figura das mais estimadas nos círculos radiofônicos e musicais da capital da República, funcionário diligente da Editora «Irmãos Vitale», e elemento dos mais dinâmicos nas fileiras do samba.

★ Essa mesma fábrica anuncia, igualmente, o lançamento de vários discos em long-playing. «Sambas», notável coletânea musical, em primorosas execuções do pianista **José Luciano**, constituirá uma novidade de alta classe.

★ «Vaya Com Dios», na voz de **Eladyr Pôrto** prossegue vitoriosa carreira de vendagem, já tendo ultrapassado a casa dos dez mil discos!

★ **Carmem Déa**, magnífica intérprete, filiada ao «cast» da Rádio Tupi carioca, brindará os fãs com novas gravações «Mocambo» depois da fase carnavalesca.


Jaime Barbosa

NOVIDADES

★ A gravadora de Paulo Serrano, deverá oferecer ao público, após o Carnaval, inúmeros e importantes lançamentos nacionais em discos LP de 33 1/3 rpm. Dentre êstes, vale mencionar as coletâneas que surgirão com o violonista da Rádio Nacional carioca **José Menezes**, com as cantoras **Esther de Abreu** e **Mary Gonçalves**, intérpretes consagrados como o «seresteiro» **Sylvio Caldas** e **Lúcio Alves**, além de solistas da categoria de **José Vieira Brandão** (pianista) executando músicas escolhidas de Villa-Lobos.

★ Em etiquêta da «Capitol», «Westminster», e outras marcas internacionais, essa mesma gravadora lançará uma série de inúmeros albuns em longplayng, prensados de «matrizes» importadas e que vão constituir autêntica revolução no mercado do disco.

★ Reunindo alguns dos cantores do seu «cast», a Sinter acaba de gravar um interessante LP, constando o mesmo de composições do gênero carnavalesco, além de um outro album com versões e grandes sucessos da música popular brasileira.


Marília Batista

LANÇAMENTOS EM 33 1/3 RPM

★ A «Rádio Serviços Propaganda Ltda», anuncia os seus mais recentes lançamentos em primorosas gravações de 33 1/3 rpm (long-playing) de música nacional e internacional. «Ritmos Melódicos nº 6», com o magnífico pianista **Waldyr Calmon** e seu conjunto, reune páginas nacionais e algumas estrangeiras, apresentando notáveis «performances» artísticas. «Valsas», outro LP digno de menção especial, oferece arranjos espetaculares, com sólos instrumentais e vocais de nível excepcional.

★ Para muito breve, essa mesma etiquêta, especializada em LP, lançará mais uma coletânea de **Noel Rosa**, na voz da grande intérprete patrícia — **Marília Batista.**

★ A «Musidisc» lançou recentemente «Um Piano Dentro da Noite», com o pianista Britinho (agora seu artista exclusivo); «Tangos Famosos», com a Típica D'Avilis; «Canções de Portugal», com o soprano luso **Rosária Meireles**; «Carnaval Musidisc», com Roberto Luna, Horacina Correia, Bárbara Martins e as Três Marias. Além dêstes, discos de 7" (sete polegadas) em 78 e 33 rpm, com **Djalma Ferreira**, o **Trio Surdina**, **Lenita Bruno**, etc.

DISCOS CONTINENTAL

★ «Fulana de Tal» e «A minha amada dormiu», dois bonitos e inspirados sambas de Antonio Maria, foram levados à cêra pelo cantor **Jorge Goulart**. Êsse mesmo intérprete apresentará, posteriormente, «Uso da Ignorância», samba de Lupicínio Rodrigues, e «Coitado dêle», samba de Mário Lago e Chocolate, respectivamente, em março e abril vindouros.

★ **Nora Ney**, a «Rainha do Disco Nacional de 1953», detentora de numerosos sucessos populares brasileiros, oferece mais um disco aos fãs, em março, reunindo «Que Saudade é esta» (samba) de Peterpan, e «Canção de Portugal» (canção) de Garôto e Zé Vasconcelos. Em disco «extra», que lhe concede a etiquêta dos três sinos, essa intérprete gravou: «Aves daninhas», samba de Lupcínio Rodrigues, e «Aconteceu em São Paulo» (samba) de Antonio Maria.

OS "MILIONÁRIOS" DO DISCO

★ Com a gravação de «São Paulo, Quatrocentão» (polca-dobrado) os instrumentistas **Garôto** e **Chiquinho**, já receberam, da fábrica «Odeon», direitos artísticos superiores a quinhentos mil cruzeiros! Executantes dos melhores que possuimos, **violão** e **acordeão**, êstes dois instrumentalistas justificam a fama e popularidade usufruidas no momento em todo o Brasil. Na fotografia, que ilustra esta nota, vemos (da esquerda para a direita) Claribalte Passos, redator musical de CARIOCA, Garôto, Mário Camargo (do Departamento de Publicidade da ODEON), e Chiquinho, no momento em que aquêles artistas verificavam o documento da grande vendagem de «São Paulo, Quatrocentão».


Garôto e Chiquinho

NOTAS DE UM CADERNO DE DECORAÇÃO

Regina de Abreu Fialho Sanchez

O ambiente desta sala agrada muito, embora a decoração não seja perfeita. Para um estudo serve bem, pois é difícil se encontrar um conjunto sem erros, quando a decoração é feita por instinto, pela própria dona da casa.

Êstes ambientes são cheios de espontaneidade, pitoresco e sobretudo muita personalidade. O que se pode é apenas completar, nunca tirar o cunho pessoal.

Como é impossível explicar muita coisa, sem dar um exemplo concreto, vamos analisar juntas esta sala. Não há luxo. Os móveis são pequenos e baratos, acessíveis a cada um, logo pertencem a família de classe média. Os tecidos de algodão, o tapete felpudo, as pequenas gravuras, sem valor, estão escolhidos com economia e gôsto. Repare a quantidade de revistas e livros. A casa sem êles parece vazia e sem vida. Os objetos são muito variados, bem selecionados. A fruteira antiga e o vaso branco, que serve de base para o "abat-jour", são de boa qualidade. Para dar uma certa classe ao conjunto, deve-se colocar ao menos 2 ou 3 peças mais finas, embora pequenas às vêzes.

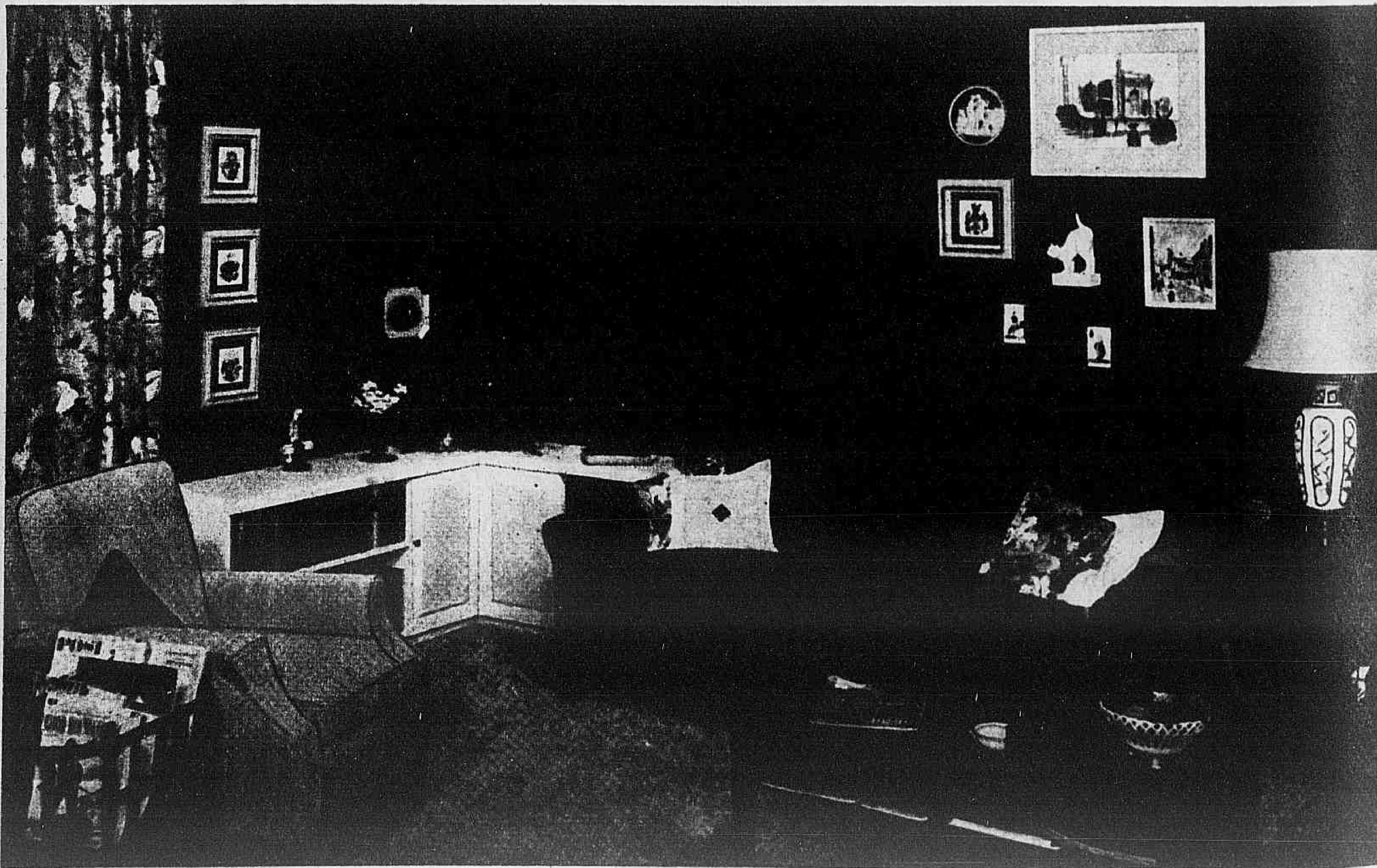
O colorido: quando não se tem muito o que mostrar (móveis de estilo, quadros bons etc...) recorre-se às côres para "encher" a sala e dar volume à decoração. Neste exemplo, a parede está pintada de verde fôlha. Junto a esta côr tudo realça e tem graça. O conjunto é mais acolhedor e fresco. Êste efeito não seria nunca alcançado com paredes cinza, creme ou brancas. O tecido do sofá é liso e alegre, côr de coral. A poltrona ao lado é cinzenta como o tapete. O estampado das cortinas, embora muito florido, não deixa de ser discreto. Chama muito menos atenção do que o verde e o vermelho citados. Na sua composição aparecem o branco do teto e da estante, um pouco de verde nas fôlhas, uma tonalidade de coral mais apagada do que a do sofá, cinza e amarelo. Os detalhes que repetem o branco e o amarelo são: almofada amarela sôbre poltrona cinza (perfeita harmonia), almofadas brancas, amarelas e floridas sôbre o sofá coral (perfeito, ainda). O "abat-jour" contra a parede verde, é branco. As molduras de alguns quadros também. Um castiçal sôbre a estante e uma caixinha de metal amarelo junto ao sofá dão brilho ao conjunto.

Uns detalhes interessantes: repare que há móveis escuros e estante laqueada (fôsco) no mesmo canto. E' lógico que, pela regras da decoração, não se recomenda o emprêgo dêstes dois tipos de peças no mesmo grupo. Porém, quando se tem os móveis, com bom gôsto e equilíbrio, consegue-se reunir tudo como nesta sala, onde paredes e sofá chamam mais atenção justamente para disfarçar êstes detalhes.

Outro ponto curioso — a distribuição dos acessórios de parede. Não se pode dizer que seja feia a arrumação... Porém, eu nunca teria jeito de experimentá-la em minha sala! E' ousada e fora do comum. Mas tendo-se em conta que nenhuma das peças usadas é de valor e que o conjunto agrada, é supreendente e muito pessoal. Em muitas casas encontra-se coleção de pequenas lembranças distribuídas pelas paredes. Êstes tiveram sorte com a invenção. A distribuição dos móveis está certa e confortável. A sala deve ser pequena, o aproveitamento do recanto para livros e um armariozinho (bar) é muito prático. O equilíbrio está observado cuidadosamente, pois o sofá e seu arranjo de parede equilibram a cortina da parede vizinha com quase igualdade de volume. Mais uma observação: nenhuma côr é usada uma só vez. Tôdas são repetidas, o que é indispensável em qualquer lugar, para haver unidade e harmonia.

Nenhum móvel se vê isolado, sem fazer parte de um conjunto, outra regrinha pequena, mas que não pode nunca ser esquecida em nenhuma decoração.

Resumindo, o conjunto agrada e convida para uma boa prosa!



Escada de Lances

HILDON ROCHA

GRACILIANO, MEMORIALISTA

(Conclusão)

A honestidade de Graciliano Ramos — implacável — aliada à autenticidade de sua natureza de romancista, o preservaria das mistificações, do engôdo romanesco — e ainda do primário, do arbitrário em psicologia. Com êle, nada que se assemelhasse com a deturpação, tão do gôsto dos imaginosos. Ou com a literatura dirigida e encomendada, enquadrada num esquema — o de servir a uma causa, mesmo que êle a sentisse justa e apaixonante. Sem dúvida, é surpreendente ter escrito as suas memórias de prisioneiro político, precisamente na fase de sua vida em que se vinculou ao Partido Comunista. Manteve-se isento e independente — digamos imparcial — procurando resguardar a arte e a verdade humana, excluindo-as da órbita dos seus impulsos de homem comprometido ideològicamente. Sendo cega e irredutível a posição dos comunistas em face de todos os problemas de feição individualista, êle, tendo-se tornado comunista para ficar de acôrdo com os seus carrascos — não transigiu, tão pouco se permitiu enquadrar, quando o escritor entrava em cena.

Na verdade, prezava mais a literatura, que jamais utilizou no sentido das compensações materiais. Por isso mesmo, não foi sem razão que por ela sacrificou todos os outros impulsos naturais — o de viver cômodamente e confortàvelmente, por exemplo. Viveu o drama de sua coerência, entrando em luta com instinto, por fôrça do qual o homem foge à dôr e às ameaças (e em que os comunistas, apesar de tôda a intolerância que os impede de sentir humanamente, são ameaçadoramente admiráveis). Graciliano Ramos viveu êsse drama, mas, em função da arte e da condição de escritor escravizado à uma alta concepção dos valores estéticos. E êste sentimento, nêle mais forte e profundo que os demais, o conduziu à contradição como revolucionário, sobrepondo o intelectual ao stalinista militante.

Todo o seu sacrifício, tôda a sua renúncia se definiu, de modo especial, em favor da intangibilidade do artista. Como homem rompido com as classes dominantes, êle venceu o pequeno burguês anteriormente ajustado em postas de confiança da vida pública. Como escritor, teimosamente aferrado aos seus princípios de ordem estética, conseguiu ir mais longe, superando e ultrapassando todos os graves compromissos partidários. E, em nenhum outro livro, êsse ato de rebeldia se mostrou tão desconcertante, como nas "Memórias do Cárcere". Não se tratando de obra de ficção, e sim de um depoimento pessoal, encontraria compreensão de nossa parte, se tivesse sido apaixonado, se houvesse estravasado todo o seu ódio e tôda a sua mágoa — direito que ninguém lhe negaria.

A obra, sendo também política, sê-lo-á unicamente na substância e na interpretação. O escritor não julga nem condena explìcitamente, literalmente nada do que ali está contado. A condenação e o julgamento estão latentes, é visível, porém de modo implícito, não afrontoso. É um relato e não um libelo. Os fatos falam mais que a interpretação que êle não impôs diretamente. O rmancista, vigilante, conduz a mão do protagonista marcado de reminiscências tão cruéis. Não há uma página em que historiador ou o cronista se manifesta, ganhe terreno. Fechou-se o romancista egoìsticamente, no seu mundo: — os porões imundos, as células, o curral da Colônia, onde os percevejos e bichos parasitários são também personagens, desde que participam da tragi-comédia. Tragi-comédia que refletia um mundo em cataclisma político-social, de que emergimos não muito salvos porque já novamente ameaçados.



Thomas Mann

Graciliano Ramos viu o reflexo da paisagem mundial daqueles dias: viu-os nos homens, no pátio e nos cubículos onde se reuniam as primeiras vítimas da guerra começada. Viu-o com lentes microscópicas, detendo-se na semente onde germinavam as grandes inquietações que dentro em pouco ampliariam e multiplicariam aquêle inferno em miniatura. Como Thomas Mann fêz da "A Montanha Mágica" o esbôço da Europa anterior a 1914, Graciliano Ramos, não figurando mas reproduzindo, fixou o cenário dos idos de 35 a 37 — palco onde se reuniram compulsòriamente alguns dos primeiros participantes da próxima hecatmbe.

O romancista viu, em cada um dêles, o que havia de eterno e de imemorial: o homem, na nudez de sua alma e da sua miséria íntima, na sua fisionomia original — e, como o criador de "A Montanha Mágica" — inoculou de malícia, de certa dose de veneno irônico, o barro em que reproduziu com tanta fidelidade. Não há um só instante de pieguice ou de sentimentalismo. Até mesmo quando uma lágrima se torne necessária — êle sacode os ombros e escapa para o riso contrafeito. A tensão da maioria dos capítulos, vem, em primeiro lugar, da dôr sufocada, do grito amordaçado, da revolta transformada em áspero sarcasmo. Sempre a dôr contida pelo pudor de quem se habituou a prender a blasfêmia.

Terminando o livro — a que faltam os capítulos não escritos, alusivos às primeiras horas de liberdade, consoante esclarecimento do jovem escritor Ricardo Ramos, herdeiro da vocação do seu grande pai — não aponta caminhos para o homem, nem faz pregação de idéias que possam salvar a humanidade. Expondo as injustiças e as mazelas da sociedade que o tornou mártir por equívoco e estupidez, nada promete fazer para derrubá-la e exterminá-la. Considerava que tudo resulta do mesmo e único mal: o sistema da exploração do homem pelo homem, sistema que torna a vítima imprescindível à sobrevivência do algoz. Tinha vontade, no fundo, de ver modificada a estrutura firmada em bases tão antipáticas. Não se define quanto à esperança de chegarmos a uma época de relações menos safadas uns com os outros. Vendo a estreiteza e a mesquinhez de julgamento até mesmo naqueles que ali estavam condenados por terem tentado "destruir" os males do presente — desconfiava, certamente, da possibilidade dessa destruição. Ainda assim seu desejo era grande. E bem maior que as suas esperanças. Deixou, apesar disso, o seu depoimento, talvez convencido de que os homens não saibam encontrar nêle a advertência de que necessitam.

RETRATO PSIQUICO DE BALZAC

H. PEREIRA DA SILVA

O sensualismo raramente transparece em Honoré de Balzac. Na composição dos seus tipos, o sexo, como acentuamos no capítulo anterior, é marcado, caracterizado na forma convencional das vestes ou dentro da psicologia, mas de modo algum, sente-se as inquietações da carne na grande totalidade das suas personagens.

Amam-se os seus heróis em quartos fechados, vedados à curiosidade natural do leitor. Nada de cenas picantes.

Percorre-se romances, novelas, contos de temas os mais diversos sem que se esbarre em páginas impregnadas, mesmo suavemente, de sensualismo.

Em «Memórias de Duas Jovens Esposas», título que sugere confissões relacionadas aos primeiros contatos conjugais, o que se lê — não há outra definição — é um relatório minucioso da atividade doméstica exercida pela mulher no matrimônio, escrito na mais completa indiferença sexual.

História de duas moças que estudaram juntas num colégio interno, sustentando, depois disso, amizade através de cartas recíprocas, êsse romance, não faz uma referência excitante à conduta das jovens espôsas. A preocupação de Luiza de Maucumer e a de Renata d'Estorade é a de transmitir, uma à outra, as suas apreensões caseiras assim como as que seus maridos provocam. Recapitulemos esta observação:

«Ah! meu anjo, o casamento nos torna filosofa? Teu querido rosto devia estar amarelo no momento em que me escrevias aqueles pensamentos terríveis sôbre a vida humana e sôbre os nossos deveres». Referências constantes aos deveres, às obrigaçõs contraídas com o casamento, enchem páginas e mais páginas:

«Tanto sacrifício ao marido não é sòmente um dever absoluto para as mulheres de nossa posição social, é também o cálculo mais hábil», anota Luiza de Maucumer. Reflexões e nunca a espontaneidade dos impulsos fisgados pelos desejos posse, escapam da pena dessas jovens espôsas demasiadamente distantes dos instintos carnais.

Pálidas alusões, vez por outra, ao amor aventura, formula nas entrelinhas da longa correspondência epistolar Renata d'Estorade, das duas a mais audaciosa. Essas alusões, no entanto, não se consumam e, no fundo, não passam de cálculo sem a energia necessária à concretização de um fato desta natureza.

Resumindo, poderíamos dizer que em «Memória de Duas Jovens Espôsas», assim como em quase tôda «A Comédia Humana», não há espaço para o sexo como agente de excitação amorosa.

A novela «La Maison du Chat-Qui-Pelote» marca o caso de um casal em luta pela sobrevivência conjugal, ameaçada sèriamente pelo aparecimento, na vida do marido, de outra mulher. Pintor um tanto boêmio, casa-se Teodoro de Sommervieux com Augustine, filha de ávaros comerciantes. O tempo passa. E a inconstância do artista acentua-se à medida em que as raízes de puros sentimentos matrimoniais se aprofundam na alma da espôsa. O conflito é inevitável. Situações embaraçosas são armadas, tudo previsto esmeradamente. Mas, quanto à presença do sexo, completo alheamento do romancista.

«O baile de Sceaux», outra pequena novela, nada encerra em si de interêsse sexual. Escrita ainda à maneira da época, ou seja, em estilo romântico, salva-se apenas pelos instantâneos da Monarquia francesa em decadência. Assim mesmo, pouca coisa. Não vale a pena insistir nestas páginas pouco felizes, quando outras mereceram melhor tratamento de Balzac.

«A Comédia Humana», contém volumes inteiros que encadeados formam, em conjunto, um único livro, assim como os simples capítulos de outros romancistas reunidos, dividem períodos de um todo. A visão de Honoré era como a de Miguel Ângelo que alimentava o desejo de esculpir montanhas. Esta a razão da inclusão de obras secundárias no seu plano. Para atingir a altura por êle alcançada, seu gênio necessitava de repousar na planície.

A quantidade de narrativas destituídas de valor equivalente aos seus grandes romances, surpreende e decepciona o leitor esporádico. E' que em Balzac tudo é gigantesco, qualidades e defeitos.

A ausência de problemas sexuais, ou pelo menos, de descrições em que impelidos pela fôrça do sexo, as suas personagens apareçam na intimidade, é omissão evidente, de proporção nada insignificante, num homem a quem os mínimos detalhes não escaparam das suas curiosas lentes de prescrutador da conduta humana.



Honoré de Balzac.

Explica-se isto, talvez se considerarmos a unilateridade de já observada de caracteres com que dotava o romancista os seus tipos. Êle traçava o comportamento de cada um e não se afastava das linhas delineadas.

O velho Grandet é usurário do princípio ao fim. Goriot, a obsessão da paternidade, tudo perde pelas filhas, inclusive a dignidade. Luciano de Rupenbré, tem o caráter do seu criador e, em tôdas as circunstâncias, encontra justificativas para as suas ações. Suas mulheres, das mais expressivas às mais apagadas, são modeladas com a mesma argila, variando sòmente a forma de apresentação. Se são honestas — o que pouco acontece — nada as conduz a um passo falso. Ao contrário, quando destituídas de sã formação, não fazem outra coisa senão procederem de modo condenável.

Honoré de Balzac, completamente empolgado pela ação predeterminada das suas personagens, agia como um arquiteto na construção do seu edifício literário, não se afastando da «planta» cuidadosamente elaborada. Quando pintava um tipo, media tôdas as suas proporções físicas e psíquicas, suas atitudes futuras, seus amores, negócios, sonhos, nada esquecendo de adicionar à constituição dos caracteres em cena. Essa a razão pela qual — como uma obsessão — o ro-

(Conclui na página 57)



FIGURA VIVA

9 de maio de 1924. Meu amigo Jorge da Silva, personalidade das mais influentes do meio radiofônico do Brasil, majestade por princípio e vivíssimo por coincidência, nasceu nas Laranjeiras naquela casa. É testemunha de muitos acontecimentos ocorridos naquela época, naquele bairro. Descreve com precisão e "suspense" o engarrafamento do tráfego que se dava ali quando chegava um personagem ilustre para se hospedar no Guanabara. Hoje, o mesmo engarrafamento não surte o efeito de antes. Ainda no bairro aristocrático do Rio, Jorge se iniciou no futebol, onde conseguiu fazer alguns gôls. Depois mudou-se para à rua do Riachuelo, no centro, onde perdeu a prática e se iniciou em outro jôgo! o de sinuca. Essa influência "arcoista" fez com que sua mãe, D. Luiza, o levasse para o Engenho Novo, onde começaram a trabalhar para viver. Jorge, entretanto, voltou à prática do futebol, matando aulas, na "Quinta da Boa Vista" Os livros fizeram com que êle deixasse o futebol e se tornasse professor. Já em 1938 ajudava um cunhado a lecionar o curso primário. Formou-se professor e locutor de rádio Em 1943 conseguiu uma cadeira no "Instituto Flamel", onde lecionava o curso "comercial". Em 48 ocupava outra cadeira na escola "Orsina da Fonseca", como professor de Contabilidade e Português. No rádio fez sua "premiére" em 1947, na Jornal do Brasil, descoberto por Fausto Serpa, que lhe pagou um alto salário de locutor (para a época), Cr$ 1.300,00 (Hum Mil e Tresentos Cruzeiros), por somente quatro horas de trabalho. A "Guanabara" o convidou. Êle foi; depois retornou à "Jornal do Brasil", fugiu para a "Tupi", acabou o contrato, foi para a "Guanabara" onde conseguiu trabalhar dois anos seguidos, para retornar novamente à nova "Jornal do Brasil", apresentando importantes programas e sendo o responsável pelo "Jornal Falado" da Emissora. Escreveu também o programa "Páginas Escolhidas", trinta minutos de literatura e música, onde teve oportunidade de retratar os maiores literatos do mundo.

(Conclui na página 57)

SHORT

De PAULO DE SINHÁ

Eu só me caso com mulher rica, eu só me caso com mulher rica, eu só me caso com mulher rica... ficou tocando mais uma vez no rádio. O operador, com certeza, estava dormindo e a agulha entrou numa estria e repetiu — "eu só me caso com mulher rica". É, sem dúvida, um bom negócio.

Apareceu num jornal de Los Angeles o anúncio de um violino. As más línguas disseram que era a Carmem Miranda que ia vender o violino de Fafá.

O "Teatro Municipal" mostrará a mais interessante decoração apresentada até hoje nas pestas carnavalescas. Constrói-se um barco onde navegará a "Elite" da Capital da República. Os camarotes dos embaixadores ganharam um realismo artístico que custaremos a rever. O Quitandinha parece que ganhará o prêmio de decoração, depois do "Teatro Municipal". Zé Mauro nos mostrou fotos da decoração de Eduardo Soffler, que traduz fielmente um circo, e onde será realizado o concurso para saber quem será sua majestade, a "Rainha e o Rei do Circo". Esta é a decoração do Teatro Mecanizado". onde serão distinguidos os palhaços...

Julieta Valença, irmã de Esther de Abreu, vai ficar noiva do "seu" Edgar Estrela, do trânsito.

O "Baile dos Artistas" teve outra vez sua noite de apoteóse. Seus salões brilharam com o calor do desfile dos artistas do pincel. E uma menina que nunca representou (nem a sí) foi eleita "Rainha das Atrizes".

Ninon Sevilha foi roubada entre os festejos do "Festival de Cinema". Declarou Ninon que seu prejuizo é avaliado em oito milhões de cruzeiros — enquanto a Alfândega só registrou cento e vinte mil. Resta às nossas autoridades cobrar o imposto que a artista conseguiu negar e agradecer à "Virgem de Guadalupe", protetora de Ninon.

Michel Simon achou muita graça da quantidade de artistas que temos no nosso cinema. Pensou intimamente — "que povo gosado! não tem cinema, mas conserva artistas". Passava à sua frente o Alberto Ruschel. E êle perguntou quem era. Responderam que era o tal que antes tocava tamborim. Êle disse: "Engraçado! tem os cabelos mais compridos que a minha macaca Zazá"... E continua decepcionante o "I Festival Internacional de Cinema" do Brasil, ou, de São Paulo!..., porque o Sr. Franco Zampari está se aproveitando da situação para fazer agitação em pról de sua instituição Vera-Cruz. Êta terra de cego...

Vivien Leigh quebrou o braço quando representava em Londres a peça "The Sleeping Prince". Anda de pouca sorte essa bôa atriz. E a nossa amiga Ava Gardner quase é tragada pelos mares do Reno, quando fazia uma tomada de cena num veleiro, com mais quinze pessoas. Houve uma tempestade e quase a minha amiga e coqueluche de Frank Sinatra passa a morar no mar — sepultura digna de todo marinheiro que se preza...

Charles Spencer Chaplin não se tornou cidadão americano, contrariando assim a vontade do "Dep. de Estado" — sua mulher e seus filhos, todos norteamericanos, tornaram-se ingleses expontaneamente; — e o "Baile da Chave" reconstitui grandes carnavais que o Rio conheceu. Reviveram, seus sócios, amigos e convidados, uma noite de alegria que há muito tempo se desejava nos nossos festejos.

(Conclui na página 57)



O CARTAZ

ROGERIA é um dos nomes mais auspiciosos da nova geração de "estrelinhas" do rádio. A encantadora menina, que começou suas atuações na PRE-Neno, desde os seus primeiros dias de cantora mostrava essa naturalidade que marca as grandes artistas. Sempre natural, sem pôse e sem falsa modestia — sendo ela um exemplo de modestia — desde logo grangeou as simpatias do público ouvinte, e conseguiu fazer-se aceitar, quase que insensivelmente, pelos grandes nomes do rádio. Os maiores cartazes tomaram-se de simpatia pela jovem Rogéria — coisa quase automática — e eis a "estrelinha" tirando fotografias abraçada com as "maiorais" do rádio carioca. A menina tinha sempre o jeitinho de quem quase se desculpava de cantar bem, e as outras o jeitão de quem está muito satisfeita em ajudar "uma novata de valor".

E, assim, foi Rogeria, mercê de sua voz e de sua simpatia, abrindo, muito naturalmente, caminho para o seu "lugar ao sol".

Já no ano passado surgiu como uma das candidatas ao título de "Rainha do Rádio", e, depois de uma campanha emocionante, classificou-se entre as quatro primeiras colocadas.

E no concurso dêste ano, Rogeria — que vai subindo, com a maior naturalidade, os degraus da fama, já pertencendo, atualmente, à Nacional, onde atua em diversos programas, entre os quais o de Manuel Barcelos — reponta como uma das mais cotadas ao título de "rainha".

Consiga ou não a vitória, Rogeria continuará, certamente, sua colheita de louros, numa das carreiras mais seguras do rádio brasileiro.

COMO PEN

A correspondência destinada a esta seção deve ser enviada a PAULO JOSÉ — Redação de CARIOCA — Praça Mauá, 7, 3.º andar.

Prezado senhor Paulo José — Sendo uma das mais antigas leitoras de CARIOCA, venho, agora, por intermédio de sua querida e famosa seção, "Como Pensam Os Rádio-Ouvintes", trazer a minha opinião a respeito das artistas do rádio carioca. Embora admire muito Emilinha, Marlene e Dalva de Oliveira, noto que há muitos outros nomes novos, de tanto valor quanto essas veteranas, e que, no entanto, quase não são focalizadas pelas nossas revistas especializadas, ou, quando o são, apenas esporàdicamente. Será isso produto de má campanha publicitária das novatas, ou de boa e exclusivamente campanha das "maiorais"? De qualquer maneira, não acho justo que se passe em revista, durante páginas e páginas, as menores particularidades das grandes artistas, e que se crie quase que uma "cortina de fumaça" em tôrno dos novos nomes de valor. Temos exemplos como o de Angela Maria, Rogéria, Ivone Macedo e muitas novas que tanto custaram a aparecer, e que, quando conseguiram romper o "muro", surgiram aos nossos olhos e ouvidos como autênticas revelações e ótimas e encantadoras artistas. Vamos dar um pouco mais de incentivo às novas cantoras, tirando umas linhas, apenas, das eternas entrevistas com as maiorais? Garanto que o público preferirá saber alguma coisa a respeito de vozes novas que já admira, do que tomar conhecimento de que uma veterana gosta de camarões fritos, outra, comprou mais uma dúzia de vestidos, ou recebeu mais setecentos e setenta e sete convites de casamento. Agradecendo ao senhor o seu sempre renovado cavalheirismo com suas leitoras, aguardo ansiosa possível publicação desta, enviando-lhe desde já muitos abraços.

LUIZITA SOARES LIMA — Copacabana — Rio.

★

Prezado senhor Paulo José — Saudações. Sendo eu um assiduo leitor de CARIOCA, que considero a primeira entre tôdas as revistas do Brasil, quero, pela primeira vez, por meio dessa querida seção, enviar os meus aplausos ao belo cantor que é o nosso querido Ivon Curi, que cada vez está cantando melhor. Suas últimas gravações estão notáveis, e por aí se vê que o querido cantor de Caxambu continua tendo com seu repertório o cuidado que sempre teve. A voz de Ivon é uma das melhores do Brasil, não só pela sua suavidade como pelo seu timbre. Ele é que é o legítimo "O Maior". Com um grande abraço ao Curi, envio os meus sinceros agradecimentos ao senhor, caso venha a publicar a minha despretensiosa cartinha.

SAM OS RADIO-OUVINTES

WILSON ABREU — Casundá — Ceara.

✶

Senhor Paulo José — Respeitosos cumprimentos. Sendo eu um velho fã de CARIOCA, a revista que agrada a todos, venho por meio da sua seção, que é uma tribuna imparcial dos leitores, trazer os meus aplausos a um jovem cantor paulista, que ouvi outro dia, sintonizando uma emissora paulista. Trata-se do formidável "El Negrito", uma das vozes mais interessantes que já ouvi. O rapaz deve ser, em futuro próximo, um dos mais notáveis cantores do Brasil. Pelo menos, é o que sua voz

(Conclui na página 59)

O RADIO HA DEZ ANOS



LEA DE HOLANDA, que havia começado na Rádio Clube de Pernambuco, e ali tinha se saído tão bem, que até se casara, viera para o Rio, apresentara-se numa audição de D. Ilka Labarthe, e, agora, estava na Educadora, fazendo grande sucesso



Cesar de Alencar declarava ao jornalista que, antes de ingressar no rádio, pretendia ser militar, e que, se tivesse uma estação de rádio, os programas que preferiria seriam os de auditório, os humorísticos, os educacionais, e infantis



RODRIGUES FILHO era, havia já algum tempo, o locutor esportivo da Vera Cruz, onde já grajeara a estima de seus colegas e dos fãs, que sempre encontravam nele, além de um correto profissional, um delicado amigo

ELVIRA PAGÃ

escreveu

O BRASIL INTEIRO JÁ LEU

"VIDA E MORTE"

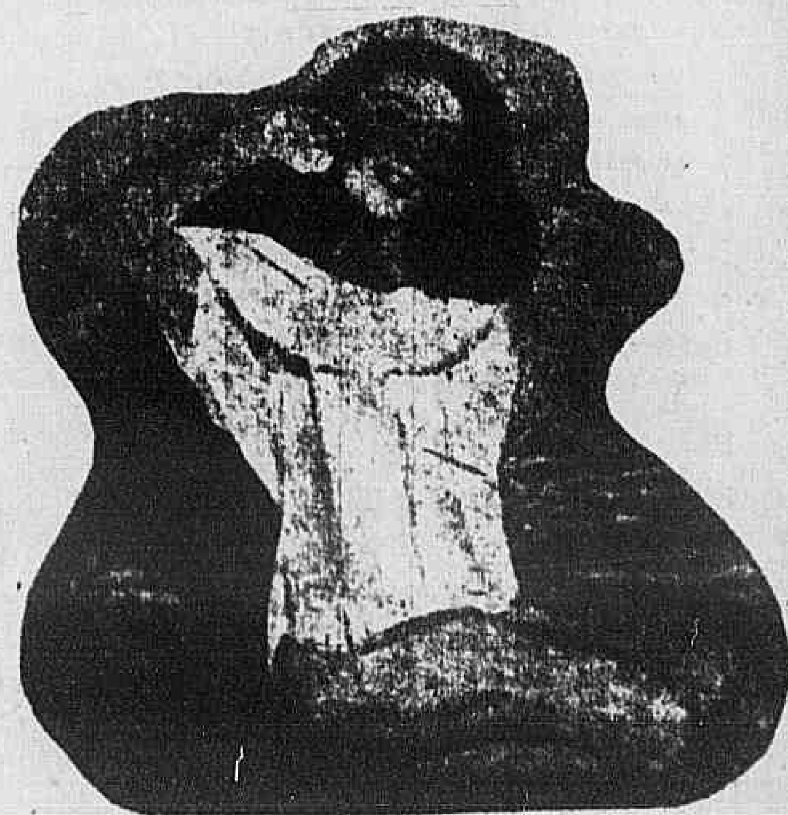
O livro com o qual conquistou a cadeira n.° 12, na ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS. Adquira o seu exemplar ilustrado com 14 lindas fotos e capa colorida. Agora pelo reembolso postal sem aumento

O EXEMPLAR: CR$ 60,00

de preço e autografado em seu próprio nome pela autora

PEDIDOS: OMER PRIMON. CAIXA POSTAL 339 — COPACABANA

RIO — DISTRITO FEDERAL



Por trás do Dial

OS CLUBES DOS FÃS

Faz seis anos, quando militava, diàriamente, na crítica, no jornal «A Manhã», escrevi duas crônicas sôbre os primeiros clubes de fãs surgentes, dando-lhes sugestões e conselhos que reputo atuais, ainda. Hoje, os fãs-clubes vão tomando forma e consciência, apoiados pela revista «Radiolândia», a cujo interêsse devem bastante. Estão se multiplicando ou ampliando seus quadros sociais, como os de Emilinha Borba, Marlene, Angela Maria, Carmélia Alves, Dalva de Oliveira e Doris Monteiro.

Apegados à precípua finalidade de estimular, zelar, popularizar e prestigiar as suas «patronesses», os fãs-clubes, nessa fase embrionária, cometem excessos, desculpáveis, uns, imperdoáveis, outros, numa ação típica do sentimento individualista da nossa gente. Penso, todavia, que êsse sentimento deve dar lugar — como dará, daqui a anos, quando estiverem amadurecidas as suas atividades — a um trabalho de maior profundidade e alcance.

Os fãs-clubes podem vir a exercer influência no nível artístico da nossa música popular, desde que incluam, em seus itens, o de desaprovar as composições fugitivas das boas normas da moral e da literatura. Podem e devem analisar o repertório de suas favoritas; promover reuniões para discussão de seus discos, indicando êrros e acertos; realizar conferências, a cargo de autoridades no assunto, buscando sempre aprimorar o gôsto de seus agregados. Instituir concursos para as melhores composições, criticar a favorita, influir na seleção de seu repertório.

O que não devem fazer é essa algazarra dos diabos nos auditórios; apupar as colegas; oferecer faixas a torto e a direito; achar que ela é sempre a maior e nunca a falível.

A maneira proveitosa de lutar pelo nome da favorita é a de, sob um critério inalterável e seguro, oferecer-lhe as sugestões recolhidas da média de opiniões, abrindo-lhe os olhos como o irmão mais velho e experiente faz com o mais novo. Em caso contrário, acirradas no impulso e ação de só valorizar e julgar que a favorita é a única, sem competidora, atrairá a antipatia do público e se desviará das boas fontes de inspiração e cordialidade.

MIGUEL CURI

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI, redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7, Rio.

Notícias

Dolores Durand, Edith Falcão e o conjunto de Bola Sete estrearão, dia 27 dêste, na Rádio Carve e numa «boite», em Montevidéu, abrindo uma temporada de trinta dias — Isis de Oliveira eleita «rainha» do Clube da Tesoura — A Rádio Inconfidência lançará, no dia 8 de março, o programa de Oranice Franco, «Meu Pai, Meu Maior Amigo», às 18,30 das segundas, quartas e sextas-feiras — Carlos Pallut segue, hoje, 23, para Caracas, a fim de fazer a cobertura radiofônica da Conferência Interamericana de Chanceleres para a Nacional — Jorge Curi, Luiz Alberto, Ruy Pôrto e Jaime Moreira Filho transmitirão, pela rede Nacional, Mayrink e Nacional de São Paulo, os jogos do Brasil nas eliminatórias do Mundial de Futebol — Aniversários: dia 25, de Jorge Curi, 26, de Isaurinha Garcia, 27, de Luiz Americano, 28 de Virginia Lane, 1 de março, de Altivo Diniz e Nuno Roland, e 3, de Reinaldo Dias Leme.

Vamos trocar cartas?

Estamos com idéia de promover um concurso para premiar, com livros, e publicá-las, as melhores crônicas sôbre a epistolagrafia. Que acham? Vale a pena? Anos atrás, realizamos igual concurso e o sucesso foi satisfatório. Hoje, deverá ser duplamente, pela expansão que a correspondência epistolar tomou. Mandem suas opiniões.

Cupão de inscrião

Isto aqui vale como um cupão. Mande-o junto com sua inscrição, na qual dirá porque pretende corresponder-se, dando, depois, seu nome completo, idade, profissão, ocupação, endereço e, se os tiver, seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie êste cupão.

Damos, abaixo, o nome das pesoas que desejam iniciar uma troca de cartas com os nossos leitores, acompanhados de seus dados pesoais:

DISTRITO FEDERAL — Erico Pereira, 26 anos, comerciário, com Pres. Prudente, Vassouras, Mendes, Esp., Port. e México; R. Emilia de Menezes, 157, Piedade — Daisy de Oliveira, 21 anos, selos, postais e cartas em port., esp., fr. e ing. com Br. e exterior, dois sexos; R. Ferreira Pontes, 471, Grajau — Hélio da Costa, 20 anos, comerciário, com S. P. e Minas; R. Baepina, 81, Vicente de Carvalho — Anselmo da Conceição, mulato, e José Martins, 26 e 23 anos, industriários; Rua C, entrada 2, apt. 302, IAPI, Del Castilho — Ivone Leal, 17 anos, estudante, com colegas de Engenharia; R. Cândido Mendes, 129, apt. 502, Glória — Doralice Gomes, 14 anos, estudante, cartas e trocas; R. Paulo de Azevedo, 78, S. Teresa — Edivaldo de Santana, 22 anos, escrevente, em taquigrafia; R. Maria Luiza, 61, Meier.

SUL DA CHINA — Alferes Mário F. do Nascimento Mendes, 23 anos, com moças; C. Postal 22, B. C. n.º 2, Mong-Há, Macau.

PORTUGAL — Clemente Lino, 31 anos, guarda-livros e escriturário, com formadas e filatelistas além de 20; Correio de Cacem, S. Marcos — Isidro Henrique Fernando, com moças de 20 a 25 anos; R. da Cruz Alcantara, 131, Lisboa — Orlando Silva e José Daniel da Silva, 26 e 18 anos, médico e estudante, em port., esp. e ing. com Br. e Américas; R. Morais Soares, 66, 2º Dto., Lisboa — José Rodrigues Gracio, 22 anos, estudante de aviação; endereço: Casal dos Claros, Amor, Leiria.

PARÁ — Belém — Marilena Chaves, 13 anos, estudante, com maiores de 18 de Minas, R.G.R., Rio e S. Paulo; R. Bailique, 113 — Mauro G. Dias e Roberto Medina, 19 anos, soldados; Base Aérea de Belém, Val-de-Cans — Raimundo Pampolha Junior, 18 anos; R. Oliveira Belo, 22 — Rosângela Eli e Ana Cristina, 19 e 18 anos, estudante e doméstica, com maiores de 22; Trav. Joaquim Távora, 270, Cidade Velha.

MARANHÃO — S. Luiz — Margaret Maciel, com os 2 sexos do Sul além de 25 anos; Trav. da Belira, Quinta Nelson Farias, Abrigo Feliz — Paloma Del Vale, 25 anos, comerciária, em port. e ing. cartas, selos e postais; R. Cândido Mendes, 64-2º andar.

PIAUÍ — Rogéria e Norma Araujo, 17 e 18 anos, estudantes, com Bahia, R.

G. S., Rio e S. Paulo; R. Cond'Eu, 564, Parnaíba.

PERNAMBUCO — Recife — Rosário de Fátima, 16 anos, estudante, com maiores de 22 do Br. e ext. em fr., esp. e port. belas artes e belas letras; Pátio de S. Pedro, 64-1º andar — Arlete Fonseca, 20 anos, estudante, com os 2 sexos do Br. e ext. em fr., esp. e port.; R. 1º de Março, 73-3º andar, S. Antonio

BAHIA — Margarida Lobo, 20 anos, estudante de Medicina, com universitários, oficiais e médicos além de 26 do Br e ext. sôbre livros, artes, ciências e folklore; Praça Gen. Inocêncio Galvão, 34, Salvador.

PARAÍBA — Gloriete Leite, 22 anos, funcionária municipal, mormente com espanhóis além de 25 anos; R. Senador João Lira, 428, João Pessoa.

RIO GRANDE DO NORTE — Natal — Mariceu Fontes de Queiroz, 23 anos, escriturária; R. Machado de Assis, 1.353; vaneic ... ante; Ivaneide Galhardo, 19 anos, estudante; R. Dr. Jajeus, 1.269, Alecrim. — Zenaide Fernandes, 20 anos, balconista, Av. Tavares de Lira, 7é, Natal.

SERGIPE — Pedro de Oliveira, 16 anos, comerciário; R. Barão de Rio Branco, 58, Maroim — Maria Anita do Nascimento, 20 anos, modista, com marujos; R. Siriri, 458, Aracaju.

MINAS GERAIS — Ney dos Santos Meira, 22 anos, estudante, rádio, cine e filosofia, postais e revistas; R. Euclasio, 74, Sta. Efigênia, B. Horizonte — José Lopes, 18 anos, tintureiro; R. Belo Horizonte, 239, Chapado, Formiga — Marlene Corrêa, 16 anos, estudante; Av. Alvarenga Peixoto, 533, Inconfidentes, Via Ouro Fino — Vanya Sanches, 18 anos, estudante; R. Alvares Maciel, 80, Inconfidentes, Via Ouro Fino — Aidée da Silva e Nadir Alves, 21 e 20 anos, modistas, cartas e trocas; R. Rio de Janeiro, 303, e C. Postal 515, Belo Horizonte — Mauricio de Almeida, 16 anos, estudante, troca de estampas eucalol, lapis de propaganda, selos, idolos do futebol, charadismo e palavras cruzadas; R. João Pinheiro, 173, Jardim Glória, Juiz de Fora — Teresinha de Jesus Pereira, 20 anos, professora, com Br., Port. e colônias; F. das Flôres, 36, Paracatu.

ESTADO DO RIO — Normando dos Santos, 32 anos, rádio-técnico; Colônia Penal Cândido Mendes, Ilha Grande.

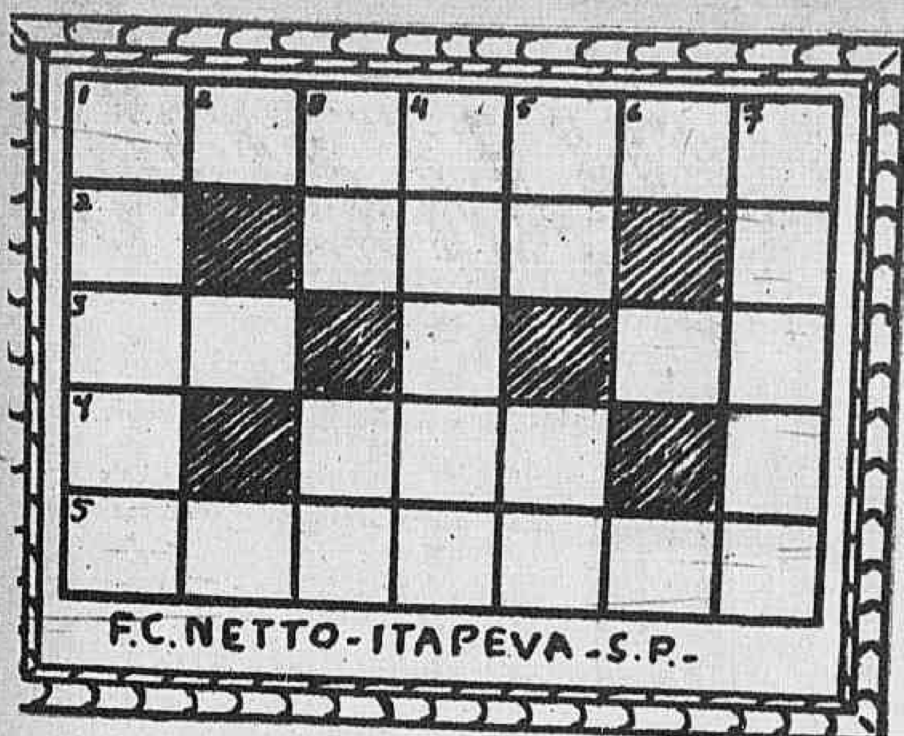
SÃO PAULO — Zumara Freitas, 23 anos, comerciária, com maiores de 23; R. Gonçalves Dias, 43, Franca — Rosemary Alves, 22 anos; C. Postal 101, S. Carlos — Heloisa Helena Marcondes, 21 anos, professora, com funcionários e universitários do Rio e S. Paulo; R. Silva Jardim, 63, Santos — Sebastião Vilasboas, 22 anos, locutor esportivo, cartas e trocas; R. Cap. Neco, 140, Cruzeiro — Edson Sensate, 17 anos, operário; R. José Belarmino, s/n, Itapolis — Maria Isaura Tanaka, 15 anos; R. Tupinambás, 20, Araçatuba — Luciano de Roma, 21 anos, decorador, com Br., It., Esp., Arg., Fr. e Uruguai; R. da Consolação, 1.581, S. Paulo — Teresinha Carvalho, 20 anos, estudante; Av. Ademar de Barros, 440, Pinheiros, S. Paulo Clau'nonor Martins e Sérgio Walter, 26 e 28 anos; R. Padre Adelino, 1720, São Paulo.



LEIAM

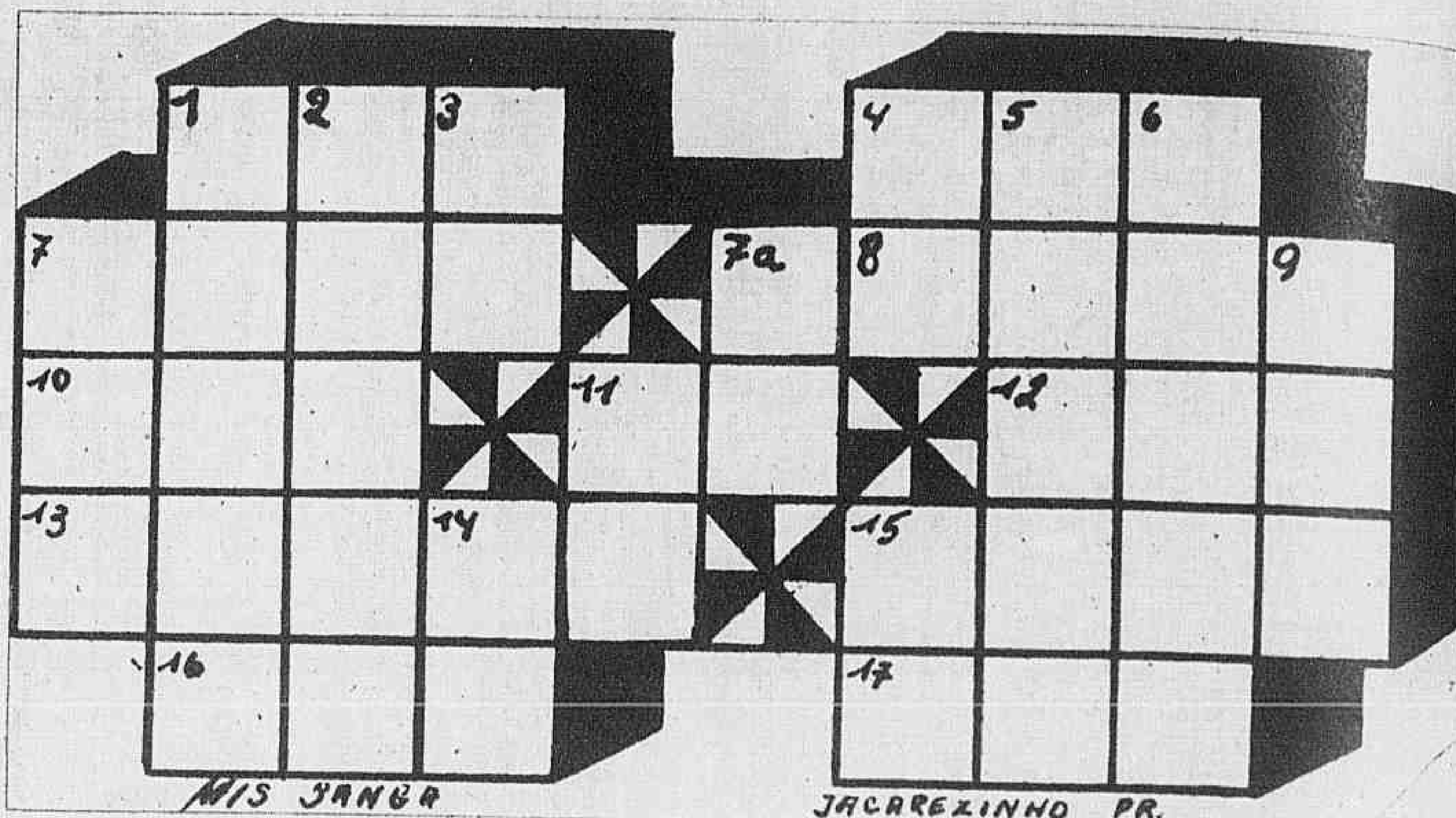
A NOITE Ilustrada

A revista completa



Para seu RECREIO

POR WILSON COUTO



Problema Itapeva

HORIZONTAIS: 1. Empedrado — 2. Falecidas — 3. Alto lá — Rei de Banzan — 4. Avestruz — 5. Membro da mesa de uma corporação.

VERTICAIS: 1. Pesquizam — 3. Medida itinerária chinesa — Existes — 4. Calor atmosférico — Carta de baralho — Paralisia — 7. Cada uma das partes de um maquinismo.

• • •

Soluções dos problemas do número anterior

PROBLEMA CINEMA

HORIZONTAIS: Xexe — Itém — Bata — Alas.

VERTICAIS: Xiba — Etal — Xeta — Emas.

PROBLEMA RITA HAYWORTH

HORIZONTAIS: Al — Ai — Mó — Ra — Mana — Alar — Rua — Ocara — Era — Aia — Apassamanar — Asia — Amor — Alado — Ato.

VERTICAIS: Amar — Bôlo — Uva — Má — Pá — Ás — Nó — Siá — Acasala — Aia — Ata — Aramado — Lá — Amo — Nó — Ré — Ar — Arar — Rir — Iara.

Problema Mis Sanga

HORIZONTAIS: 1. Multidão — 4. Semelhante; igual — 7. O mesmo que marimbondo — 8. Pesar, para obter a tara — 10. Composição poética — 11. De outro modo — 12. Espécie de peneira — 13. Giras; rodas — 15. Gostas — 16. Obstáculos — 17. A pátria.

VERTICAIS: Cidade da Polônia (2.400 habitantes) — 2. Sinal com que os antigos copistas marcavam os lugares adulterados do original — 3. Deus dos antigos egípcios — 4. Instrumento de padejar — 5. Abelha silvestre — 6. Tirar; roubar — 7. Rubor das faces — 7-A Pronome pessoal — 9. Título abissínio — 11. Artigo — 14. Pessoa exímia — 15. Símbolo do alumínio.

• • •



Problema Tonia Carrero

(LEONIDAS — S. Paulo)

HORIZONTAIS: 1. Veneno violento extraído da casca de um cipó — 6. Árvore da Fam. das Leguminosas — 7. Símbolo do Érbio — 8. Contração — 10. Graceja — 12. Lugar onde servem bebidas — 14. Bordas; barras — 16. — Perversa — 17. Aqui — 19. Batráquio — 20. Duas vezes — 21. Relativo ao osso — 23. Outra coisa — 24. Sòzinho — 26. Gastara — 29. Nome geral dos bovideos — 31. Avança.

VERTICAIS: 1. Gavinha — 2. Ant. nota musical Dó — 3. Caminho orlado de casas — 4. Acusada — 5. Comprar garrotes de ano — 9. Interj. de alegria — 11. Mana — 13. Habitantes da zona tórrida — 15. Além — 18. Artigo — 19. Pavio de cêra — 20. Segunda letra do nosso alfabeto — 22. Estar — 23. Clima — 25. Língua falada em Orixá — 27. Bebedeira — 28. Rebordo do chapéu — 30. Língua falada na França na Idade Média.

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio.

★

FRANCISCO LIMA — S. Lourenço do Sul — Anne Baxter acaba de divorciar-se de John Hodiak. Quanto aos filmes que interpretou são os seguintes: «Punhos de ferro», «O eterno Don Juan», «A tia de Carlito», «O segrêdo do pântano», «Soberba», «Abandonados», «Um mergulho no Inferno», «Cinco covas no Egito», «Estrêla do Norte», «Eram cinco irmãos», «A véspera de São Marcos», «A hipócrita», «Czarina», «Um sonho de domingo», «O fio da navalha» (que lhe deu o «Oscar» de melhor coadjuvante de 1946), «Furacão negro», «Eu o Sr. Satan», «Quatro irmãos a queriam», «O amor que me deste», «Muralhas humanas», «O toque mágico», «Céu amarelo», «Três «estrêlas» e um coração», «Malvada», «O que pode um beijo», «Amor invencível», «Páginas da vida», «Párias do vício», «A tortura do silêncio», «A gardênia azul» e «Eram todos pecadores». A idade da «estrela» é trinta anos.

★

JERONIMO FERREIRA — Rio — Monique Van Vooren é belga de nascimento e veio do cinema italiano, no qual estreiou em 1949, no famoso filme de Pier Angeli, «Amanhã será tarde demais». Tem 24 anos.

★

JANDIRA BARCELOS — Niterói — Oscarito estreiou no cinema em 1935, no filme «Noites cariocas», da Uiára-Filme. A relação completa de seus filmes é a seguinte: «Alô, alô, Carnaval!» (Cinédia-Waldow), «Bonbonzinho» (Sono-Filmes), «Banana da terra» (idem), «Está tudo tí» (Cinédia), «Céu azul» (Sono), «24 horas de sonho» (Cinédia), «O dia é nosso» (idem), «Tristezas não pgam dívidas», «Gente honesnosso» (idem), «Tristezas não pagam dívidas», «Gente honesmundo é um pandeiro», «E' com êste que eu vou», «Asas do Brasil», «Falta alguém no manicômio», «Carnaval no fogo», «Aviso aos navegantes», «Aí vem o Barão!», «Barnabé, tu és meu », «Três vagabundos», «Carnaval Atlantida», «A dupla do barulho» e «Nem Sansão, nem Dalila» (Atlantida).

★

MARINA — Rio — John Carroll apareceu últimamente em «Náufragos da vida» (Republic) com Vera Ralston, e «A vida é uma canção» (20-th-Century Fox) com Betty Grable.

★

JINKY — Pôrto Alegre — Está certa a filmografia de Marie Glory que o leitor enviou. Faltam apenas dois filmes mudos que a atriz interpretou em 1925 — «Les Dévoyés» e «Miss Hélyett» — quando ela trabalhava com o nome de Arlette Genny. Não fez nenhum filme no Brasil.

★

FRANCISCO RESENDE — Rio — 1º — «Os quatro cavaleiros do Apocalipse» foi exibido em 1923, simultâneamente no desaparecido Cine-Parais e no Cinema Ideal. 2º — No seriado «A dama de Monsoreaux» apareceram com Geneviève Felix — Gina Manés, Rolla Norman, Jean d'Yd e Raoul Praxy. 3º — Não tenho notas. 4º — O protagonista de «Rocambole» era Gaston Sylvestre. 5º — Não identifiquei o filme em questão.

★

JOAO MENDES — Rio — Em «Cidade tentação»: David Farrar-Strafford Parke, Honor Blackman-Mary Hart, Diana Dors-Dora, Nial Mac Ginnis-Muller, Andrew Crawford-David Raymond, Mervyn Johns-Mr. Hart, Phyllis Monkman-Ma Bracken, Hal Osmond-Brandy Hill, Bill Owen-Pinto, Philo Hauser-Piet Quieman, e John Blythe-Izzy Cohen.

★

ELINA — Rio — Justamente os filmes de Louis Salou que a leitora citou foram as películas do saudoso ator apresentadas entre nós. Não foram exibidas as seguintes: «La Machine à Sous» (1932 — primeiro filme), «Premier Bal», Boléro», «La Symphonie fantastique», «Le journal tombe à 5 heures», «La Vie de Bohème», «Le Voyageur sans Bagages», «Seul dans la Nouit», «La Revanche de Roger-la-Honte» (continuação de «Roger-la-Honte», (Desonra), que não foi apresentada no Pathé devido ao insucesso da primeira parte da fita), «Adieu Chérie», «Contre-Enquête», «Les Atouts de Mr. Vens», «Le Carrefour de la Mort» e «La Vie en Rose».

★



Maratona do público...

(Continuação da página 25)

de Mário Peixoto, constituiu, no Museu de Arte Moderna, a atração da série «retrospectiva do Cinema Brasileiro», isso às 14 horas e 30 minutos do dia 15. Na mesma data, às 15 horas e 30 minutos, o «Marrocos» apresentava mais uma sessão do Festival, com a película «La Roca», uma produção mexicana de Miguel Zacarias, que tem Libertad Lamarque como principal protagonista. Em seguida, às 16 horas, no Cine Arlequim, que fica distante do centro da cidade, na avenida Brigadeiro Luiz Antonio, houve uma sessão da «Jornada Francesa». Logo depois, obrigando os participantes da festa do cinema a uma verdadeira maratona, à rua 7 de abril, inauguraram-se os «stands» dos países produtores, da exposição de cinema da UNESCO e da exposição de Erich Von Stroheim. No mesmo lugar, na mesma hora, mas desta feita no segundo andar do edifício, acontecia um concorrido «cocktail» oferecido pela Comissão Executiva do Festival. Às 19,30 horas, no Museu de Arte Moderna, realizava-se mais uma sessão de «Os Grandes Momentos do Cinema». No «Cine Arlequim», às 20 horas, tinha lugar mais uma sessão da «Jornada Francesa». Às 21 horas e 30 minutos, no Museu de Arte Moderna, tinha lugar mais uma apresentação da «Retrospectiva do Cinema Brasileiro». E já às 22 horas, no «Palácio do Cinema», realizava-se uma sessão de gala, com «Noites de Circo», uma produção sueca. Encerrando o programa do dia, às 23 horas, no «Cine Arlequim», efetuava-se uma sessão da «Jornada Francesa».

«O CINERAMA E' MARAVILHOSO» — DIZ MERVIN LE ROY

Falando à imprensa, Mervin Le Roy, o conhecido diretor cinematográfico norte-americano de «Quo Vadis», discorreu sôbre diversos aspectos do cinema nos Estados Unidos, declarando:

— O cinerama é maravilhoso, porém, sem boas histórias jamais vencerá e conquistará o público.

Indagado sôbre a crise do cinema norte-americano, Le Roy respondeu:

— Em primeiro lugar, é bom que se saiba que não há pròpriamente crise no cinema dos Estados Unidos. O que há é uma enorme quantidade de filmes fracos, o que, aliás, sempre existiu e creio que sempre existirá. Não se pode fazer bom cinema se não há bons argumentos. A TV não decretou crise nenhuma do cinema e também ela sofre com a falta de boas histórias.

— Que diz de Erich Von Stroheim? — indagou a reportagem. A resposta do grande diretor veio rápida:

— Stroheim é um exemplo digno de ser imitado e respeito-o como ator e diretor.

Sôbre Charlie Chaplin, assim se expressou Le Roy:

— Não conheço Charlie Chaplin pessoalmente, mas sei que existe nêle um talento invulgar.

O grande diretor, que é também conhecido por seu ôlho clínico, pois tem descoberto uma infinidade de «astros» e «estrêlas», não disse, entretanto, qual o processo que usa para descobrir talentos. Alguém, com malícia, perguntou a Le Roy se o cinema «ianque» seria salvo por Marylin Monroe; êle sorriu, dizendo:

— O cinema norte-americano não precisa ser salvo. Quem precisa salvação sou eu, por Marylin Monroe ou outra qualquer do mesmo tipo.

DELEGAÇÕES PRESENTES

Ao redigirmos estas notas, já se encontravam em S. Paulo, particpando do I Festival Internacional de Cinema do Brasil, as seguintes delegações:

Iugoslávia — Oskar Davicho e Samulo Amdda.

Suécia — Adolf Akesson, Stig Olin e Uno Esplund.

Suiça — Jacques Monnet e Ouvanel.

Holanda — Van Domburg, J. C. Toonder e G. S. de Clercq.

Austria — Robert Steiskal, Anton Schughmann e Angelica Hauff.

Espanha — Don José Alonso Pesquera, Ana Mariscal, Anita Juncal, Gomes Tello e A. Tocildo.

Alemanha — Walter Koppel, Dr. Gunther Schwartz, Dieter Fritk e Barbara Ruetting.

Itália — Anibale Scicluna, Turi Vasile, Gianni Comercini, Sérgio Amidei, Domenico Mecoli, Antonio Pietrangeli, Leonora Ruffo, Cosetta Grecco, Lia Amanda, Maria Frau, Flavia Solivani, Monica Clay, Lambeto Sechi e Achille Piaza.

A ORIGEM DO FILME LUSITANO

O «Carro dos Enforcados» é um filme baseado num conto de Eça de Queiroz, intitulado «O Defunto», inspirado numa passagem de um sermão do padre Antonio Vieira. O filme foi realizado por Fernando Garcia e produzido por Domingos Mascarenhas, que é crítico de cinema há cêrca de vinte anos. Em 1948, publicou «Fitas e Franjas», volume de ensaios críticos. Hoje, continua se dedicando à produção de filmes e exerce a função de crítico da Emissora Nacional de Rádio Fusão. Fernando Garcia começou no cinema em 1935 também entrando como crítico. Logo depois penetrou nos estúdios. Os seus primeiros filmes foram: — «João Ratão», «Lobos da Serra», «O Pai Tirano», «O Pátio das Cantigas», «A Vizinha do Lado» e «Inez de Castro», todos realizados em parceria com outros cineastas. A sua estréia como encenador deu-se em 1949, em «Heróis do Mar». E é a êle que Portugal deve a realização de seus primeiros filmes coloridos.

FILMES NACIONAIS NO FESTIVAL

Foram escolhidos os seguintes filmes nacionais, que representarão o Brasil no Festival Internacional de Cinema: «Chamas do Cafezal», da Multifilmes, com Angélica Hauf; «Na Senda do Crime», da Vera Cruz, com Clede Jaconis e Miro Cerni; «O Gigante de Pedra», produção independente, de Carlos Hugo Khouri, e mais os filmes de curta metragem: «Fortunas Escondidas», «Entre o Tendal e o Mar», o primeiro dos quais foi filmado em «Ansco-Color» e realizado na região do rio Araguaia.

Os críticos cariocas presentes ao Festival pretendem distribuir diplomas ao melhor filme, melhor argumento original, ator, atriz, fotografia, música de fundo e conjunto de representação, isto é, país que apresentar o melhor número de filmes. Fazem parte da comissão os Srs. Celestino Silveira, Clovis de Castro, Ely Azevedo, Luiz Alípio de Barros, Salviano Cavalcanti de Paiva e Jonald.

7.ª ARTE

(Continuação da página 41)

Yvonne De Bray (recentemente falecida) e Silvie (excelente na mãe de Gino) e muitos outros. O argumento de Cayatte e Spaak esgota o assunto. Fitas dêsse gênero deviam ser exibidas em tôdas as universidades. E' um grito selvagem do homem que erra todos os dias em tôdas as latitudes. E as indeleveis consequências dêsse êrro, que se transforma em estigma pelos seus métodos punitivos. "Somos todos assassinos" é um filme terrivel.

"Atalhos do destino"

(Trouble along the way) — Warner Bross — Direção de Michael Curtiz — Lançado na linha do São Luiz

Depois de 26 anos de inestimáveis serviços prestados à Warner Bros, o cineasta alemão Michael Curtiz, cuja filmografia é das melhores, despede-se da companhia em que, com exclusividade, editou os seus mais definitivos sucessos. Sua despedida dos estúdios de Burbank é quase triste. "Atalhos do destino" é uma fita sem maiores itinerários, que a habilidade, inteligência e sobretudo, sensibilidade do grande cineasta salvaram do desinterêsse total. Curtiz dirigiu de tudo na Warner Bros. Confiaram-lhe os mais diversos gêneros de "scripts" e êle sempre soube estar à altura dessa confiança. Quando não havia possibilidade alguma de "salvar" as aparências da infelicidade da história, o "velho" Curtiz portava-se com dignidade e orientava da melhor maneira possível, deixando o barco correr com mais agrado. Nesse modesto "Atalhos do destino", sentimos, aqui e alí, um toque de sua nostalgia e do seu bom humor, fazendo mesmo render algumas situações. O "script", do produtor Melville Shavelson, de parceria com Jack Rose, não dá margem a revelações maiores. A história original de Douglas Marrow (que foi o cenarista de "O homem de bronze") e Robert Hardy Andrews é demasiadamente pêso pluma. John Wayne, um dos atores mais genuinamente norte-americanos, está correto. Sheroy Jackson é a garotinha e está bem. Donna Reed, depois de um desaparecimento retorna mais credenciada e mais artista. Marie Windsor tem segura contribuição na ex-espôsa. Charles Coburn valoriza seu papel, com sua costumeira naturalidade, num bem vivido reitor. A música de Max Steiner, jogada com inteligência, constitui nota dez das fitas da Warner. "Atalhos do destino" é uma fita modesta, quase triste, que a direção sensível de Michael Curtiz tornou possível assistir-se num dia de menos exigência por parte do espectador.

"Paris em abril"

(April in Paris) — Warner Bros — Direção de David Butler — Tecnicolor — Lançado na linha do Palácio

"Paris em abril" é uma das mais me-
ocres comédias musicais que Holly-
ood tem produzido nestes últimos tem-
os. Não há nada mesmo que salve as
parências, ou que justifique o des-
erdício de duas horas numa sala de
rojeção. A fita é vazia de tudo e a
ua maior característica — ser um mu-
ical alegre — não existe. A falta de
nspiração é de pasmar. Há muito não
resenciavamos tamanho despropósito no
ênero. Até Paris, que é sempre Paris, é
isto em cartão postal, muito mal apre-
entado nos «sets» de Burbank. Há to-
lices a granel e por pouco o transatlântico
ão atraca nas "docas" de Paris, uma
idade terrestre como é. Coisas dos geó-
rafos de Hollywood. Doris Day, com-
letamente fora do tom de alegria e co-
municabilidade que sempre tem, expõe-
se a ridículos, como dançar desnuda, o
que constitui nela uma concessão im-
possível. Ray Bolger, um dos maiores
dançarinos da América do Norte, inteira-
mente apagado, não dança nem pega na
criança. A estréia de Claude Dauphin
em Hollywood não podia ser pior, nem
mais cheia de concessões. Um ator da
tradição de Claude Dauphin não pode-
ria jamais fazer um papel tão sem ex-
pressão como êsse. Eve Miller, Paul
Harvey, George Givot e outros comple-
tam a asneira. A direção de David Bu-
tler é inacreditável em letras garrafais.
Os números musicais, orientados pelo
veterano e caduco Le Roy Prinz, são
todos de um denunciador mau gôsto. A
fotografia de Wilfrid M. Cline, destitui-
da de tudo, até de Paris. O fox «Paris
em abril" creio ter sido o dançado nas
"parades" por Fred Astaire, em "Núp-
cias reais". "Paris em abril" é um hor-
ror! Uma das fitas mais tristes do ano.

"Sentinela do deserto"

(Desert Legion) — Universal-Internacional — Direção de Joseph Pevney — Tecnicolor —Lançado na linha do Copacabana

"Sentinela do deserto" é o grito de carnaval da Universal-Internacional. A história é mais velha do que minha avó. A única diferença entre essa fita sôbre legionários e outra fita sôbre legionários é o tecnicolor que faz a areia mais quente e o amor mais doce. Certamente que os cenaristas Irving Wallace e Lewis Meltzer não se preocuparam em fugir à fórmula. Apenas em certos pontos deram mais "colorido" e criaram mais dificuldades para o mocinho acabar nos braços da mocinha. E que mocinha! Por Allah, que valia a pena correr todos aqueles riscos para acabar seduzido por Arlene Dahl, senhora absoluta daquelas paragens. Arlene Dahl é uma beleza que Hollywood continua desperdiçando em romances baratos. O que mais encanta em Arlene é a sua classe. O louro Alan Ladd tem mesmo seu público de morenas e está acabado. Não se discute com os "brôtos". O correto Akim Tamiroff reaparece para relembrar as velhas aventuras. Richard Conte desta feita é o homem mau, o que não lhe fica bem. Oscar Beregi, Leon Askin e outros completam o elenco. A direção de Joseph Pevney foi o que tinha que ser — aquilo mesmo. A verdade é que diretor nenhum poderia "salvar" uma história comprometida dessas. "Sentinela do deserto" é um divertimento cem por cento para a gurizada e os apaixonados.

"Paris é sempre Paris"

(Parigi é sempre Parigi) Art-Filmes — Direção de Luciano Emmer — Lançado na linha do Art-Palácio.

Luciano Emmer veio do documentário em linha direta para a fita de ficção. Desde o seu documentário sôbre «Giotto», em 1938, que Emmer se revelou o cineasta dos detalhes caracterizadores. As suas três esplêndidas realizações, no campo da fita de longa metragem com enrêdo e personagens, numa história dessas de «qualquer semelhança é mera coincidência», até o seu recente «Leonardo Da Vinci», tem demonstrado a capacidade e o valor dêsse jovem cineasta. «Paris é sempre Paris» situa-se entre o seu primeiro e vitorioso experimento de ficção, «Domingo de Verão» (Domência D'Agosto), e «As garôtas da Praça de Espanha» (La ragazze di Piazza de Spagna), recentemente exibido. Essas três fitas dão a medida justa do talento autêntico de Luciano Emmer. E' bem verdade que elas, apesar de guardarem suas características, são, pelo seu estilo, profundamente parecidas. A maior habilidade de Emmer é enfeixar uma série de histórias num tronco único, que sempre é um lugar. O personagem central de seus dramas é, como vimos, a praia de Ostia, uma praça de Roma e nesse a cidade de Paris. Uma das suas características é animar personagens da classe média, com os seus problemas mais diversamente humanos. «Paris é sempre Paris», sua produção de 1951, é a melhor em qualidade do que «As garôtas da Praça de Espanha», rodada em 1952. «Paris é sempre Paris» conta com uma trama leve e saborosa. Mostra Paris vista pelo prisma dos turistas. Aldo Fabrizi, glória do cinema italiano, como sempre à vontade no papel. Ave Ninchi comparece correta mais uma vez, fazendo sua espôsa. Lúcia Bosé vive com beleza a filha do casal. Marcello Mastrojanni é seu noivo. Helen Remy e Franco Interlenghi dão a nota sentimental naquêle lírico casal de adolescentes. Galeazzo Benti está bem no impassível italiano que pagava as contas. Ainda tomam parte Jeanette Batty, Henry Genes, Paolo Pavelli, Carletto Sposito, Henry Guisol e muitos outros. Yves Montrand toma parte cantando as mais belas canções francesas dêsses últimos tempos. A história de Sergio Amidei e Guilio Macchi é divertida e teve vários cenaristas, como é de costume no cinema italiano. Fotografia funcional de Alenkan. Para os que conhecem Paris, a fita é uma recordação das mais amáveis. Para quem nunca foi a Paris é um autêntico passeio. Luciano Emmer mais uma vez comprovou a sua capacidade como orientador e, sobretudo, firmou o seu estilo.

FIGURA VIVA

(Continuação da página 4 9)

Continua lecionando no "Instituto Flamel", "História Geral e Taquigrafia". Fez o Curso de Jornalismo na "Faculdade de Nacional de Filosofia", de Ceramica no "Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro" de onde é sócio. Fez o curso de literatura na "Academia Brasileira de Letras". Escreve sôbre "Politica Internacional" tem 1,80 de altura, pesa quase 90 ks., é míope, gordo, não! meio gordo, fuma cigarros brasileiros, bebe muito bem, aceita todos os convites — mas não comparece a nenhum e fala no microfone da PR-F4 quase tôdas as noites

P de S

SHORT

(Continuação da página 4 9)

As mais altas expressões dos meios artísticos, sociais e intelectuais do Brasil se encontravam no minúsculo salão, aonde transbordavam compreensão, amizade e uma esfusiante algazarra.

Foram dados a conhecer a todos os presentes ao "I Festival Carnavalesco da Chave" os nomes dos laureados com "chaves de ouro", da "nequette" promovida pelos sócios do clube. São êles: Prof. Joaquim Costa Ribeiro, Iwar Beckman, Jasques Klein, Erico Verissimo e Manuel Barcelos. As "Chaves" serão entregues logo que dois dos laureados que se encontram na Norte América regressem a êste grande país.

E tôda imprensa paulista está contra a organização do "Festival de Cinema". Desta vez êles encontraram eco no Rio. Waldemir Paiva (O Mundo) descobriu que não houve concorrência para as exibições do cinema Marrocos. Muniz Viana (Correio da Manhã) e Hugo Barcelos (Diário de Notícias) ficaram solidários com os cronistas que não foram convidados e lá não apareceram. D. Carmem é a moça que resolve os casos do festival — grande artista!

Roxina, ouve o meu lamento, venha me consolar...

RETRATO PSIQUICO

(Continuação da página 48)

manicista lançava as suas criações ao papel com aquela inexorável determinação assinalada.

(Capítulo do livro a sair, «Retrato Psiquico de Balzac»).

Cravos e Espinhas

Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
Rua México, 31 - 15.° — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso

Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado ....

A CULPA ERA...

(Continuação da página 7)

cheque no correio, querida. Lamento ter-te tratado tão mal. A culpa não foi tua nem de Carlos, foi minha e não sei como desculpar-me.

Súbito, compreendeu que Maria o soubera desde o primeiro momento. Por isto aquele brilho estranho em seus olhos quando a acusara. Contudo não se defendera nem lhe lançara em face seu próprio descuido e posterior esquecimento. Pelo contrário, procurara suavizar a situação sugerindo-lhe assistir ao programa em casa do vizinho, para distrair-se. E súbito, outra lembrança lhe veio à mente, provocando-lhe quase uma dor física. Lembrou-se vagamente de algo sôbre a televisão, algo que "êle" devia ter feito na véspera, a pedido de Maria. Acaso seria telefonar para a Companhia pedindo que mandassem alguém examinar o aparêlho?

Reconheceu então, humildemente, que Maria nunca se servira de Carlos para desculpar suas próprias faltas. Que Carlos era na realidade uma maneira de amar mais e melhor, uma desculpa para passar por alto as faltas da criatura amada.

Gregório estendeu a mão procurando a da espôsa.

— És uma criatura ideal — disse com voz emocionada.

Mas os olhos da espôsa não se iluminaram como costumavam iluminar-se quando êle lhe dizia algo carinhoso, e por um instante o fato o preocupou. Seria que Maria não podia perdoar-lhe por havê-la tratado tão mal aquela tarde? Compreendeu sua atitude e experimentou um alívio imediato ao ouvi-la dizer de súbito, timidamente: — Gregório, a propósito do carro...

Coisa rara, mas já Gregório não sentia sombras da irritação que o dominara momento antes, ao descobrir o estrago.

— Oh, sim, eu vi quando cheguei — replicou, encolhendo os ombros. Não compreendo é como Joãozinho pôde fazer isso... Pensei que soubesse dirigir melhor

Maria baixou a vista.

— Eu... eu deixei-o ir com os amigos. E saí com o carro...

Gregório segurou-lhe o queixo, obrigando-a a erguer o rosto, e olhando-a nos olhos, disse muito suavemente:

— Não te preocupes, querida. Certamente êle o pôs no seguro...

— Que queres dizer? — perguntou a espôsa, admirada. Quem o pôs no seguro?

— O cidadão que fez isto com o carro... Carlos...

Viu que os olhos da espôsa voltavam a iluminar-se e soube que Carlos estava de volta. Agora sabia qual era o papel de Carlos em sua casa. Simbolisava algo assim como o perdão, a compreensão das faltas de outrem, a indulgência. Oh, sim alguém como Carlos podia ser útil, muito útil numa casa, a dois sêres que se amavam e não queriam ferir-se.

NOVIDADES, BOATOS...

(Continuação da página 23)

De tempos em tempos, Heddy Lamarr anuncia a sua "firme" intenção de abandonar a vida artística para se dedicar, inteiramente, à vida familiar. Geralmente êsses seus ataques se dão logo depois de um novo casamento da estrêla. Agora, fiel à tradição, Heddy declara mais uma vez o seu propósito de ser apenas espôsa e mãe e passar a ser conhecida apenas como a Sra. Howard Lee. Sua intenção é tão forte, que já seguiu para Houston, no Texas, com seu novo marido e seus filhos (produtos de casamentos anteriores e de adoção), para tomar posse da lindíssima residência que seu riquíssimo espôso preparou especialmente para ela.

À MERCÊ DO DESTINO...

(Continuação da página 26)

cêrca do quintal, o arranjo do caminho que ia ter ao galinheiro, a emenda de um arame arrebentado...

Puras manhas para fazer-se rogado. E bastava insistir um pouco para vê-lo azafamado com os preparativos da partida. Na verdade, "eram os únicos dias em que podia avistar-se com os amigos". Já a volta não era tão airosa quanto a ida. Isto depois de ter-se "avistado com os amigos"... Mas o pessoal de casa fingia não ver nada. Nem seu andar cambaleante, seus tropeços, nem mesmo, por vêzes, suas quedas. D. Eulália era a primeira a desculpá-lo e enquanto disfarçadamente o ajudava, sorria com indulgência:

— Afinal de contas — dizia — são tão poucas as vêzes que êle sai do sério...

Insensivelmente Gregório transformara-se numa espécie de capataz da fazenda. Era êle quem aconselhava, resolvia e dava ordens. Seus conhecimentos eram amplos e seguros. E era de alguém assim que os velhos estavam precisando de há muito, desde que lhe começaram a pesar os anos.

Por outro lado Goyo encontrara uma aliada. Jeane. Tinha ela olhos muito negros e uma boca fresca e rubra. E muito cedo ainda, logo ao cair da noite, os dois eram vistos juntos, rindo alegremente ou passeando de mãos dadas.

Súbito, porém, as coisas começaram a mudar. E o que nunca até então havia acontecido naquela fazenda passou a acontecer. Primeiro, uma sêca repentina, quando tudo prenunciava uma safra feliz. Depois, ao entrar certa manhã no galinheiro o velho detém-se estarrecido: estendidas no chão, pernas esticadas, bicos esverdeados e espumosos, um sem conta de galinhas mortas. A seguir, o flagelo das sementeiras que as vacas haviam invadido, tendo-se arrebentado um arame da cêrca. E, por último, o tombo que levara "seu" Cosme e do qual saíra bastante machucado.

D. Eulália fôra a primeira a dar o grito de alarma.

— Estamos azarados... O azar entrou nessa casa.

Era noite e tomavam o mate na cozinha. A mulher olhou para a filha e logo para o rapaz.

Goyo sorriu contrafeito.

— E a senhora crê nessas coisas?...

— Como não crer? Por acaso você ignora que quando há coruja num sítio Deus se esquece dos pobres?...

Um grito de terror interrompeu-lhe a preleção. No mesmo instante em que lhe pronunciou o nome, o silvo fugaz de uma coruja cortou a noite com seu circear agoureiro.

— Virgem Maria Santíssima! — exclamou a mulher, ao mesmo tempo em que o silvo ecoava de novo no sítio.

E a noite volveu a ser senhora absoluta do silêncio.

A partir dêste dia as coisas mudaram. E Goyo começa a notar no pessoal de casa uma certa frieza e afastamento. Suas palavras parecem já não interessar. Tampouco seus conselhos. Evitam-no. E quando êle se assenta à mesa, persignam-se rápida e disfarçadamente. O velho vai à cidade e de lá regressa o mais depressa possível, ocultando-se sempre. Mas o que mais lhe doi, a êle, Gregório, é a falta da rapariga. Até há bem pouco nela encontrava confôrto, em sua voz companheira e amiga, cheia de promessas e sonhos... Agora, nada mais que uma longa série de esperas vãs, de dolorosa solidão.

O pior era que os flagelos continuavam. Uma inundação na região das colheitas, a morte de uma quantidade de porcas com crias... a praga na área das frutas...

A vida tornara-se-lhe de todo insuportável. Tinha a impressão de que todos o apontavam e parecia-lhe mesmo, em dado momento, ouvir D. Eulália pronunciar a terrível palavra:

— Coruja... Coruja...

Gregório sorri dolorosamente. Que pode fazer para que compreendam sua inocência? De que recursos lançar mão se é o destino que está contra êle na parada! De nada valem agora seu labor de antes, sua eficiência nas tarefas do campo, seus conhecimentos... O destino marcara-o. E marcas não se apagam com sôpro...

Resignadamente começa a reunir seus objetivos. À tarde falara com o velho e acertara suas contas. Ao despedir-se estendera-lhe a mão e sua mão quedara no ar, vazia, desamparada.

Ao raiar do dia parte sem ver ninguém. Apenas por um instante parece vislumbrar a silhueta de Jeane, na beira do poço. Talvez uma ilusão, um desejo seu, talvez.

Lindo amanhecia o campo. Fresco, alegre, luminoso. Pôs-se a galopar sem rumo, por entre as cercas e plantações de trigo. Do alto de um tronco, uma coruja fita-o sinistramente, com seus olhos redondos, e o rapaz sente um calefrio cruel percorrer-lhe a espinha. Logo sorri e murmura:

— Adeus, irmã!...

E reinicia o galope.

GILDA VALENÇA...

(Continuação da página 35)

te as lágrimas denunciam o seu estado de alma. E' formada em contabilidade. Estudou música e canto. Diz que seu coração chora de alegria com os aplausos dos fãs. Sua palestra é interessantíssima. Demonstra experiência e conhecimentos literários. A propósito e, sem que ela tivesse conhecimento prévio do fato — vamos publicar um dos seus inúmeros poemas, que se intitula:

«SE MEUS OLHOS FALASSEM»

Ai, quantas vezes choram de amargura
Os meus olhos que os teus não compre-
[endem,
E talvez quem sabe se não pretendem
Dizer que o teu olhar o meu procura.

Se meus olhos falassem, que loucura!,
Diriam todo o amor que por ti sentem.
Verias nêles bem, que nunca mentem,
Porque só sabem querer-te com ternura.

Teus olhos meigos, tristes, sensuais
Não mais serão de alguém... De nin-
[guém mais,
Que o teu olhar pelo meu anda faminto.

Eu quero-te tanto, que nem sei
Se dentro dos meus olhos acharei
Palavras para dizer tudo o que sinto.
....

— Que acham? De nossa parte, achamos uma delícia... Êstes versos são bem a personificação da autora, viva, amorosa e meiga, na sutileza do trato e da voz nas canções que interpreta em «gorgeios canoros», que inebriam nossos ouvidos.

— Sucesso! Muito sucesso Gilda, são os nossos votos sinceros. Os seus fãs querem vê-la mais, ouví-la mais e apreciá-la mais...

COMO PENSAM

(Continuação da página 51)

promete. Fiquei imediatamente fa daquela voz aveludada, e espero ter o prazer de ouví-la mais vezes. E' qualquer coisa de emocionante. Seria formidável que alguma das estações cariocas o trouxesse para o Rio, a fim de que êle pudesse sentir mais de perto a admiração dos seus fás. Emocionado ainda sob os influxos da bela voz do cantor-revelação, firmo-me, muito grato.
OTACILIO PINTO — Centro — Rio.

*

Prezado redator Paulo José — Atenciosas saudações. Como grande fã de Orlando Silva, venho trazer a êsse cantor notável o meu aplauso pela sua notavel campanha em 1953. Orlando continua, sem dúvida alguma, a ser um dos maiores cantores do Brasil. E, apesar de surgirem por aí uns mocinhos querendo imitá-lo, sem que os outros percebam, Orlando continua a ser inimitável. Pena é que certos cantores não saibam esconder o seu despeito, e, no entanto, procuram imitar o nosso grande "Cantor das Multidões". Avante, Orlando, continue assim, e não dê ouvidos à inveja dos que o imitam e o procuram diminuir depois. Que Orlando continue assim, sempre contando com o estímulo de sua bela espôsa, dona Lourdes, e ainda terá por muitos anos a situação privilegiada de que desfruta agora. Um forte abraço ao querido "Cantor das Multidões" e meus melhores agradecimentos ao senhor, pela possível publicação desta.
COARACY DA LIMA FURTADO — Braz — São Paulo.

VARIEDADES MUSICAIS

(Continuação da página 39)

Entre os boleros e música tropical, encontramos, no mercado chileno, as seguintes novidades: Com Lucho Gatica, sob o acomp. de Don Roy e sua Grande Orquestra — o bolero-mambo "Di que me quieres" e o bolero "Quedate comigo"; com Mario Arancibia, sob o acomp. dessa orquestra recém-mencionada — o schottisch "Monisima" e o bolero "Extraño sentimiento"; com Roberto Inglez e sua Orquestra — o beguine "Maravilhoso" e "Nocturno cubano"; com Oscar Aleman e sua Orquestra de Jazz — o samba "Ay morena" e a batucada "Nostalgias" (Saudades); com Alberto Mendez, pianista — o baião "Anna" e o beguine "Vuela Paloma" (Vola Colomba); com Carlos De Palma e sua Orquestra Característica — "Baion del acordeon" e o fox-trot "La cafetera" (A cafettiera); e com Lorenzo D'Acosta e sua Orquestra — o bolero-mambo "Y ya pasando el heladero" e o baião "Frivolidad".

*

Em matéria de música européia, temos as seguintes novidades em Santiago do Chile: Com Xaver Grundhuber e sua Orquestra — as valsas "Stolzenfels" (Stolzenfels am Rhein) e "En el bosques de Turingia" (Thuringer wald); com Jonny G. Liljeberg e sua Orquestra — os foxes "No me dejes solo contigo" (Lass' mich nie mit dir allein) e "No me digas!" (Ich zahl' mir's an den knopfen ab); com Dejos Bela e sua Orquestra — as valsas "Te amo" e "Estudiantina"; e, por fim, temos o disco de Don Roy e sua Orquestra, que reune, em suas faces, os pasodobles "España Cañi" e "Del Bocho".

Na Columbia

Àqueles que gostam de ouvir fantasias sugerimos a gravação, em duas partes, de "Dawn fantasy" (Fantasia da madrugada), de autoria de Peter York, gravada pelo autor e sua Orquestra de Concêrto. Ao piano, em magnificos solos, está essa figura notável que atende pelo nome de Arthur Sandford.

*

Dois famosos intérpretes da música popular norte-americana: Um — não só canta como encanta (Jo Stafford); outro — não só canta como berra (Frankie Laine). Pois bem! Ambos, em dueto, interpretam, no seu novo disco, os seguintes ritmos: "Gambella" ou, se preferem, "The gambling lady" (A jogadora), de autoria de Gilkyson, e "Hey, good lookinn'" (Olá, bonitão), de Hank "Jambalaya" Williams. Esta face, digase de passagem pelas esquinas da Broadway, está um pouco melhor. Acompanhamentos pela Orquestra de Paul Weston e pelo Côro Norman Luboff, tendo, ao piano, a figura de Carl Fisher.

*

Um dos mais interessantes discos que esta etiquêta lançou apresenta, em suas faces, as composições "O" (Oh!) e "You, you, you" (Você!). A primeira é de autoria de B. Gay e A. Johnson; a segunda — grande sucesso atualmente nos Estados Unidos — traz as assinaturas de R. Mellin Olias. A execução de ambas está confiada a Ken Griffin, que as apresenta em esplêndido solo de órgão.

Para os que gostam de música melódica, aqui está um bom disco de Paul Weston e sua suave Orquestra — "Gigi", melodia de Thorean e Veran, que vem acoplada com "Shane" (The call of the far-away hills), de autoria de M. David e V. Young. Esta última é ouvida no filme do mesmo nome, da Paramount.

*

Com o notável conjunto "Trio Los Panchos", temos o sucesso de Russell, James e Pepper, "Vaya con Dios", que apresenta, na outra face, um número bem melhor — o bolero de C. Navarro, "Lo Dudo".

Na Polydor

Algumas melodias e ritmos dançantes para o seu devaneio: com Werner Mueller — "Tumpet blues", fox-trot de James e Matthews, e "Leap frog", de Brown; com Helmut Zacharias e sua orquestra — "Boogie maluco", de Zacharias, e "Swing party", do mesmo; com Alfred Hause — "Recordações do passado" (Das waren zeiten), uma seleção de melodias favorítas apresentadas em 2 partes; com Benny De Weille e sua orquestra — "Dixie", fox-trot de Weille, e "Meia noite no Congo" (Mitternacht am Kongo), do mesmo, com Michael Lanner e seus solistas — "Alegria no Rheno" (Frohsinn am Rhein), um potpourri de marchas e valsas executadas em 2 partes; e com Imperio Argentina — "Triana" e "La muerte de Vargas Heredia.

*

Na Copacabana

Gilberto Alves, outro autêntico campeão carnavalesco, e que foi conquistado por essa etiquêta recentemente, gravou, para as folias Momêscas dêste ano, o bonito samba "Castelo no môrro", de Aldacir Louro, A. Mendonça e Izaulino, e a marcha "Eu, Néro e Casanova", assinada por Ary Cordovil, Bucy Moreira e Salvador Micelli.

*

Orlando Silva, que se revelou um dos campeões da fábrica em epígrafe, em 1953, apresenta, paar o Carnaval, a "Marcha das flôres", de Haroldo Lobo, Romulo Paes e Henrique de Almeida, e "Herança", bonito samba de Newton Teixeira e Brazinha.

Carioca
EMPRÊSA A NOITE
PUBLICA-SE AOS SÁBADOS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.º and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil
*
Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA
*
Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00
ASSINATURAS:
Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias
12 meses .... Cr$ 150,00
6 meses .... Cr$ 80,00
OUTROS PAÍSES
12 meses .... Cr$ 300,00
6 meses .... Cr$ 160,00

COISAS QUE ...

(Continuação da página 5)

Por enquanto, vale a pena assinalar que Eilleen Christy é uma "estrêla" do futuro, ainda lutando com fôrça de vontade, para vencer apenas pelas interpretações sinceras dos papéis que lhe são entregues.

Aqui entre nós, "Miss" Eilleen é um espetáculo para os olhos. Sua plástica nos faz esquecer as qualidades artísticas que ela certamente poderá ter oportunidade de demonstrar em breve. Até lá, pois, apreciemos o que Eilleen nos mostra através desta série fotográfica.

OLIVINHA CARVALHO...

(Continuação da página 13)

— Gostaria que mais uma vez você esclarecesse algo aos fãs. Embora eu seja grande admiradora dos portugueses e até filha de portugueses, o que aliás para mim é uma honra, sou carioca da gema, nascida no coração da cidade.

ENCONTRO COM...

(Continuação da página 21)

mos planos, Anne revelou que está atualmente estudando o seu novo papel, em «John Brown's Body», uma peça teatral de Paul Gregory, sob a direção de Charles Laugthon, fazendo parte do elenco os nomes de Tyrone Power e Raymond Massey. Essa nova peça será o acontecimento da temporada, quando estrear em San Francisco e seguir em «tournée» pela América.

A atraente Anne Baxter, atualmente uma loura cem por cento, nasceu no dia 7 de maio de 1923, na cidade de Michigan, Indiana. Após completar os estudos secundários, iniciou o aprendizado de arte dramática com o conhecido Theodore Irving. Na Broadway, estreiou em «Seen But Not Heard», com a idade de 12 anos.

Indo para Hollywood, chegou a fazer um teste para interpretar o papel de «Rebecca». Não conseguiu êxito, entretanto, pois todos nos lembramos de que a interpretação da personagem coube a Joan Foitaine. Permaneceu, porém, na méca do Cinema e iniciou o desenvolvimento dos seus estudos artísticos com a grande Maria Ouspenskaya, desaparecida algum tempo atrás.

Estava escrito que, mais cedo ou mais tarde, Anne Baxter teria que ser lançada na téla. E isso aconteceu num filmezinho de terceira categoria, intitulado «Twenty Mule Team». Realmente, êsse não era o papel indicado para ùm grande sucesso... mas valia como começo de uma carreira que hoje todos são unânimes em aclamar como uma das mais brilhantes.

— «Meu primeiro sucesso na téla foi «Estrêla do Norte». Depois, êste foi suplantado pelo papel que interpretei em «Soberba», com Orson Wells. Daí por diante, vocês estão bem a par da minha vida cinematográfica, e acredito que poderão julgar melhor do que eu minhas possibildades artísticas».

— «E dos seus trabalhos nestes dois últimos anos, quais o que você acha mais interessantes?

— «Bem, gostei muito de trabalhar sob as ordens de Alfred Mitchcock, no elenco de «I Confess», filmado no Canadá. E, também, do meu papel em «O Grande Espetáculo» («Carnival Story»), que a RKO produziu na Alemanha, em duas línguas e com dois elencos distintos.

ELE É MUITO...

(Continuação da página 29)

Nosso entrevistado levanta-se, mostra como deverá representar um número que está se plasmando em seu cérebro. Depois pára e declara que tem alguns quadros pintados e que pretende desenhar muitas coisas. Seu tempo é sempre empregado em estudos, por isso mesmo está sempre em caso, ainda que em certos dias da semana tenha que ir à aula de ballet, de jiu-jitsu e ao futebol do clube «Monte Carlo».

E' torcedor do Fluminense, gosta de crianças e de brotinhos. Êstes o perseguem sempre, em todos os locais que aparece.

Considera o teatro um meio de morte mas tem certeza que não será outra coisa senão artista de teatro e tem fé de um dia ir até Hollywood e o fará como artista credenciado.

Ariston é ainda um excelente declamador e um poeta de excepcionais qualidades, por isso tem o vício de ler versos de Manoel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade, Castro Alves e outros.

Falando de vícios, Ariston declara que não possui nenhum vício, nem o de mentir. Pelo que nos disse, parece ser um dos verdadeiros do nosso teatro...





Em cerimônia realizada no auditório da "Imprensa Nacional", colaram grau os alunos que terminaram o Curso Científico, no Colégio Felisberto de Menezes, entre os quais a Srta. Yolanda Maria de Araujo Silva, que teve como paraninfo o deputado Natalicio Tenorio Cavalcanti. Nos salões do Botafogo de Futebol e Regatas, o acontecimento foi festejado com um baile, que se caracterizou pela elegância e animação. As fotografias mostram o instante em que a Srta. Yolanda Maria de Araujo Silva recebia seu diploma e um aspecto colhido por ocasião do baile

ESTUDE

Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Gratis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.

CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

LEIAM

A NOITE Ilustrada

A revista completa

CURIOSIDADES

As pernas crescem de importância à medida que os vestidos encurtam. Atenção, pois, com as pernas, e, quem diz pernas, diz meias! Aliás, neste terreno, um italiano, o Prof. Troncchi, acaba de fazer descobertas interessantes. Assim como uns se dedicam ao estudo de grafologia para conhecer o caráter das pessoas pela escrita, e outros estudam a coturnologia, para observar o temperamento de um cidadão pelo modo de gastar o calçado, assim êste cavalheiro italiano estudou outro aspecto da psicologia e descobriu que se pode saber muita coisa sôbre o caráter e o temperamento de uma mulher, observando a maneira dela usar meias. Assim, segundo o Prof. Troncchi:

1 — As mulheres que têm sempre as costuras das meias cada uma "espiando" para um lado são voluntariosas e independentes. Observa-se isto frequentemente nas mulheres de negócios e nas que exercem profissão liberal. Muitas vêzes há, infelizmente, nestas criaturas, uma certa tendência para a intransigência e a dureza.

2 — Meias mal seguras, que obrigam a dona a puxá-las, volta e meia, em horas absolutamente inadequadas, revelam criaturas um tanto aéreas, estabanadas, que não levam as coisas muito a sério. Em geral, inspiram aos homens um desejo de protegê-las, já que elas, evidentemente, não saberiam cuidar-se sozinhas.

3 — As mulheres que conseguem ter sempre as meias perfeitamente postas, costuras no lugar e tudo, denotam um equilíbrio perfeito. Estão em paz consigo e com o mundo. Só que é preciso um cavalheiro de perfeição semelhante, para que elas se dignem de considerá-lo para efeitos românticos.

4 — As criaturinhas que estão sempre procurando endireitar a meia, que o sapato "engole" constantemente, são em geral sensíveis, dotadas para a literatura e a arte. O esfôrço físico não é com elas. As esportivas, ao contrário, costumam ter dificuldades não com o calcanhar da meia, mas com a maneira por que enruga no tornozelo, formando uma espécie de acordeon.

★

Os cientistas ainda não conseguiram descobrir — entre muitos outros segredos — por que o açúcar tem um sabor doce, por que uma viga de aço não se mostra cem ou mil vêzes mais resistente do que o é na realidade, ou por que certos verões são secos e outros úmidos. Também continuam a ignorar a essência da vida e a causa do frio ordinário. E, ainda quando desvendassem o primeiro problema, não se seguiria daí, obrigatoriamente, que o segundo estaria de todo esclarecido. Os átomos e as estrêlas ainda guardam a maioria dos seus segredos. A ferrugem e a traça não deixam de impor os seus pesados tributos. Em última análise, a ignorância da ciência é quase tão extensa quanto o seu conhecimento, e, de certo modo, talvez até mais interessante.

O vagalume continua a produzir a sua luz de maneira mais econômica do que o faz a engenharia humana. O bicho da sêda fabrica o seu produto com uma perfeição ainda não superada por qualquer organização industrial; e nenhum engenheiro conseguiu, até aqui, converter a energia solar em material alimentício, como o faz diàriamente qualquer planta verde. Não sòmente o cientista se mostra incapaz, até certo ponto, de produzir os seus próprios alimentos, mas, também, isolado em pleno coração do Saara, êle precisaria de um número elevado de aparelhos e matérias primas, a fim de fabricar água em quantidade suficiente para conservar-se vivo.

Diz um velho ditado, muito estimado pelos educadores, que "conhecer é poder". Mas a verdade é que permanece indecifrável o segrêdo que cerca o conhecimento da maioria das coisas dêste mundo... sem falar do outro!

★

Ginger Rogers é quarentona. Vejamos a que ela atribui o seu esplendor físico: 1) Não faço regime, não bebo álcool nunca, nem uisque, nem coquetéis. 2) Não fumo. 3) Lavo a cabeça duas vêzes por semana e escovo os cabelos duas vêzes por dia com um pouco de óleo. 4) Durmo dez horas por noite. Meu sono é sagrado".

SEGREDOS DE BELEZA

Se você nasceu com a pele morena conserve-se assim e aperfeiçoe, apenas, os dons que a natureza lhe deu. Use maquilagem de acôrdo com seu tipo e não queira clarear, de repente... Existem loiras «glamorosas», mas as morenas também são irresistíveis... quando sabem usar as suas armas de sedução.

⁂

Você que gosta tanto de examinar as vitrinas de «lingerie», de vestidos, de acessórios, pare de quando em vez numa mostra de produtos de beleza. De quando em vez «acontece» uma novidade e as côres da maquilagem estão sempre variando de acôrdo com a estação.

⁂

As sobrancelhas bem depiladas enfeitam qualquer rosto de mulher. Mas sobrancelha bonita, não quer dizer, sobrancelhas «à la diable», ou em forma de vírgula, ou retas como se você fôsse uma chinesa. Procure seguir o contôrno natural e elimine, apenas, o excesso, ou melhor, os fios que sairem da linha. Não modifique a expressão de sua fisionomia com uma sobrancelha exótica.



Está muito bem você se maquilar, você que tem apenas dezesseis anos. Mas use maquilage, não abuse das tintas. Nada mais exquisito que uma mocinha sobrecarregada dêsses artifícios. Seria muito melhor você proceder assim: passar um creme de limpeza bem leve, na pele, retirá-lo com papel absorvente, passar um pouco de «rouge» em pasta, levemente e apenas o baton. Nada de pó de arroz, nem de lapis, nem de rimel. E você ganharia em beleza, em simplicidade e esplendor.

⁂

Quer dizer «mãos de fada»?... Mãos claras, assetinadas, de pele macia, sem rugosidades, sem manchas. Você poderá conservá-las assim se usar todos os dias a escova com bastante espuma de sabonete, e após, bem enxutas, uma mistura de glicerina e limão. As suas mãos ficarão claras e bonitas, e é fácil de usar esta fórmula tão simples!...

⁂

Tire o excesso do seu creme com papel absorvente, tôdas as noites, antes de dormir. Serão apenas, suficientes trinta minutos de creme nutritivo em redor dos olhos, antes de você fazer a sua toilette noturna. Um pouco de água de rosas um chumaço de algodão elimina os últimos vestígios do creme e prepara o rosto para uma noite repousante e tranquila. E tem ainda a vantagem de deixá-la suàvemente perfumada.

DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 13 às 18 hs.
Rio de Janeiro

DO MEU CANTINHO... PARA O SEU LAR

MARIA CLARA

As ceias frias não exigem grandes despesas e nem fazem mal à saúde. Podem servir-se depois de uma partida de «bridge» ou em outra ocasião oportuna. Dispõe-se na mesa de jantar, alguns pratos contendo pequenas fatias de presunto, «mayonaise» de ave ou peixe, quadradinhos de queijo, «sandwichs» de várias qualidades, alguns salgadinhos, azeitonas, salada de frutas, biscoitos, qualquer doce ou tórta. Serve-se caldo de frutas ou ponche, vinho branco gelado. Ornamente a mesa com flores frescas, e você leitora amiga, com a sua arte de dona de casa, deixará os seus convidados plenamente satisfeitos.

★

Quando comprar uma galinha, procure a que tenha os pés amarelos. A carne é mais tenra e mais saborosa. A crista também deve estar vermelha, caso contrário, a saúde da ave é pouco recomendável e então imprópria para a alimentação.

★

Os peixes ficam escamados melhor quando submersos em água fervente, por um instante.

★

O aipim é um vegetal comumente usado em nossa alimentação. Contém hidratos de carbono, proteínas, gorduras e pequena cota de cálcio e ferro. Seu valor é equivalente à batata, possuindo, porém, maior teôr de hidratos de carbono, quase o dôbro, sendo portanto, bem mais pobre em vitamina C. Pertence, como a batata, aos vegetais do grupo C., isto é, aos feculentos que contém cerca de 20% de hidratos de carbono, podendo, por isso, substituí-la quando necessário nas iguarias culinárias. O aipim é a mandioca doce, que no Norte do Brasil é conhecida pelo nome de macachêra e no Sul, por aipim. A mandioca é uma planta brasileira do gênero das euforbiáceas, de cuja raiz se extrai uma fécula nutritiva com que se faz a tapióca.

★

Os alimentos simples, de fácil preparo culinário, são os mais recomendáveis. Os alimentos muito temperados ou de conserva, são de difícil digestão.

★

Não é conveniente guardar na geladeira as maçãs ou outra fruta aromática, próximo da manteiga, do crême ou do leite, porque o seu aroma característico lhes comunicam, deixando sabor desagradável.



H. R. BARROSO

VATAPA' DE CAMARAO

Põe-se numa caçamba: uma colher de gordura, duas de azeite de dendê, uma cebola, salsa, manjerona, tomates e cebola verde, tudo picado bem fino, acrescentando-se sal com alho e três pimentas bem ardidas. Refoga-se e quando estiver alourado, põe-se um quilo de camarões já preparados, (descascados, sem as cabeças e bem lavados). Mexe-se muito bem e refoga-se por espaço de dez minutos. Põe-se, a seguir, água suficiente, deixando-se ferver até cozinhar os camarões. Retiram-se uns oito ou dez camarões e batem-se até se reduzirem a uma espécie de farinha. Põe-se outra vez na caçamba e engrossa-se com fubá mimoso.

SALSICHA DE LOMBO

Num prato-travessa põem-se: um pouco de sal, uma colher, das de chá, bem cheia de salitre, algumas folhas de louro, uma colher de massa de tomates, e mistura-se tudo. Toma-se o lombo, sem molhá-lo e vão-se-lhe passando êsses ingredientes, até que penetrem nele muito bem ,o que consegue, esfregando bem, em todos os pontos. Deixa-se o lombo durante umas três horas em repouso. Tira-se todo o louro, dobra-se o lombo pelo meio e põe-se na tripa grossa, que previamente esteve de môlho, algumas horas, para ficar ber macia, sendo, também, com caldo de limão. Vai-se apertando com o barbante até que todo o ar seja expelido. Amarra-se em tôda a extensão, passando-se o barbante em uns 8 dias, podendo, entretanto, ficar o tempo que se quiser. Quando se desemuitas voltas, bem miudas. Assim preparado, o lombo vai ao fumeiro durante jar preparar o lombo, procede-se da seguinte maneira: coze-se em água temperada durante três horas; tira-se, aperta-se com uma tábua, tendo um pêso por cima para haver compressão bem forte. Deixa-se o lombo, assim, em compressão, por espaço de algumas horas, feito o que, está preparado e pode ser servido. Conserva-se o lombo envolto em papel e guardado em lugar fresco. Só se deve preparar o lombo no inverno.

BISCOITINHOS DE ARARUTA

Dois ovos, as claras batidas em neve, juntam-se-lhe as gemas, deitam-se 250 gramas de açucar, batese bem e em seguida vai-se pondo araruta, até que a consistência da massa permita que se enrolem os biscoitinhos nas mãos. A massa, porém, não deve ser muito dura. Forno quente.

CREME DE FORMINHA

Colocam-se numa tigela trezentas gramas de açucar, seis gemas. Batem-se muito bem e juntam-se três claras batidas em neve. Torna-se a bater e, a seguir, deitam-se aos poucos um litro de leite, duzentas gramas de farinha de trigo, baunilha ou a raspa de um limão. Forram-se as forminhas lisas com massa própria, enchendo-se, não muito, com êste creme, indo ao forno quente. Dentro de quinze a vinte minutos está pronto o creme. Quando esfriar, tira-se das forminhas.

DOCE DE AMENDOAS COM DAMASCO

Faz-se uma calda em ponto de fio com quinhentas gramas de açucar e amêndoas passadas na máquina, 125 gramas de amêndoas passadas na máquina, os quais já devem estar de môlo, há algumas horas, seis gemas e quatro juntam-se-lhe uma colherinha de manteiga, duzentas e cinquenta gramas de claras. mistura-se tudo e leva-se ao fogo, até despregar da caçarola; retira-se e guarda-se num prato, no dia seguinte enrolam-se as bolinhas, do tamanho de avelãs e passam-se em açucar cristal. Colocam-se em forminhas de papel.

CAJUZINHOS DE AMENDOIM

Meio quilo de amendoim torrado e moido, três gemas, uma clara, quatro xícaras de açucar e chocolate em côr para dar côr.

Amassa-se tudo bem e se a massa ficar muito dura, pode-se pingar um pouco de água para amolecer.

Fazem-se os cajuzinhos, espetando-se um amendoim.



Eis a capa de FIGURINO, a revista para as mãos femininas, à venda em todos os pontos de jornais.


ISAURINHA GARCIA,
RAINHA DO RÁDIO DE S. PAULO
CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES E FINAMENTE PERFUMADOS
Quina Petróleo ORIENTAL
A VIDA DOS CABELOS